



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTE**  
**COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA**

**WILLER BERTOLDO LINS**

**HISTÓRIA E MENTALIDADE DOS DEFICIENTES VISUAIS EM ALAGOAS**

**Maceió**  
**2018**

WILLER BERTOLDO LINS

## **HISTÓRIA E MENTALIDADE DOS DEFICIENTES VISUAIS EM ALAGOAS**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de História do Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Arte da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Clara Suassuna  
Fernandes

Maceió

2018

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

L759h Lins, Willer Bertoldo.  
História e mentalidade dos deficientes visuais em Alagoas / Willer Bertoldo Lins. -  
Maceió, 2018.  
152 f.

Orientadora: Clara Suassuna Fernandes.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - História) – Universidade Federal  
de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 107.  
Apêndices: f. 109-152.

1. Deficientes visuais – História. 2. Deficientes visuais - Preconceitos. 3. Braille  
(Sistema de escrita). 4. Cegos - Educação. 5. Escola Estadual de Cegos Cyro  
Accioly. I. Título.

CDU: 376.32



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE HISTÓRIA

ATA DE REGISTRO DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE  
CURSO (TCC) À BANCA EXAMINADORA DO CURSO DE HISTÓRIA

Aos 25 dias do mês de outubro de 2018, foi instalada a Banca Examinadora do trabalho de conclusão de curso (TCC) de História do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), às 17, na sala 107 desta IES, a que se submeteu o(a) graduando(a) WILKE BERTOLDI LINS do curso de Licenciatura em História tendo como título o trabalho: História e Mentalidade dos Deficientes Visuais em Alagoas como requisito para integralização curricular e obtenção do Diploma de Graduação após a Colação de Grau, tendo como Banca Examinadora os(as) professores (as): Presidente(a)-Orientador(a) Clara Sussana Fernandes (UFAL), 2º membro Joel Roberto Gomes, e 3º membro Joel Roberto Santos Lima referendado pelo colegiado do curso de Bacharelado em História. Analisando a apresentação do trabalho pelos membros da banca examinador, foi atribuída a nota 10,00 que resultou na APROVAÇÃO do trabalho. E, para contar, eu, presidente da banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim e pelos membros da Banca Examinadora. Maceió/Alagoas, 25/10/2018

1º Membro: Presidente(a) Orientador(a): Clara Sussana Fernandes  
2º Membro: Joel Roberto Gomes  
3º Membro: Joel Roberto Santos Lima

## **AGRADECIMENTOS**

O que foi mais importante na minha vida até hoje, aos 34 anos faço uma retrospectiva e descubro que a maior realização da minha vida é estar vivo, pois cada objetivo alcançados antes são coisas de pequenas circunstâncias anacrônicas à vida de qualquer pessoa e vejo sem hipocrisia nenhuma que o ápice da minha existência foi ter nascido que o resto corri atrás até conseguir. Assim, não esquecendo o entre nós a família os amigos verdadeiros e até as inimizades que me deram um grande aprendizado nessa vida. Obrigado por ter construído o ser social e histórico que se encontra redigindo esse agradecimento, como uma memória um desabafo de tantas lutas que são tão minhas como suas. Quando me pego olhando o passado, refletindo o que sou e o que já fui tenho diversas sensações de gratidão ao longo da minha vida e descobri que não sou nada sem meus amigos especiais e sem a minha família.

Tenho quatro amores que são eternos o amor a minha mãe e irmã, família e aos meus amigos que de certa forma fizeram a dialética desse ser social histórico capaz de ter coragem de dizer que amo todos vocês, não tenho muito tempo para falar isso para cada um de vocês, pois a cada dia da nossa existência morremos um pouco mais, e com essa realidade, as oportunidades vão se dirimindo. Apesar disso, fica aqui o registro de todo o meu carinho a todos que me auxiliaram nesta caminhada. Há todos que ficaram comigo enquanto eu pegava coletivo ou no simples trajeto pelo campos da UFAL. Obrigado especial a Rodrigo, do curso de História licenciatura, e a Ana Maria e a Bianca do curso de Pedagogia que foram os meus bolsistas especiais e alicerce fundamental para que concluísse este curso. E um grande e verdadeiro carinho e amizade pela Silvana, outra bolsista de Pedagogia, que fez uma transformação de mentalidade e sempre veio auxiliando neste Trabalho de Conclusão de Curso, que merece muitos aplausos e elogios da minha parte pela sua disposição e inúmeros diálogos nos nossos encontros no NAC. Obrigado por tudo! Aos orientadores da UFAL aos entrevistados, que muito contribuíram para esse trabalho, e a Deus por permitir que eu conclua mais essa etapa da minha vida.

## **RESUMO**

Neste trabalho apresentaremos a mentalidade sobre o deficiente visual que foi alimentada pelas religiões, e posteriormente difundida no subconsciente das civilizações ocidentais chegando à contemporaneidade com a mesma força. Colocamos em foco instrumentos de acessibilidade e tecnologias que possibilitam a autonomia e a desconstrução da mentalidade criada sobre o deficiente visual, deixando em evidência as barreiras atitudinais e arquitetônicas. Apresentamos uma gama de subcategorias de pessoas com problema de visão e remontamos a primeira escola para cegos na história e como foi o processo dela até chegar ao Brasil e posteriormente em Alagoas.

**Palavras-chave:** Deficiência visual. Mentalidade. Religião. Escola.

## Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 VISÃO HISTÓRICA DA MENTALIDADE FORMULADA SOBRE O SUJEITO CEGO	12
2.1 Preconceito nas palavras e ações	14
2.2 Lutas e reconhecimentos	15
2.3 Pré-História	22
2.4 História Antiga: visões do Velho Testamento e do Novo Testamento	23
2.1.1 Outras Civilizações: Grécia, Roma e Espartas e o mundo medieval - Entrelace entre dois momentos históricos	27
2.1.2 Consequências para o mundo contemporâneo: super proteção	28
2.1.3 Contradições	28
2.1.4 Sensações e conquistas	29
2.1.5 Crianças	29
2.1.6 Idade Medieval Falsa proteção	30
2.1.7 Educação e produção agrícola	31
2.1.8 Lendas	32
2.1.9 Homero: personagem	32
2.2 Visão Bíblica: citações	33
2.2.1 Personagens	34
2.2.2 Conceitos: dignidade e relações humanas	35
2.2.2 Repulsa	36
2.3 Período Moderno e Contemporâneo	37
2.3.1 Segunda Guerra Mundial – mudanças de paradigmas	37
2.3.2 Imagem criada para o cego pela sociedade	37
2.3.2.1 Crença	40
2.3.2.2 Eugenia	40
2.4 Braille no Brasil	42
2.4.1 Personalidades e centros	42
2.4.2 Dificuldades	44
2.5 Perda da visão: indagações	45
2.5.1 A importância do esporte, lazer e educação na vida do deficiente.	46
2.5.2 Paraolimpíada	49
2.5.1 Obstáculos urbanos	50
3 A RESISTÊNCIA DOS DEFICIENTES EM LUTAREM PELOS SEUS DIREITOS BÁSICOS, QUE DESDE MUITO TEMPO É SUBTRAÍDA PELA SOCIEDADE. ENTÃO, IGNORÂNCIA OU PRECONCEITO DA SOCIEDADE?	52
3.1 Bengala	52
3.2 Bengala Verde	55
3.2.1 Cores/condições	55
3.3 Normovisuais	57

3.4 Tecnologias	58
3.4 Cão guia	62
3.5 História do Dosvox e NVDA - Leitores de Telas Gratuitos	66
3.5.1 Dosvox	66
3.5.2 Como surgiu o NVDA e seus Objetivos e Princípios	68
3.6 As leis que favoreciam as pessoas deficientes	73
3.6.1 Assistência	74
3.7 Barreiras Atitudinais	76
4 O PROCESSO HISTÓRICO DAS ESCOLAS ESPECIAIS ATÉ CHEGAR A ALAGOAS	81
4.1 Historicizando	81
4.2 Modernismo - século XIV ao século XVII	85
4.3 Remontando a educação da pessoa cega	87
4.3.1 História da Educação para os Cegos	87
4.3.1.1 Escolas Especiais para Cegos.	88
4.3.1.2 Criador do Sistema Braille	88
4.3.1.2 Instituto dos Meninos Cegos no Brasil	91
4.4 História da Escola Estadual Cyro Accioly	93
4.4.1 Origem do nome da escola e dados sobre o patrono	93
4.4.2 Na atualidade	95
4.4.2.1 Dificuldades do cotidiano	97
4.4.3 Tecnologias Assistivas	101
4.5 A minha história dentro da universidade	102
4.6 Desafios dos PCDS	103
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	109
Apêndice A – Entrevista com DS	111
Apêndice B – Entrevista com SS	117
Apêndice C – Entrevista com SM.S	125
Apêndice D – Entrevista com IL	131
Apêndice E – Entrevista com AS	137
Apêndice F – Entrevista com OS	145

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca remontar as lacunas históricas do sujeito com deficiência visual até a atualidade, estimulando-os à libertarem-se das mentalidades sombrias que lhes são impostas e também a confrontarem tais barreiras, para que possam vencer essas superestruturas e alcançarem um lugar melhor e de respeito na sociedade.

Aos vinte anos, fiquei quase cego enxergo 5% do olho esquerdo e o direito tenho perda total. Hoje, utilizo bengala, e aos 34 anos de idade já passei por grande parte das fases dessa deficiência visual. Antes disso nasci com glaucoma congênito. Ela só foi detectada aos oito anos de idade onde fui operado e cresci com limitação visual na categoria baixa visão, contudo era considerada uma pessoa normal e para os leigos eu só era míope. Tive dificuldades no ensino regular, especial e superior pela falta de infraestrutura e material adaptado, dentre outras questões.

Notei preconceito, discriminação em todas as fases da minha vida, todavia como baixa visão que era quase normal não percebia tanta hostilidade da sociedade, não são todos que fique claro, porém é a grande maioria que subjetivamente traz a velha mentalidade bíblica do Velho Testamento, contra todas as pessoas com deficiência. E, principalmente, para o cego a imagem que a sociedade tem dele extremamente segredada, e ela vem do velho testamento e má educação das sociedades ao longo dos períodos históricos. Essa mentalidade expulsa deficiente do convívio social, cultos religiosos e da propriedade da família dentre outras ideias do estilo. Logo esse trabalho, tenta sanar algumas lacunas históricas que reverberaram em uma mentalidade errada das pessoas com ausência de visão. A pesquisa demonstra a importância de estar vivo para uma pessoa considerada PCDS, pois as maiorias das civilizações antigas assassinavam de forma sumária, Todas as crianças recém-nascidas com Deficiência. Com isso, essa história de extermínio, sangue vai demonstrar o quanto é valioso e bonito e não tem preço está vivo, podendo sonhar, correr atrás dos seus objetivos e demonstrar para sociedade que você é capaz. Assim, se libertando das sombras das mentalidades impostas aos deficientes visuais, refletindo sobre minha trajetória, entendo que os PCDS precisam conhecer a sua história para melhor se adaptar, reabilitar a uma sociedade indiferente capitalista, egoísta que só se importa com o próprio bem-estar e esquece de que o mundo é constituído de heterogeneidades e não de

homogeneidades. E isso, leva os deficientes visuais a serem desacreditados nas suas conquistas e nas mínimas ações do cotidiano da sua vida pessoal. É como se nós não pudéssemos praticar coisas simples feitas pelas pessoas.

Sendo um trabalho qualitativo, bibliográfico, com análises de sites e blogs e recortes de entrevistas, buscamos trazer uma visão mais ampliada para que possamos desconstruir antigos preconceitos, mentalidades da sociedade, e que já deveriam estar superados, pensamentos distorcidos sobre a pessoa cega.

Os registros históricos, nos apresentam quantas mortes, abandono, estímulo à segregação de crianças com deficiência ocorreram

Traremos a mentalidade sobre o deficiente visual em: "visão histórica da mentalidade formulada sobre o sujeito cego", que foi alimentada pelas religiões e posteriormente difundida no subconsciente das civilizações ocidentais, chegando à contemporaneidade com a mesma intensidade apenas com algumas alterações em analogia com os demais períodos históricos que o precederam. Inclusive é demonstrado o comportamento das civilizações históricas em relação com as pessoas com deficiência, dando ênfase para deficiência visual. E como a superestrutura sobreviveu perante a história da humanidade, sendo a mentalidade desconstruída através da razão, embora não seja o suficiente para acabar com a superestrutura como vai ser possível perceber com as entrevistas e demais fontes.

No tópico: "A resistência dos deficientes em lutarem pelos seus direitos básicos, que desde muito tempo é subtraída pela sociedade. Então: Ignorância ou preconceito da sociedade?", são colocados em foco instrumentos de acessibilidade que possibilitam a autonomia e a desconstrução da mentalidade criada sobre o sujeito com a deficiência visual. Deixam em foco, as barreiras atitudinais e arquitetônicas e apresenta uma gama de subcategorias de pessoas com problema de visão que também, sofrem com a problematização da mentalidade formulada durante os séculos. Inclusive, espõem atitudes de sujeitos que enxergam que possibilitaram a inclusão e o bem-estar desse grupo e com isso, esclarecem como vencer a superestrutura ou confrontar a mesma e dar mais condição de igualdade entre cidadãos com Deficiência e sem deficiência.

Em "O processo histórico das escolas especiais até chegar a alagoas", é remontada a primeira escola para cegos na história e como foi o processo dela até chegar ao Brasil e posteriormente em Alagoas. E Analisar através de entrevista a real situação de inclusão das modalidades de ensino como escolas regulares,

especiais e ensino superior. Avaliar a partir do ponto de vista do usuário e apresentar uma proposta modelo para a real inclusão e conseqüentemente, desconstruir a velha mentalidade arcaica através da educação que possibilita a mudança.

De paradigma desse assunto que foi alimentado pela educação e religiões e possibilita a maior inclusão desse grupo. Seguindo com a conclusão.

## **2 VISÃO HISTÓRICA DA MENTALIDADE FORMULADA SOBRE O SUJEITO CEGO**

Neste trabalho será abordada a história de pessoas com deficiência visual desde a Pré-História até os dias contemporâneos. Inicialmente estudaremos a origem da mentalidade que a sociedade, durante o processo histórico, formula sobre os cegos. Pessoa cega é aquela cuja percepção de luz, embora possa auxiliá-la em seus movimentos e orientação, é insuficiente para aquisição de conhecimento por meios visuais, necessitando utilizar o Sistema Braille em seu processo de ensino-aprendizagem. As pessoas cegas têm o estereótipo de coitadinhos, mendigos, dignos de pena ou são taxados de infelizes, burros, e que esse indivíduo não tem a capacidade de ser feliz nessa condição. Ao longo da história, isso se dá devido ao senso comum de que a deficiência visual incapacita o sujeito na aprendizagem, agravando desta forma a deficiência. Para isso, estudaremos civilizações antigas buscando a genealogia da mentalidade criada ao decorrer dos séculos, porém esse trabalho vai se articular para desconstruir a imagem tão pejorativa desse grupo que é tão estigmatizado de adjetivos falsos:

É relevante lembrar que, durante séculos, as pessoas com deficiência foram chamadas de inválidas, de incapacitadas, defeituosas, deficientes e excepcionais. Depois, pessoas deficientes; pessoas portadoras de deficiência; pessoas com necessidades especiais e pessoas especiais. Mais recentemente, passaram a ser denominadas de pessoas com deficiência (termo utilizado de 1990 até os dias de hoje) (SASSAKI, 2006).

Conferir o valor de “pessoas” àqueles que tinham e têm deficiência foi uma ação muito relevante para a conquista da cidadania das pessoas com deficiência. E isso só ocorreu, segundo Sasaki (2003), em torno de 1981, quando a Organização das Nações Unidas - ONU “atribuiu” o valor de pessoas àqueles que tinham deficiência, igualando-os em direito e dignidade à maioria dos membros de qualquer sociedade ou país. No Brasil, conferiu-se, pela primeira vez, o título de pessoa a um indivíduo com deficiência na Constituição de 1988:

Não obstante, o status de pessoa, recentemente adquirido, não impediu as pessoas com deficiência de continuarem a sofrer com as várias formas de barreiras atitudinais, comunicacionais, de acessibilidade, entre outras. (LIMA e SILVA, 2012)

Como ao longo da história os deficientes não tinham o valor de pessoa, sempre foram alvo de preconceito e discriminação. Também, a atitude das Nações Unidas em 1981, em que dá o título de pessoa para todos os deficientes. Este status adquirido foi um marco na história de todas as pessoas com deficiência, pois a partir dessa ação os deficientes podem confrontar às velhas mentalidades e demonstrarem que são eficientes mesmo com uma deficiência. Visto que, a tecnologia avançou e possibilitou os deficientes visuais vencerem a sua deficiência através de ferramentas de inclusão, que possibilitam uma vida igual aos demais. Isso, aconteceu à todas deficiências não importando o seu grau, a tecnologia ajuda de diversas maneiras a cada realidade e possibilidade. Um exemplo: um cego a partir do século XIX fazer compra em um comércio é uma atitude não muito comum e nem mesmo fácil, pois ele precisaria de alguém para olhar os preços e acompanhar em seus deslocamento na loja física, no passado, para que não ocorra nenhum acidente. Embora o deficiente visual consiga fazer isso na atualidade, já que existe um leitor de tela, onde todas as informações passadas em um site são lidas, em lojas virtuais na internet, o que possibilita à pessoa cega de fazer compras sem o auxílio de terceiros, com total autonomia apenas necessitando de acessibilidade e inclusão ou de ferramenta que torne real essa simples atitude para quem enxerga, em uma ação corriqueira. Também para o sujeito cego mesmo que os leitores de tela e a maioria das ferramentas de acessibilidade, não leiam as fotos das mercadorias. Mas uma coisa simples de ser superada, todas as lojas colocam a descrição do produto, e caso necessário sujeito com deficiência pede a descrição em uma pesquisa no Google, e o mesmo obterá as informações satisfatórias do produto desejado, assim facilitando a compra.

Em relação a dinheiro o sujeito cego paga no cartão de crédito e no mesmo tempo que a transação é realizada o smartphone dele informa quanto foi debitado no seu cartão e a entrega do produto adquirido chega em casa sem burocracia, inclusive as cédulas de dinheiro são lidas pelos smartphone do deficiente visual, porém moedas não são lidas. Os sujeitos com deficiência visual precisam distinguir elas através dos formatos específicos de cada uma. Essas pequenas atitudes tiveram o seu início com a atitude da organização das Nações Unidas, pois através dessa ação os governos começaram a pensar em meios para a inclusão dos

deficientes. Surgindo, dessa forma, inúmeros benefícios em áreas inimagináveis, antes impossível, e que após esses avanços se tornou uma realidade.

Agora outros benefícios marcam a vida do sujeito com deficiência de tamanha importância para todos que tentam ser inseridos no meio da sociedade de forma valorosa, autônoma, como uma pessoa sem deficiência.

## **2.1 Preconceito nas palavras e ações**

Entretanto, o cego continua sofrendo preconceito ao longo da história, pois quase tudo de ruim é atribuído ao sujeito com deficiência visual. Quantas vezes nos deparamos com ditos populares do tipo: “você é cego?”, “você parece que é cego”, “o amor é cego” ou “faca cega”, dentre outros. Essas são algumas das expressões usadas nas sociedades ocidentais sobre o sujeito cego. Na primeira expressão, quer dizer que o sujeito não viu algo na sua frente e bateu e na segunda, afirma que o indivíduo é burro, não serve para nada. Na terceira expressão, “o amor é cego”, quer dizer que o cego não tem como saber o que é bonito e nem enxerga os defeitos morais, físico de outra pessoa. E na quarta expressão “faca cega”, quer dizer que o cego não presta para nada. Por isso, que dizemos inocentemente a expressão “faca cega”, elas saem de forma tão natural que as pessoas nem percebem isso com clareza, que são frases preconceituosas e que foram passadas de geração em geração, ao longo dos séculos, até parecer para todos como expressões inocentes. Essas expressões aumentam o preconceito na sociedade pelo indivíduo com problema visual, pois os membros dessa sociedade, na maioria das vezes, esperam o fracasso de qualquer atividade praticada por esses sujeitos cegos. Isso, reverbera em uma ação pejorativa da sociedade para com o deficiente visual, acarretando na não inserção do cego na sociedade. silenciando esse grupo que para muitos não sabem o que dizem ou não tem opinião própria sobre assuntos do dia a dia. Assim causando um desconforto em práticas corriqueiras como lazer, trabalho e demais tarefas do cotidiano. Então, historicamente a pessoa com deficiência é inutilizada pela superestrutura desenvolvida ao longo dos séculos.

Ao longo da pesquisa tentarei desconstruir essas expressões maldosas e mentirosas sobre o sujeito cego. Nesta perspectiva, a atitude da ONU possibilitou o patrocínio de diversos projetos que melhoram as vidas de diversos deficientes no mundo, pois com o título de pessoa atribuído aos deficientes faz com que eles saiam

das sombras e comecem a galgar um lugar de destaque na sociedade como qualquer sujeito sem deficiência. E o deficiente começa a ganhar respeito das outras pessoas e uma relação de igualdade com os demais, cada um com a sua pluralidade.

De acordo com Sasaki (2003), em junho de 1994, com a Declaração de Salamanca, preconizou-se a educação inclusiva.

Contudo, nem isso, nem o fato de se ter passado a reconhecer os indivíduos com deficiência como pessoas foram suficientes para derrubar barreiras atitudinais, as quais dificultam e, mesmo impedem, o ingresso e permanência de crianças com deficiência nas escolas. (LIMA e SILVA, 2012)

Assim, vemos que mesmo com a Declaração de Salamanca ainda falta adaptação de materiais, preparo dos professores para atender os alunos e falta de infraestrutura para a locomoção das pessoas com deficiência, dentre outros aspectos.

## **2.2 Lutas e reconhecimentos**

Neste contexto, as pessoas com deficiência sempre foram marginalizadas ao longo da história. Elas não eram consideradas “pessoas”, e conforme os valores morais e éticos da sociedade, iam sofrendo dialéticas, ou seja, transição. Assim, o status de deficientes também mudavam à medida que as civilizações evoluíam e ganhavam valores que não possuíam antes. Pode-se perceber que o processo foi demorado e só no século XIX, é que esses foram considerados pessoas. É recente a tentativa de desconstruir a mentalidade formulada durante tanto tempo, visto que os cegos lutam até hoje para serem incluídos de fato na sociedade. Todavia, tem sempre um sujeito que lhe falta com o respeito questionando: como pode um deficiente visual andar ou chegar em algum lugar sozinho? Dentre outras perguntas tão supérfluas.

Nota-se que desde o início da história do homem na terra, já existiam pessoas com deficiência, e o cego não é diferente das demais pessoas com deficiência (PCDS). O que agravou a situação dos sujeitos sem visão foi que eles não tinham direito a vida como os demais homens. Todos os deficientes eram exterminados ao nascer ou eram jogados a sorte em qualquer lugar para morrerem. Porém isso só

sofreu uma dialética com o advento do cristianismo. Logo, eles teriam que aprender a sobreviver em sociedade e sem visão, no caso do cego de nascença. Para eles, fica mais complexo entender o mundo ao seu redor, principalmente, se não houver pessoas sensíveis a essa realidade. Com isso, acabam fortalecendo as superestruturas produzida sobre o sujeito cego e ajudando na divulgação, que com esta mentalidade as pessoas eram taxadas de burras incapazes de viver sozinha e que sua doença era contagiosa além de serem amaldiçoados pelos pecados dos seus pais e dentre outras ideias sem sentido como essas.

Contudo, vamos perceber que as civilizações que pensavam assim eram muito religiosas e algumas vezes práticas, como na Pré-História, que os homens eram nômades e não tinham o domínio total da natureza e precisavam se livrar dos deficientes para facilitar a sua sobrevivência. Uma vez que a Bíblia Sagrada no Velho Testamento fortalece a essa mentalidade acima citada, mas isso acaba sofrendo uma transição com o cristianismo no Novo Testamento.

O período Medieval com a monarquia e as alianças com o catolicismo, onde aqui neste período, a igreja tinha o monopólio da educação e a educação não era para os servos era apenas para o clero e pessoas da nobreza, ou seja, ricas. É bom salientar que para ser rico neste período era preciso possuir terras. Logo, a má educação se fazia necessária para manter o nível o status social, contudo não era interesse dos senhores feudais da época ter pessoas educadas. Pois, na alta idade média, a agricultura e pecuária era de subsistência com pouca atividade comercial. E feudos poderia ser qualquer coisa que um senhor feudal delegasse ao seu vassalo, como essa atividade era mais praticada entre membros da mesma classe existia um pacto horizontal entre eles. Normalmente, os vassalos eram soldados que faziam a defesa das terras dos senhores, Com o passar dos tempos essa diferença foi se dirimindo, porque os cavaleiros começam a casar com os membros da família dos senhores feudais, com essa atitude começaram a viver mais e pararam de ter conflito com os outros cristãos bárbaros da época, até porque os bárbaros, também, começam a aderir ao cristianismo. Com tal atitude confirmam a agricultura de subsistência, já que o número de nobres aumentam. Inclusive, a Igreja era uma senhora feudal e dominava a ideologia da época, pois o mundo medieval era extremamente religioso e estamental, ou seja, composto de estados onde as leis eram de forma oral e baseada em costumes e a igreja defendia a ideia de que Deus estabelecia o que o sujeito era ao nascer. O indivíduo se nascesse nobre era nobre

e se nascesse escravo era escravo sua classe social não sofria dialética e a mesma, possuía servo e como fica evidente que a relação dela com os demais e de verticalidade, já que ficar contra o pensamento da igreja é pecado, com isso não era interesse do clero que se mudasse o status social ou econômico da época. E ela possuía escravos e demais benefícios dos outros senhores feudais. Sendo assim, não era do interesse principalmente da igreja disponibilizar o conhecimento para todos. Neste período, a igreja não fugia ao processo político. Recebia dízimo, ou seja, a décima parte de algo em forma de bens, impostos e doações de algo, de todos os senhores feudais e, também, não pagava aos seus servos, já que eles trabalhavam para Deus, todavia outros feudos funcionavam dessa forma. A igreja e os senhores possuíam direitos e deveres com os seus servos onde os mesmos trabalhavam para o senhor e ao mesmo tempo em suas terras como forma de pagamento e eles ficavam presos à terra do suserano que eram os Senhores feudais. Os suseranos defendiam os seus vassalos em troca dos serviços sempre respeitando o direito e dever de cada sujeito desse pacto. Agora a diferença entre servos e escravos como podemos perceber os servos possuíam direitos e deveres, enquanto os escravos não tinham nenhum direito, eram como objetos vendidos ao belo prazer do seu senhor, já que eram propriedades do mesmo. Normalmente, essas pessoas faziam serviços gerais nas igrejas, castelos dentre outras moradias dos seus senhores.

E também, usavam os cegos para bobos da corte ou aberrações de circos.

Bobo da corte, bufão, bufo ou simplesmente bobo é o nome pelo qual era chamado o "funcionário" da monarquia encarregado de entreter o reis e rainha e fazê-los rirem. Muitas vezes eram as únicas pessoas que podiam criticar o rei sem correr riscos.

Bufão é um tipo característico do grotesco. Existe desde a antiguidade, estando presente na corte, no teatro popular, sendo cômico e considerado desagradável por apontar de forma grotesca os vícios e as características da sociedade. O corpo do bufão caracteriza-se pela deformidade e o exagero, sendo o excesso uma de suas principais características.<sup>1</sup>

Com isso, na Europa do período medieval até o século XVII, outra forma de sobrevivência para os indivíduos sem visão era a mendicância ou através de forma de sobrevivência para os homens cegos se dava por meio da arte como cantor, instrumentista dentre outras.

---

<sup>1</sup> Site:<<http://danielmaica.no.comunidades.net/a-historia-do-bobo-da-corte>> Acesso em: 02/02/2018.

Nos Países Baixos, onde hoje está a Holanda, algumas festas populares incluíam como atração verdadeiras “rinhas” de cegos: os pobres coitados eram colocados em ringues e, com bastões, tentavam rachar o crânio do oponente diante de uma assistência de desdentados e malcheirosos<sup>2</sup>.

Contudo, o que mais ficou conhecido posteriormente sobre o cego foi o mendigo e o sujeito que vence na vida através da arte. Essa mentalidade foi se arrastando e até certo ponto se confundindo com outras deficiências, ganhando mais um “status” pejorativo que é da deficiência ser contagiosa e uma maldição dos deuses para aquela pessoa, o que acabava afastando os demais de todos os deficientes.

Consequentemente, no modernismo com o protestantismo, a mentalidade sobre os deficientes visuais se manteve como ainda mendigo e bobo da corte. Mesmo depois da queda da monarquia na alta Idade Média com o fim do império Bizantino, os cegos eram atrações artísticas: cantando, tocando instrumentos ou em circos, porém o protestantismo amplia a mentalidade do Velho Testamento afirmando: as pessoas com deficiência eram vistas como “as pessoas escolhidas por Deus para pagar o pecado da humanidade<sup>3</sup>”.

Logo, neste período não teve uma mudança significativa para a mentalidade do sujeito cego ao contrário teve um declínio. Todavia, a principal contribuição desse período foi a fundação da primeira escola para Cegos em Paris na França por Valentin Haüy em 1784. Ele usava umas letras em relevo para dar aulas aos alunos sem visão. Consequentemente neste período foram se difundindo pela Europa escolas para cegos até chegar ao Brasil.

A partir do advento do Sistema Braille, no século XVIII, surge na França o status de pessoa referente aos deficientes, pela Organização das Nações Unidas - ONU, que posteriormente foi trazido para o Brasil por José Alvares de Azevedo. Com esses avanços foram possíveis o começo da desconstrução da mentalidade formulada, ao longo dos anos, e a luta por cidadania e inclusão, integração social pelos sujeitos cegos.

Segundo decreto nº 5.904, de 21 de setembro de 2006, art. 2º:

I - deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05° no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3° e 0,05° no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual

<sup>2</sup> Site: < <https://super.abril.com.br/historia/encontro-de-civilizacoes/> Acesso em:03/02/2018.

<sup>3</sup> Site: < <https://www.youtube.com/watch?v=dGaaVtYekIU> Acesso em:03/02/2018

em ambos os olhos for igual ou menor que 60 graus; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores. (BRASIL, 2006)

Para tanto, conceituaremos os tipos de cegueiras e continuaremos comentando histórias de personagens cegos que conseguiram ser incluídos na sociedade e venceram o grande obstáculo na sua época, que era de ter cultura igual aos demais, já que eles combatiam essa visão histórica sobre a pessoa cega e mesmo que não sendo a intenção, deixaram a possibilidade de outros cegos lutarem por igualdade, deixando seu nome registrado ao longo dos séculos na História.

Com isso, desde o avanço da História os cegos foram sempre considerados inválidos, porque eles não conseguiam se proteger e nem auxiliavam os seus povos com a obtenção de alimento e nem em outra tarefa do cotidiano daquelas sociedades extremamente agrícolas, onde a sua economia era baseada na exploração de terras.

As pessoas com deficiência têm, desde sempre, convivido com a confusão entre o que realmente são, pessoas humanas, e o que se pensa que elas são: “deficientes”.

Corroborando para a perpetuação dessa “confusão” a visão social construída historicamente em torno da deficiência como sinônimo de doença, de dependência, de “indivíduos sem valor”, de sofrimento, de objeto de caridade, purgação dos males cometidos por seus pais, entre outras. Tais visões estereotipadas sempre marginalizaram as pessoas com deficiência e, por vezes, nutriram nelas a crença descabida de que são incapazes.

Com efeito, “não é a distinção física ou sensorial que determina a humanização ou desumanização do homem. Suas limitações ou ausência de limitação são determinadas, biologicamente social e historicamente”. (apud LIMA e SILVA, 2012). (BIANCHETTI e FREIRE, 2004, p. 66)

Por isso, não é a doença que torna inválido a pessoa com deficiência (PCD) e sim a sociedade com a formulação de mentalidades sobre o sujeito cego.

As sociedades vão adquirindo valores morais e éticos que são normas de conduta a serem seguidas pelos diferentes grupos, assim como o familiar. Com o avanço das civilizações, conceitos e olhares são mudados e isso faz com que as regras tornem-se fundamentais para a sobrevivência do grupo em sociedade, visto que o certo e o errado são condutas morais que são sempre formuladas ao decorrer do avanço de cada época. Consequentemente, as nomenclaturas vão ganhando sentido diferente do que na sua origem, ou ficam consideradas impróprias.

Tomemos como exemplo o termo ocioso, que na Grécia Antiga quem tinha esse status era um pensador, alguém que tinha grande respeito na sociedade, e no contemporâneo ocioso tem a denotação de uma pessoa sem prestígio social que

não faz nada. Isso só foi possível através das dialéticas sofridas ao longo dos séculos, o mesmo aconteceu com a palavra deficiente, que com as transformações de valores a palavra ficou estigmatizada de pensamentos pejorativos para cada época. Assim, determinando as dialéticas ao longo dos anos, até chegar em um modelo perfeito para a sociedade atual. Por isso, as pessoas cegas através da história foram consideradas inúteis para a sociedade em cada período histórico. Principalmente essa ideia foi agravada no decorrer dos anos até os dias atuais. Além de serem consideradas inválidas, as pessoas cegas começaram a ser rotuladas de incapazes de aprender por falta da visão, que só foi agravada por ignorância dos mesmos que pensavam que a visão é o mecanismo do corpo humano que facilita a aprendizagem. O conjunto dos sentidos é que dão entendimento e auxiliam na aprendizagem e o principal é a mente que comanda todos os outros e armazena informações importantes ou não. Esse pensamento que deficiente visual é incapacitado de aprender foi aumentando ao fluir dos séculos.

A Deficiência Intelectual, segundo a Associação Americana sobre Deficiência Intelectual do Desenvolvimento AAIDD, caracteriza-se por um funcionamento intelectual inferior à média (QI), associado a limitações adaptativas em pelo menos duas áreas de habilidades (comunicação, autocuidado, vida no lar, adaptação social, saúde e segurança, uso de recursos da comunidade, determinação, funções acadêmicas, lazer e trabalho), que ocorrem antes dos 18 anos de idade.

No dia a dia, isso significa que a pessoa com deficiência intelectual tem dificuldade para aprender, entender e realizar atividades comuns para as outras pessoas. Muitas vezes, essa pessoa se comporta como se tivesse menos idade do que realmente tem<sup>4</sup>.

A partir da afirmação acima, entendemos que a pessoa cega que não possua deficiência intelectual, tem a capacidade de continuar aprendendo, porque os olhos não são o que lhe dá entendimento, quem faz isso é o cérebro dando significado as coisas visualizadas por ele. Sendo assim, não é o olho que enxerga e sim o cérebro, e a mente dá significado as coisas. Com isso, o cego não está incapacitado de aprender e nem é infeliz como o censo comum formula, pois a felicidade independe da visão para acontecer. Apesar disso, o ser humano é tão complexo que nunca está feliz de fato, ele está sempre querendo mais e quando alcança o objetivo, já busca uma nova meta. Isso acontece em um ciclo sem fim, por exemplo: a expressão “você parece que é cego”, essa frase é falsa pois, o

---

<sup>4</sup> APE de São Paulo: <http://www.apaesp.org.br/pt-br/sobre-deficiencia-intelectual/Paginas/o-que-e.aspx> (20/10/17).

sujeito com ausência de visão continua a aprender. Já com a expressão: “o amor é cego”, trata-se de uma escolha mental e beleza que passa pelo mesmo crivo, visto que é uma interpretação, um juízo de valor de cada indivíduo. Sendo assim, não é uma tarefa apenas da visão, mas um conjunto de experiências, juízo de valores que acarretam escolhas singulares de cada ser histórico. E as experiências científicas acabam desmitificando a velha mentalidade. Para corroborar com essas ideias vamos acompanhar logo abaixo como é feita a visão pelo olho, no corpo humano:

O olho é o órgão da visão, um mecanismo sofisticado de comunicação com o mundo exterior. Ele é formado por três camadas: esclera (o branco do olho), coróide (camada vascular fina e pigmentada na qual se encontram a íris e a pupila) e retina, onde se localizam os receptores fotossensíveis.

Os raios luminosos entram pela pupila, atravessam o cristalino, uma lente gelatinosa, sofrem convergência e vão incidir sobre a retina. Nela existem neurônios que captam a luz e jogam os estímulos visuais no nervo ótico que os conduzirá até a área mais importante da visão: o lobo occipital situado no cérebro.

A imagem que se formou na retina é invertida e será decomposta de acordo com o formato e a cor. As linhas verticais caminham por um circuito de neurônios; as inclinadas, por outro circuito; as circulares, por outro ainda. Com as cores que compõem o espectro do arco-íris, dá-se o mesmo e cada uma é conduzida por um circuito de neurônios até o centro da visão no lobo occipital, onde a imagem será remontada.

Portanto, quem realmente enxerga não é o olho, é o cérebro, que monta as imagens e estabelece relações com a memória, o que permite saber se estamos vendo um copo, um cachorro ou uma pessoa.

Essa decomposição da imagem em vários fragmentos é muito importante. Sem ela, só seríamos capazes de entender os objetos ou seres que víssemos integralmente. Entretanto, quando vemos um pedaço do rabo de um animal virando a esquina, não precisamos vê-lo inteiro para saber que se trata de um cachorro ou de um rato<sup>5</sup>.

Comumente deparamo-nos com o estranhamento de pessoas que enxergam quando observam a locomoção dos cegos. Entretanto, é comum que se faça o percurso mais de uma vez para aprendermos a topografia do local, o que não é diferente para a pessoa que enxerga. Nota-se que é um erro querer que o cego locomova-se como se enxergasse, isso é crueldade, pois a técnica da bengala induz que o deficiente visual se choque contra os obstáculos, e posteriormente faça o contorno do mesmo. A falta de alteridade não permite que o vidente perceba a necessidade da pessoa cega fazer o percurso de ponta a ponta, conhecendo toda a topografia do local e já elaborando na sua mente um mapa mental de pontos de referência para banheiros, assim como outros lugares de interesse do indivíduo. Então, a expressão “perdido como um cego em tiroteio” quer dizer que o cego não sabe para onde vai e nem onde está, como percebemos, isso não é verdade. É

---

<sup>5</sup> Disponível em <<http://intervox.nce.ufrj.br/~amac/cegueira.htm>>. Acesso: 05/02/2018

apenas o senso comum tirando juízo de valor sem ter um amplo conhecimento dos processos mentais que possibilitam essa autonomia de locomoção. Essas atitudes são naturais para uma pessoa com a visão assim que entra em um ambiente desconhecido, ela faz marcações visuais para encontrar determinados objetos e lugares que posteriormente irá precisar.

Ao contrário do vidente, o cego trabalha mais com a mente, o tato e olfato em qualquer situação do seu cotidiano. Sendo assim, buscando desenvolver um mapa mental da região onde ele precise fazer o traslado. Por tanto, quando um cego não consegue andar de fato em algum lugar é porque as condições de acessibilidade são péssimas.

**Como se explica o fato de uma pessoa cega descer do ônibus na parada certa sem pedir ajuda?**

Ela faz isso porque se familiarizou com o percurso rotineiro do ônibus e assimilou pontos de referência importantes para o reconhecimento do trajeto. Essas referências são estáveis e têm a ver com a topografia, os movimentos de retas e curvas dentre outros aspectos que foram introjetados constituindo um mapa mental da região. Certamente, ela terá dificuldade para pegar o mesmo ônibus sozinha em um ponto onde param várias linhas para diferentes bairros. (BRASIL, 2007, p.37, grifo das autoras)

A citação acima corrobora com a ideia que o deficiente visual utiliza constantemente a memória para executar tarefas do cotidiano. Além disso, o deficiente visual utiliza dos obstáculos dos terrenos acidentados para se localizar, embora não seja o ideal, o ser humano vai se adequando as situações mesmo que adversas. Existe local que o buraco é tão absurdo que serve de marcação para a residência de um amigo ou como marcação de trajetória para algum lugar de interesse do cego. E também, o cheiro de alguma referência como odores de bares, aromas de flores e curvas constituem o mapa mental do sujeito cego. Isso possibilita a locomoção do mesmo para onde ele precisa ir. Embora, muitas vezes, a população acredite que ele está perdido. Existem inúmeros jargões do tipo pejorativo contra o deficiente visual, por isso, é importante que a sociedade tenha noção de que o cego pode aprender a ir e vir livremente para qualquer lugar, desde que ele tenha um mapa mental do lugar ou que ele o elabore através de conhecimento empírico, no local desejado.

### 2.3 Pré-História

Os valores morais são sempre transitórios em constante dialética ao longo dos séculos e a educação ainda era mais precária nos tempos mais antigos como na Pré-História, que não temos fonte para comentar como seria a aprendizagem do cego na época, e nem como era o comportamento dessa sociedade em questão, embora podemos imaginar baseados em nossos conhecimentos literários sobre a mesma e através da Bíblia Sagrada podemos elaborar uma conjuntura sobre como seria essa vida. Com isso, fica claro que na Pré-História os homens não dominavam a agricultura e eram nômades. Logo um PCD dificultaria a sobrevivência do grupo e posteriormente, deveria ser exterminado como pragas para possibilitar a sobrevivência do grupo. Inclusive, os outros períodos históricos foram semelhantes, pois eles matavam os recém nascidos sem nenhum tipo de culpa ou remoço, já que para a época era necessário e natural esse comportamento, porque sua fonte econômica era baseada na terra. Observação: o termo economia vem da Grécia, porém para melhor compreensão. Ele foi empregado aqui. A palavra “economia” deriva da junção dos termos gregos “oikos” (casa) e “nomos” (costume, lei) resultando em “regras ou administração da casa, do lar”<sup>6</sup>.

Na Pré-História as pessoas eram educadas através da oralidade e do conhecimento empírico, voltados para a sobrevivência. As representações gráficas eram uma forma de comunicação, mas não era ainda a escrita. Porém, podemos analisar a cultura desses povos através de fósseis, pinturas rupestres deixadas em cavernas e restos materiais ou objetos da época, encontrados por arqueólogos. Os caçadores acreditavam que desenhando os animais nas cavernas seria mais fácil a sua captura ou seja acreditava que a pintura se materializava

### 2.4 História Antiga: visões do Velho Testamento e do Novo Testamento

Reiterando a História Antiga, faremos uma análise da civilização grega e romana, baseando-nos na Bíblia, na literatura e nas sociedades ao longo do tempo formulando uma mentalidade sobre o sujeito cego.

Praticamente não se dispõe de dados objetivos registrados a respeito de como se caracterizava a relação entre sociedade e deficiência nos meados

---

<sup>6</sup> Site: JusBrasil < <https://thabatafroio.jusbrasil.com.br/artigos/336837351/conceito-de-sistema-economico-e-as-trocas>> Acesso: 16/05/18.

da vida cotidiana em Roma e na Grécia Antiga. Pode-se, entretanto, encontrar, na literatura da época, bem como na Bíblia, passagens que permitem inferir sobre sua natureza e procedimentos.  
A economia desses países, na Antiguidade, se fundamentava nas atividades de produção e de comércio agrícola, pecuário e de artesanato. (BRASIL, 2005, p.8)

Posteriormente no Velho Testamento, na sua primeira versão, fortalece a ideia de segregação, já que ela expulsa do convívio social as pessoas portadoras de deficiência e o Deus do Velho Testamento afirma, em Êxodo capítulo 4, versículo 11: que foi ele que criou o cego, surdo e acaba com essa atitude apoiando as outras antigas civilizações, como Esparta, que eliminavam as crianças com alguma limitação, e não sentia nenhum remorso sobre tal atitude. Porém, o Novo Testamento corrobora para a desconstrução dessa mentalidade e diverge das ideias do Velho Testamento. Com essa contradição acaba levantando a polêmica sobre se pessoas com deficiência deveriam viver ou morrer, e assim começando a dar oportunidade de viver para essas pessoas. Uma frase que desdobrou nessa ação foi a dita por Jesus no Novo Testamento “amai o próximo como a ti mesmo”. (Marcos,19.31-34).

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.  
E o escriba lhe disse: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dele;  
E que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios.  
E Jesus, vendo que havia respondido sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém ousava perguntar-lhe mais nada.

Nestas passagens do Novo Testamento já fica claro a postura de Cristo em relação aos deficientes que é de amor e caridade. Essas atitudes foram proliferadas ao longo dos séculos. O que ocorre é que muitos fiéis abrem a Bíblia em qualquer um dos livros e quando abrem um livro como o Velho Testamento que estimula segregação dos deficientes visuais ou dentre outros PCDS, sem ter um bom domínio da Bíblia, fica divulgando essa ideia para terceiros sem ter noção que no Velho Testamento é um Deus violento, que também propaga os 10 mandamentos, em Êxodo, capítulo 20, e não surte o efeito esperado. Porém, os 10 mandamentos passado por Jesus de Nazaré, que era seu filho e, posteriormente, vão ser um só após a sua morte, passa a ser um só com o Pai através do Espírito Santo conhecido como Santa Trindade. Assim prevalecendo à vontade do Filho agora em comunhão

com o Pai e o Espírito Santo, Jesus Cristo passa a ser o personagem principal do catolicismo ocidental. É bem verdade que outras religiões contam a partir de outros personagens e outras ocasiões, mas as demais religiões aqui neste trabalho não são necessárias.

Jesus, no Novo Testamento, contradizia a palavra do Deus, do Velho Testamento, mas sempre segundo o mesmo com autorização do Pai. Assim, para quem tem pouca leitura bíblica fica difícil diferenciar um livro do outro, suscitando a dúvida de quem está falando o certo a ser seguido, já que existem contradições entre personagens e livros.

Sendo da natureza humana, lembrar-se de coisas mais traumáticas e esquecer as bonitas, o Velho Testamento vez ou outra, volta a assolar como uma praga, com as ideias pejorativas sobre as pessoas com deficiência. Para muitas sociedades da antiguidade a deficiência é um castigo divino.

Encontramos alguns versículos que demonstram a preferência de Jesus em estar entre pessoas doentes, com deficiência ou com disfunção no caráter, conduta social duvidosa. Ele buscava curar os que precisavam de salvação. No livro de, Mateus (9.10-13) diz que:

Estando Jesus em casa, foram comer com ele e seus discípulos muitos publicanos e pecadores.

Vendo isso, os fariseus perguntaram aos discípulos dele: “Por que o mestre de vocês come com publicanos e pecadores?”

Ouvindo isso, Jesus disse: Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes.

Vão aprender o que significa isto: “Desejo misericórdia, não sacrifícios”. Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores. (BÍBLIA. N.T)

Assim, esse fato estimulou a caridade entre as pessoas, conseqüentemente, deu direito à vida as pessoas com deficiência. Através do Novo Testamento, a Bíblia proíbe que matassem ou maltratassem esses indivíduos e incentiva a caridade entre eles, condenando a antiga atitude como sendo de uma pessoa não cristã. Esse é o sexto mandamento, presente no livro do Êxodo (20:3-17): “Não matarás”.

Pessoas doentes, defeituosas e/ou mentalmente afetadas (deficientes físicos, sensoriais), em função da ascensão das ideias cristãs, não mais podiam ser exterminadas, já que também eram criaturas de Deus. Logo, esse entendimento sobre a passagem do Velho Testamento foi esclarecida por Jesus Cristo em suas pregações.

- (Mateus 19.19) - Honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo;
- VI – Não matarás;
- (Mateus 19.18) - Disse-lhe ele: E Jesus disse: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho;
- (Mateus 5.21) - Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo.
- (Mateus 5.22) - Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e qualquer que disser a seu irmão: Raca<sup>7</sup>, será réu do sinédrio.

O Velho Testamento, que fortalece a mentalidade formulada através dos séculos sobre os cegos, relata diversos casos que a cegueira é decorrente da falta de fé e a não aceitação a Deus. Segundo o Velho Testamento, no livro de Levítico (21. 18-20), diz que:

Nenhum homem que tenha algum defeito poderá aproximar-se: ninguém que seja cego ou aleijado, que tenha o rosto defeituoso ou o corpo deformado; ninguém que tenha o pé ou a mão defeituosos, ou que seja corcunda ou anão, ou que tenha qualquer defeito na vista, ou que esteja com feridas purulentas ou com fluxo, ou que tenha testículos defeituosos.

E ainda,

(...) a pessoa diferente, com limitações funcionais e necessidades diferenciadas, era praticamente exterminada por meio do abandono, o que não representava um problema de natureza ética ou moral. A Bíblia traz referências ao cego, ao manco e ao leproso - a maioria dos quais sendo pedintes ou rejeitados pela comunidade, seja pelo medo de doença, seja porque se pensava que eram amaldiçoados pelos deuses. (BRASIL, 2005, p.30).

O fenômeno natural não era explicado pelos homens da antiguidade. Só a resposta obtida por meio da religião. Não havia respostas de como poderia acontecer nenhum fenômeno natural, atribuíam tais ações a seres sobrenaturais e chegavam a temê-los. Com isso, como demonstra a Bíblia, no Velho Testamento, a visão de que todos com deficiência deveriam ser mortos ou afastados das propriedades para deixá-los morrer. Isso acontecia devido ao não entendimento sobre o porquê uma pessoa nascia com deficiência. Assim a ideia foi se alastrando com o passar dos séculos, reproduzindo o pensamento de que as deficiências em geral eram maldição, pecados transmitidos, surgiram da Bíblia no Velho Testamento.

---

<sup>7</sup> Termo popular de insulto, significando 'vil', 'desprezível'. < <http://biblia.com.br/dicionario-biblico/r/raca/>>

Porém o Novo Testamento deu a condição inicial para que os deficientes pudessem viver, visto que nesse livro é estimulado o amor e a caridade entre os povos.

### **2.1.1 Outras Civilizações: Grécia, Roma e Espartas e o mundo medieval - Entrelace entre dois momentos históricos**

Para as antigas civilizações como a Grécia, Roma e Esparta, quando uma criança nascia com uma deficiência era motivo para eliminá-las de imediato, e caso ela sobrevivesse com a doença, era rejeitada. Acreditava-se que pessoas com deficiência não tinham utilidade para as tarefas do campo e demais assuntos correlatos praticados pelas civilizações antigas.

Por isso, esses sujeitos eram expulsos dos locais de oração e do convívio social, pois na História Antiga e Medieval essa mentalidade foi mais forte e prosseguiu até os tempos atuais no subconsciente dos indivíduos. É notório para quem tem alguma deficiência, frases como: “Se você aceitar a Deus, você vai ser curado. Visita a minha religião que lá você vai obter a cura”. Os cegos nas ruas, diversas vezes, sofrem com essas situações, pois para algumas pessoas da sociedade sempre vem no subconsciente às histórias bíblicas sobre cegos que ao aceitar a Deus voltam a enxergar, e por isso, a grande maioria da sociedade tenta reproduzir essas histórias bíblicas. E, além disso, a Bíblia relata que os cegos são demonstrados como infelizes ou mendigo sem a mínima estrutura para sobreviver por conta própria. Logo, se tornou em uma imagem do sujeito cego como mendigo que precisa de caridade, auxílio o tempo todo e fica o medo dos familiares de deixar o cego sair de casa. O cidadão que enxerga acredita que o sujeito com deficiência não sabe para onde está indo e vai precisar de auxílio. E com isso, deduz que não tem como o deficiente visual se locomover sozinho sem ajuda de alguém que enxergue.

O etnocentrismo dos sujeitos que enxergam é tanto que incapacitam as pessoas cegas como inválidas e para eles só, sendo um ser supremo, um super-homem ou ação divina, sobrenatural para guiar o sujeito cego para algum lugar ou executar algum dom que o mesmo possua.

### **2.1.2 Consequências para o mundo contemporâneo: super proteção**

A causa, disso é que faz a família ser super protetora e no subconsciente deles depois que o cidadão fica cego, fica incapacitado de aprender coisas novas e de até fazer coisas corriqueiras que ele fazia antes de perder a visão. Então o sujeito que enxerga aborda o cego e diz: "Se eu fosse você não sairia de casa e se você fosse da minha família, eu não permitiria que você andasse sozinho". Nesse contexto, um cidadão que enxergue e que pensa assim, também tem no seu subconsciente que deficiente visual não sabe o que é bonito nem feio, e nem pode responder pelos seus atos. Só por causa de uma limitação de sentido que nem é a principal fonte de obtenção de conhecimento do ser humano. Assim, permitindo o cego de opinar e aprender e ir e vir como um cidadão qualquer. Eles eram tidos como amaldiçoados e que o contato com os mesmos poderiam acabar sendo uma forma de transmissão da doença, infectando quem se aproximasse deles. Os mestres e a sociedade trazem, no seu subconsciente, essa superestrutura herdada da História Antiga até a contemporaneidade.

Assim dependendo, para sua sobrevivência, da boa vontade e caridade, humana.

Da mesma forma que na Antiguidade, alguns continuavam a ser aproveitados como fonte de diversão, como bobos da corte, como material de exposição, etc. (BRASIL, 2005, p.10-11).

Só que neste período, na História Antiga faltavam meios para dar trabalho e educação a essas pessoas, que ganharam o direito de viver e não tinham condições para manterem-se sozinhos. Alguns indivíduos venciam através da arte e pedindo esmolas nas ruas. Contudo, era mais uma contradição, pois o Novo Testamento dava condição à vida, que antes dele, esses grupos não tinham direito, e a partir de então, começaram a tê-la.

### **2.1.3 Contradições**

A Bíblia é uma contradição porque dá direito à vida e por outro lado, ela estimula a mentalidade construída ao longo dos anos, pois faltava condição para que a pessoa se mantivesse com orgulho de está vivo, e contribuindo com a sua família ou grupo onde ele vivia, porém a escassez dessas condições alimentava a mendicância dos cegos. Por isso, os deficientes visuais não tinham como se manter sem trabalho e começavam a pedir esmola. Alguns conseguiram vencer na vida

através da arte. Como os cegos não conseguiam auxiliar os grupos familiares ao longo da história. Eles quando conseguiam exercer alguma atividade que contribuísse para a alimentação do grupo. Com isso, o cego se fazia necessário ativo contribuindo como os demais membros da sua família. O mesmo já começa a se sentir feliz por está vivo.

#### **2.1.4 Sensações e conquistas**

A simples possibilidade de um cego poder se manter e ter uma vida como as demais pessoas da sociedade era uma sensação única comparada apenas com uma vitória de um atleta, que nada mais é que uma conquista pessoal de cada sujeito.

Por tanto, um cego a conseguir se alimentar através do seu trabalho era uma superação pessoal em qualquer período da História. Um Exemplo: se um homem qualquer se acidenta no seu trabalho como um caçador. Ele fica cego em decorrência de uma fatalidade no seu trabalho, o mesmo fica incapacitado de exercer a mesma função e precisará de auxílio de terceiros para manter-se vivo na sociedade, pois ele a princípio fica indefeso, medroso sobre o seu próprio destino e se ele vai ter algum talento que possibilite a se manter por conta própria, isso seria uma coisa valorosa. Por isso, que essas profissões de pedir esmola e de ser artista tinham a sua importância para os cegos. Eles utilizavam essas profissões como um meio de serem lembrados ou de se fazerem necessários na sociedade. Mesmo eles nem tendo ideia real do que estavam praticando. Que seriam lembrados pelos seus feitos na História.

#### **2.1.5 Crianças**

Na Grécia e em Roma, as crianças que tinham alguma deficiência eram mortas porque elas não tinham serventia em um mundo comunitário, onde todos trabalhavam no campo ou no exército. As crianças doentes ou demasiadamente fracas eram expostas até a morte em campos abertos ou jogadas em rios, montanhas dentre outros. A literatura fortalece essas formas de extermínio. Porém, se a criança não apresentasse nenhum sintoma de doença e fraqueza, a mesma ficava com os pais e posteriormente, aos 7 anos, os meninos ingressavam no serviço militar. O conselho de anciões em Esparta decidia quem iria viver ou morrer. Na Grécia, as crianças doentes, deficientes e fracas eram exterminadas. Todavia, a

decisão não era de um conselho de anciões e sim dos pais dessas crianças, e quando o filho não era morto ele ficava aos cuidados de uma ama de leite até os 7 anos, posteriormente o mesmo era entregue a um pedagogo que ficava responsável pela sua educação.

Percebemos que existe uma semelhança nas condutas, mas não são iguais em suas ações. Uma demonstração que nem todos os estados antigos procediam da mesma forma, com tudo a junção dessas culturas tão singulares, dando origem a Roma. E a sua lenda, sobre a fundação de Roma fortalece, o extermínio dos recém nascidos. A lenda demonstra que para exterminar os irmãos que não eram doentes e nem deficientes, eles foram jogados no rio Tigre para morrerem, como era de costume fazer isso com as crianças que não tinham utilidade para a época.

Em Roma Antiga, até o século XV, crianças que nasciam com deficiência visual, assim como outras deficiências eram jogadas nos esgotos, tal qual o personagem Pinguim do filme “O Batman”. Verifica-se, portanto, que na Antiguidade as pessoas com deficiência visual eram vistas como mal constituídas ou deformadas. (VIEIRA, 2010)<sup>8</sup>

Aliás, neste período não se tinha nenhum remorso em assassinar os bebês com alguma deficiência, pois era normal para o progresso daquelas civilizações. Isso só foi acabar com o cristianismo, onde houve uma transição de mentalidade graças a Jesus Cristo. Logo, a visão sobre essas pessoas mudaram, e elas ganharam o direito à vida.

### 2.1.6 Idade Medieval Falsa proteção

- A era da institucionalização

Já na Idade Média, com a expansão do Cristianismo e a repercussão de que todos são a imagem e semelhança de Deus, a eliminação foi substituída pela proteção, caridade e compaixão. Ao mesmo tempo, justifica-se a deficiência pela expiação dos pecados. Por isso, o deficiente visual, nesse período, encontra abrigo nas igrejas, como o Quasímodo do livro “O Corcunda de Notre Dame” que vivia na catedral de Paris. No mesmo período, o deficiente ganha uma função: bobo da corte.

Ainda na Idade Média, surgem as primeiras instituições basilares para proporcionar ao deficiente visual “assistência e proteção”. Na verdade, as instituições desta época não passavam de prisões, sem tratamento especializado nem programas educacionais. (VIEIRA, 2010)

Como ficou claro a literatura relata bem esse costume de praticar infanticídio precoce das pessoas com deficiência. O trabalho é fundamental para a dignidade do

---

<sup>8</sup> <[http://profsilviosantiago.blogspot.com.br/2010/04/cronologia-da-deficiencia-visual\\_4650.html](http://profsilviosantiago.blogspot.com.br/2010/04/cronologia-da-deficiencia-visual_4650.html)>  
Acesso: 03/02/2018.

homem, e sem meios para tal fica inviável o sustento do sujeito cego com a falta dessa atividade. Fortalecendo assim, a mendicância nas ruas por parte dos cegos, visto que sem essa prática eles não podiam sobreviver.

### 2.1.7 Educação e produção agrícola

As antigas civilizações precisavam ser práticas, pois necessitavam de mão de obra para ajudá-los na agricultura e nas defesas das suas terras contra os invasores, elas viviam em regime comunitário onde os deficientes não tinham como participar efetivamente no sistema de produção nas suas comunidades, pois precisavam ser objetivos para manter a sobrevivência do grupo, o sustento dessas civilizações eram baseados na terra.

Esparta e Atenas foram duas cidades gregas que apresentaram soluções distintas para a educação da juventude. Ambas ancoradas no conceito de cidade-estado. Enquanto Esparta manteve a preferência por um regime militarista despótico, Atenas evoluía para uma democracia. As concepções educacionais divergentes, de uma e de outra, serviram esses regimes políticos. O processo educativo, em Esparta, servia o estado de guerra permanente em que a cidade-estado vivia. A imposição de uma disciplina de ferro, a preparação para a guerra, o ideal militarista e a subordinação do indivíduo ao estado eram preparados, bem cedo, com a frequência de uma escola autoritária inteiramente controlada pelo Estado. Poucos dias após o nascimento, a criança era examinada por um conselho de anciãos que decidiam se ela devia viver ou morrer. As crianças doentes ou demasiado fracas eram, quase sempre, expostas até morrer. [deixadas ao relento]

Em Atenas,

A educação em Atenas era muito diferente da educação espartana. Em comum, o costume de expor até à morte os recém nascidos, doentes ou deficientes, mas a responsabilidade pela decisão era dos pais e não do conselho de anciãos. Até aos sete anos de idade, a criança era entregue aos cuidados de uma ama<sup>9</sup>.

As citações mostram uma realidade de seleção e identificação das crianças mais fortes e que, provavelmente, se tornaram adultos produtivos.

### 2.1.8 Lendas

Analisando a literatura sobre a História Antiga notável a participação dos sujeitos com deficiência principalmente nas lendas gregas, onde vários cegos eram usados como oráculos. Como Tirésias o profeta cego ou na lenda do cavalo de Tróia

---

<sup>9</sup> Disponível em:

<[http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica\\_pedagogia/ebook\\_hist\\_idpedag/Cap%203%20A%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20em%20Esparta%20e%20em%20Atenas.pdf](http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/ebook_hist_idpedag/Cap%203%20A%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20em%20Esparta%20e%20em%20Atenas.pdf)>. Acesso: 05/10/2017.

onde um cego tenta revelar o golpe grego do cavalo e só, não consegue, porque um dos deuses Poseidon, deus dos mares manda uma fera marinha assassiná-lo. Posteriormente, o deus se zanga com Ulisses que após ter vencido os troianos fica se gabando que não precisa de ajuda de nenhum deus. Poseidon, irritado, o amaldiçoa a nunca mais voltar para casa. Isso, como forma de castigo pela sua insolência contra os deuses. Prosseguindo com o relato, o herói é condenado por mais 10 anos longe da sua família, ele só consegue chegar a casa depois de aprender a lição que nada ele conseguiria sem ajuda dos deuses.

Na Odisseia existem várias intervenções divinas nos combates. Sendo assim, decisivas para o final das batalhas, e ficando clara a importância dos deuses nas vidas dos seres humanos. E quem fez essa história foi Homero um sujeito cego. Isso demonstra alguns casos de cegos que não foram assassinados enquanto crianças e chegaram a uma fase adulta. Logo vem a ideia que outras civilizações ~~antigas~~, poderiam não ter as mesmas culturas dos gregos-romanos e nem mesmo a visão bíblica do velho testamento sobre os deficientes.

O Egito foi conhecido **como terra dos cegos**, devido o alto índice de cegueira na região. Além disso, a medicina foi amplamente desenvolvida a ponto de muitos profissionais migrarem para a Grécia e regiões vizinhas. Os médicos tratavam dos cegos e podemos afirmar, que com isso, muitos dos deficientes visuais chegaram a fase adulta.

### **2.1.9 Homero: personagem**

Nessa ótica, a História Antiga tinha personagens que tentaram desconstruir essa mentalidade como Homero, o poeta cego da Grécia. Homero foi um poeta da Grécia Antiga que nasceu e viveu no século VIII a.C., é autor de duas das principais obras da antiguidade: os poemas épicos Ilíada e Odisseia. Muitos historiadores e pesquisadores da antiguidade não chegaram a uma conclusão sobre se Homero existiu ou se é um personagem lendário, pois não há provas concretas de sua existência. Suas obras podem ter sido escritas por outros escritores antigos ou são apenas compilações de tradições orais do período. No período, como não existia uma imprensa globalizada, e nem o estudo da História estava tão avançado quanto hoje, esses perpetrados eram mal difundidos entre as cidades da antiguidade e não possuíam métodos para confirmar a autenticidade do fato.

Essa visão criada ao longo dos séculos, que os cegos são mendigos e imprestáveis para o convívio social, contrapõem-se ao que se pode observar na atualidade, pois temos cegos atuando em diversas áreas profissionais e nas mais variadas ciências humanas, logo esse fato é possível graças aos avanços tecnológicos que possibilitam praticamente que o cego volte a enxergar através de aparelhos como Smartphones, computadores e dentre outros avanços que surgem a cada dia.

## 2.2 Visão Bíblica: citações

Segundo a visão histórica das antigas religiões e até mesmo do Velho Testamento, pessoas com alguma deficiência poderiam ser descartados da vida em sociedade, eles não estavam aptos para o convívio em família. Toda pessoa que sofre algum tipo de doença que cause cegueira ou baixa visão acaba sendo rotulada de coitadinho ou de infeliz. Isso acontece porque desde o princípio da humanidade, a Bíblia sempre coloca o cego como um ser sem fé, como veremos na história do cego de Jericó, segundo Marcos (10.46-52):

Depois, foram para Jericó. E, saindo ele de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto do caminho, mendigando.  
 E, ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a clamar, e a dizer: Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim.  
 E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! tem misericórdia de mim.  
 E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, que ele te chama.  
 E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se, e foi ter com Jesus.  
 E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista.  
 E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho. (BÍBLIA. N.T.)

Segundo as crenças daquela época, os cegos só voltariam a enxergar se eles cressem em Deus, só assim deixariam de serem amaldiçoados por não ter fé. Em outras civilizações tratam os cegos como imprestáveis que devem ser eliminados. Um exemplo clássico era Esparta, eles matavam todos os bebês que tivessem alguma deficiência e não tinham o menor arrependimento de praticar tal ato. Para eles, os deficientes não conseguiriam ter uma vida normal como os demais sujeitos da época. Consequentemente, o cego era incapacitado de continuar

aprendendo sem a visão. Todavia esse pensamento era capaz, devido à falta de métodos científicos, para provar para eles que mesmo com ausência de visão a evolução do cidadão era possível. Faltava a eles saber e ter consciência que todos os indivíduos são seres históricos, com uma capacidade própria e única de se adaptar ao novo por serem pessoas singulares na existência humana, porque as experiências de vida são individuais e dicotômicas entre si. Por isso, quase todos que sofrem alguma deficiência qualquer que seja, tendo conhecimento e auxílio de alguma pessoa, tecnologia é capaz de superar a sua limitação. Mesmo que sem ajuda de ninguém o sujeito com deficiência vai aprendendo a vencer as dificuldades da sua própria maneira. Assim, fica claro que todos nós precisamos uns dos outros, pois temos habilidades diferentes como sujeitos históricos e juntos podemos nos completar. Sendo um ser humano melhor e mais funcional nas tarefas do cotidiano, quando tentamos vencer uma limitação sozinho, acaba sendo mais sofrido e mais prolongado a sua reabilitação. Todavia, com uma participação de terceiros que estejam focados no mesmo objetivo tudo vai ser mais ameno, fácil e com menos perda de tempo para alcançar as metas.

### 2.2.1 Personagens

Na Idade Média, as pessoas com deficiência eram isoladas, seja porque eram vistas como pessoas sem alma ou porque, em alguns casos, vistas como divindades. Nos palácios, podíamos encontrar pessoas com deficiência servindo como “**Bobos da Corte**”.

A visão bíblica do velho testamento está constantemente atrelada a civilização ocidental Europeia como na Américas colonizadas pelos mesmos e aculturadas através, do eurocentrismo e uma das tradições eram que bobos da cortes fossem pessoas com deficiência. Isso no período medieval no século XIII até XVII e, além disso, os deficientes, cegos encontraram asilos e abrigos nas igrejas. Que serviam de prisão e nem eram lugar especializado para colaborar com a superação dos deficientes. (O bobo da corte teve a sua origem em bizâncio atual Istambul, capital da Turquia), isso, no final das cruzadas e foi expandindo pela Europa até o século XVII, onde acabou essa prática. Na Grécia antiga os Cegos eram respeitados como oráculos. Eles acreditavam que os cegos poderiam prever o

futuro e prever fatos e até aconselhar sobre assuntos importantes. Como Tirésias o profeta muito conhecido através da literatura, filmes que relatam os mitos Gregos.

Por tanto, **Alexandre**<sup>10</sup>, **o Grande**, difundiu a cultura Grega para outras regiões conquistadas pelo mesmo. E, Roma foi uma delas. Isso acarretou em um relativismo cultural. Essa crença Grega nos cegos não foi passada para frente por uma gama de fatores. Um dos principais é que as religiões Greco-Romanas eram muito semelhantes e cometiam os mesmos erros. Ambas, não davam a possibilidade de o povo ir ao céu após a morte. Esse mérito de ir para o Céu era exclusivo para os deuses e semideuses. A plebe como era conhecida o povo da época não poderia ter essa honra. Já a religião católica dava essa possibilidade através de condutas e de venda de indulgências que acabam reverberando nas Cruzadas. E isso fez com que os povos fossem adotando a nova religião e esquecendo as religiões Gregas-Romanas e suas tradições e o fim definitivo foi quando o imperador **Constantino** adotou a religião Católica como oficial de Roma e Bizâncio.

## 2.2.2 Conceitos: dignidade e relações humanas

Os conceitos que temos sobre as pessoas com deficiência foram construídos, desta forma, não nasceram com a gente, muito menos com nossos pais, foram passados de geração para geração durante centenas e milhares de anos. O que justifica relacionarmos palavras e expressões negativas às pessoas com deficiência. Isso acontece devido à mentalidade criada aos longos dos anos na História Antiga passando por uma transição dessa mentalidade que acaba ficando mais branda no período medieval.

O trabalho é fundamental para a dignidade do homem, e sem meios para tal fica inviável o sustento do sujeito cego. Assim fortalecendo a mendicância nas ruas por parte dos mesmos, visto que sem essa prática, eles não podiam sobreviver dignamente, Pois para qualquer ser humano de boa índole ficar dependendo de terceiros para sobreviver e dar trabalho para tarefas simples que ele mesmo poderia executar. Acaba causando um constrangimento mesmo que esse conceito não existisse em períodos passados. O ser humano não ficaria bem sendo alimentado e

---

<sup>10</sup> Alexandre era filho de Filipe da Macedônia, que se tornou rei em 338 a.C., dominando toda a Grécia, com exceção de Esparta.... - < <https://educacao.uol.com.br/biografias/alexandre-o-grande.htm>>. Acesso em: 10/07/2017.

cuidado pela vida toda sem dar uma contribuição si quer para a pessoa que acolheu e protegeu o mesmo por tanto, tempo. E a dignidade vem desse pensamento lógico de retribuir toda forma de cuidado e zelo que a sociedade e o grupo social têm com o sujeito com deficiência ou sem. A dignidade através do trabalho remonta conceitos, pois antes mesmo de surgir nomenclaturas para ações abstratas como trabalho, por exemplo. Quando uma pessoa pensa em trabalho hoje em dia logo surge uma gama de profissões, porém a palavra trabalho é abstrata ninguém consegue tocar no trabalho ou mesmo desenhar o mesmo. Além disso, a palavra trabalho deriva de um instrumento de tortura do período medieval chamado tripalium, ou seja, antes da nomenclatura já existia trabalho só que com outro nome. O mesmo acontece com a dignidade do ser humano. Mais uma vez, uma palavra abstrata totalmente emocional que é singular para cada individuo pois cada sujeito vai ter o seu próprio conceito de dignidade ou seja, o que interessa na dignidade através do trabalho é sensação de pertencimento de ser útil para a sua família ou sociedade de alguma forma contribuindo com ações que beneficie o grupo e com isso, o indivíduo consiga respeito e ser lembrado pelos demais. Por isso, não importa quando foi produzido o conceito, mas sim o sentimento, significado ao longo dos séculos.

### **2.2.2 Repulsa**

Os doentes mentais eram mais perseguidos no período medieval, e sua especificidades acabaram sendo atribuídas às outras deficiências e a ideia de pessoas amaldiçoadas ou demônios que estavam incorporados nelas. E isso, causou uma ilusão que esse fato poderia ser contraído através do contato com elas. Logo, acarretou o afastamento dos cidadãos leigos, dos sujeitos com algum tipo de deficiência.

Ainda na Bíblia, algumas vezes, a cegueira é comparada com a morte como se fosse algo análogo. Consequentemente, fica claro o preconceito criado através das sociedades durante os anos. A mentalidade arraigada no subconsciente dos indivíduos foi passando de geração em geração.

## **2.3 Período Moderno e Contemporâneo**

No modernismo com o mercantilismo, a mentalidade sobre os deficientes visuais se manteve como mendigo e bobo da corte. Mesmo depois da queda da

monarquia, os cegos eram atrações artísticas: cantando, tocando instrumentos ou sendo atração em circos. Nesse período não teve uma mudança significativa para a mentalidade do sujeito cego, todavia a principal contribuição do mesmo foi a fundação da primeira escola em Paris, na França. Fundada por Valentin Haüy em 1784. Valentin usava umas letras em relevo para dar aulas aos alunos sem visão. Neste período foram sendo difundidas, pela Europa, escolas para cegos até chegar ao Brasil, mais ou menos em 1854.

### **2.3.1 Segunda Guerra Mundial – mudanças de paradigmas**

Na Segunda Guerra Mundial a mentalidade de assassinar os deficientes voltou com força total devido à eugenia, apropriado por Adolf Hitler<sup>11</sup>.

### **2.3.2 Imagem criada para o cego pela sociedade**

Fica no subconsciente das pessoas a imagem de um cego de óculos escuro com a bengala longa e meio curvado sem postura reta. Para a sociedade a falta de visão acarreta na má postura do indivíduo cego. A suposta tristeza trazida pela visão religiosa acaba deixando o mesmo curvado e relaxado acerca dos cuidados básicos pessoais com a aparência e a limpeza, uma indignação maior por parte dele é a que não trabalha e nunca se sente em posição igual aos demais do grupo.

O cego tem um complexo de inferioridade. Isso acontece com os deficientes em geral, não importando o seu título acadêmico ou especialização técnica que for. Ele nunca vai ser respeitado à primeira impressão, porque a sociedade antes do profissional enxerga a deficiência e posteriormente elabora um juízo de valor pejorativo desse cidadão. Um exemplo simples um cego comentando sobre política ou até mesmo música a opinião do sujeito é logo interpelada: “como você pode dizer isso? Você é cego não pode entender de tal coisa”.

---

<sup>11</sup> Adolf Hitler foi o líder da Alemanha Nazista de 1934 a 1945. Ele iniciou a Segunda Guerra Mundial e instaurou políticas fascistas que resultaram na morte de milhares de pessoas. Nascido na Áustria, em 1889, Adolf Hitler ascendeu ao poder na política alemã como o líder do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, também conhecido como Partido Nazista. Hitler foi o chanceler da Alemanha de 1933 a 1945 e atuou como ditador de 1934 a 1945. Ele levou a Alemanha à Segunda Guerra Mundial e também provocou o Holocausto. Hitler se suicidou ao lado de sua mulher, Eva Braun, em 30 de abril de 1945, em seu bunker, em Berlim.

Um fato que acontece com frequência quando um sujeito com deficiência visual sabe para onde está indo, por exemplo, e um terceiro aborda-o e diz: “você está indo para o lugar errado, hospital ou a escola de cegos fica na outra direção”. E o deficiente só foi tirar uma fotocópia de algum documento no cartório que fica um pouco acima da escola de cegos e próximos da praça dos palmares. E para quem conhece a Rua Pedro Monteiro sabe que no lado contrário existem várias clínicas e o hospital da Santa Casa de Misericórdia de Maceió. Para a visão social o deficiente visual faz apenas duas coisas estuda ou está doente. Quando alguém pergunta a profissão de algum deficiente visual e o mesmo conta o que faz, a outra pessoa fica surpresa e incrédula com a resposta dizendo: “Mais como é possível você fazer isso?”. Logo essas atitudes no início parecem serem engraçadas, porém com o passar dos anos isso vai ficando cada vez mais insuportável para dirimir tamanha chateação. E isso vai deixando o cego com complexo de inferioridade em relação às demais pessoas da sociedade, pois seus direitos básicos são atrapalhados por terceiros, e isso é constrangedor.

A visão social sobre o cego acaba influenciando no modo de pensar e até no modo de agir do mesmo. Logo, já que as pessoas sempre esperam dele que o mesmo seja incapaz de aprender e de ser feliz. Porém, alguns possuem a crença de ser capaz, e que só precisa de oportunidade para ser incluído. Infelizmente, outros não pensam dessa forma.

Conseqüentemente, a sociedade acaba revivendo a superestrutura desenvolvida ao longo dos anos, que desdobra em uma imagem pejorativa muito praticada pelas pessoas sem visão ao fluir da História, que é a lembrança de um cego pedindo esmola ou tocando algum instrumento como meio de vida, mendigando a sua sobrevivência

Essa situação é clássica no século XXI aqui em Maceió no centro da cidade no calçadão sempre está lá um cego tocando e pedindo esmola e outro lugar fácil de perceber cegos mendigando é em coletivos. Esses aceitaram a mentalidade e vivem conforme a velha mentalidade esperam que eles atuem.

Algumas crianças cegas congênitas podem manifestar maneirismos<sup>12</sup>, ecolalia<sup>13</sup> e comportamentos estereotipados. Isso porque a falta da visão compromete a imitação e deixa um vazio a ser preenchido com outras modalidades de percepção. A falta de conhecimento, de estímulos, de

---

<sup>12</sup> Maneirismo - afetação nos modos, na linguagem, no estilo.

<sup>13</sup> Escolalia - forma de afasia em que o paciente repete mecanicamente palavras ou frases que ouve.

condições e de recursos adequados pode reforçar o comportamento passivo, inibir o interesse e a motivação. A escassez de informação restringe o conhecimento em relação ao ambiente. Por isso, é necessário incentivar o comportamento exploratório, a observação e a experimentação para que estes alunos possam ter uma percepção global necessária ao processo de análise e síntese. (CAMPOS, 2007, p. 21)

No caso de crianças cegas de nascença. Eles precisam ser estimulados a ter postura igual aos demais ou vão ficar com postura cabisbaixa não vão tentar fixar a cabeça na direção de quem fala. Eles vão se isolando se esquecendo de viver como os sujeitos sadios. Tanto o cego quanto os baixa-visões precisam ser estimulados a andar em locais desconhecidos para os mesmos, pois tem lugares que. Os deficientes visuais terão que frequentar muito como escola, trabalho e dentre outros lugares do estilo.

O deficiente visual por não ter o contato visual com o mundo exterior ele elabora postura própria e acaba ficando a margem da postura ideal para uma sociedade civilizada. Alguns deficientes visuais por não saírem de casa sozinhos, ficam fora de forma e não se preocupam com a higiene pessoal. Além disso, acreditam estar fazendo o certo devido à sociedade e a família ter se esquecido dele. Logo, para eles é correto se isolarem do mundo. Apriori pode ser complexo entender tal postura com tanta informação e tecnologia, mas os cegos são excluídos de quase todos os processos sociais. As condições de acessibilidade são horríveis, mesmo existindo estatuto da pessoa com deficiência, o código civil e demais áreas do direito brasileiro que obrigam as instituições educacionais, públicas e privadas a terem o mínimo de acessibilidade. Quase sempre essas pessoas com deficiências são esquecidas como, por exemplo, nas ruas que não possuem planejamento e também na grande maioria dos estabelecimentos. E para exigir seus direitos básicos os mesmos precisariam de uma boa educação e uma família que apoiasse o deficiente.

Quase sempre, para algum deficiente conseguir a mínima acessibilidade possível é preciso um PCDS sofrer alguma discriminação e procurar os seus direitos com ajuda da família ou de terceiros, daí em diante vai ficar melhor para os demais sendo que muitos preferem ficar em casa na segurança do lar, em vez de sofrer constrangimentos por terceiros. Isso só acontece, porque falta fiscalização do poder público para dirimir esses empasses.

### 2.3.2.1 Crença

Contudo, essa visão foi sendo extirpada ao longo dos anos com o progresso das ciências modernas, com suas provas epistemológicas que comprovam quase tudo através da razão. Ela desconstrói o mito que ausência de luz poderia ser uma doença contagiosa e que a cegueira seria um castigo divino, porém sendo de senso comum, dentre quase todas as civilizações, que deficiência não pega com o contato da pele ou através do ar. Ainda hoje temos pessoas que acreditam que isso é possível e que alguém com deficiência é uma maldição divina. Logo, outra afirmação sem base científica, pois a genética é responsável pela má formação das células acarretando em uma pessoa com deficiência, Contudo não existe algum fato científico que comprove que as deficiências podem ser transmitidas através do contato. Logo não tem nada haver com castigo divino ou pensamento semelhante.

Contrário ao sentido da inclusão, o modelo médico da deficiência conduz as pessoas a confundir a deficiência com doença. De fato, algumas doenças podem gerar deficiências; sendo estas, o resultado das doenças e não a doença em si.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência, 1982) deficiência é toda perda ou anomalia de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica. Infelizmente, a confusão que se faz entre a deficiência e a doença, bem como o próprio preconceito que se tem da doença, tem servido para afastar as pessoas com deficiência da sociedade. (LIMA e SILVA, 2012)

Prosseguindo com o forte apelo da mentalidade produzida sobre a pessoa com deficiência mesmo após a ciência moderna deixar de forma clara que deficiência não se pega com o contato e nem através do ar.

A sociedade continua marginalizando os deficientes de forma geral, e no período contemporâneo isso é agravado com o surgimento da eugenia, e na segunda guerra com o holocausto dos nazistas comandado por Hitler.

### 2.3.2.2 Eugenia

Durante toda a história da humanidade, diversos povos eliminavam pessoas que nasciam com deficiência, com má-formação e também pessoas doentes. Em 1883 com o nascimento do termo eugenia, criado por Francis Galton<sup>14</sup>, que o definiu como o estudo dos agentes sob o controle social, podendo melhorar ou empobrecer

---

<sup>14</sup> Antropologista, meteorologista. Matemático e estatístico inglês.

as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente. No ano de 1865, Galton publicou um livro, o “Hereditary Talent and Genius” onde dizia:

[..] as forças cegas da seleção natural, como agente propulsor do progresso, devem ser substituídas por uma seleção consciente e os homens devem usar todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo e o processo da evolução nos tempos passados, a fim de promover o progresso físico e moral no futuro<sup>15</sup>.

Logo, após o surgimento do termo eugenia, ele foi apropriado pelo Adolf Hitler para a exterminação das raças diferentes do conceito desenvolvido pelo mesmo. Que era o conceito de raça ariana superior às demais. Assim, quem não se enquadrasse no seu conceito tinha que ser extirpado da sociedade. Com outras palavras ele estava dizendo que deveria ser aplicado o melhoramento genético na população humana. Há uma grande preocupação de que as técnicas usadas no melhoramento genético de plantas e animais sejam usadas nos homens. Ele alimentava os seus ideais de uma variada gama de fontes, embora fique claro que o mesmo pegou a mentalidade do velho testamento sobre pessoas com deficiência e deu um ápice. Incluindo, judeus, homossexuais e outras raças.

Mas deficiência e incapacidade são as mesmas coisas? Não. São coisas diferentes embora possam se relacionar. Explicando melhor:

A deficiência é algo intrínseco ao corpo, à condição física ou intelectual da pessoa, por exemplo, a cegueira e a síndrome de Down. Esteja o mundo acessível ou não, a deficiência está lá. Já a incapacidade é o resultado da relação entre a deficiência e as eventuais barreiras do meio.

Uma pessoa cega, isto é, que tem uma deficiência, pode ou não ser capaz de mexer em um computador, dependendo da existência de algumas barreiras. Se o computador possuir um programa de leitor de tela, as barreiras desaparecem. A deficiência continuará lá, mas a incapacidade de mexer no computador não. No caso de um “cadeirante”, a deficiência física estará lá, mas a incapacidade de transpor um degrau com autonomia vai depender da existência de uma rampa. Assim temos a diferença entre deficiência e incapacidade.

Às vezes a barreira que tem que ser transposta é a falta de um leitor de tela ou um degrau, porém há um outro tipo de barreira tão cruel ou mais que é a barreira de atitude. É a barreira invisível que muitas vezes não dá a oportunidade de uma pessoa com deficiência mostrar sua capacidade. É o não sem explicação, é o desvio de direção das outras pessoas quando passam por ela. É a discriminação baseada em conceitos preconcebidos.

O desafio de cada um de nós é contribuir para eliminar ou ao menos diminuir as barreiras físicas ou de atitude, para que uma pessoa com

---

<sup>15</sup> Disponível em < <http://www.infoescola.com/genetica/eugenia/> > Acesso em: 19/04/2017

deficiência seja capaz de desempenhar uma tarefa, aproveitar uma oportunidade e, sobretudo, usufruir a vida. (BARA, BLOG)<sup>16</sup>

Nota-se que deficiente é quando o sujeito não consegue superar, mesmo com auxílio de uma ferramenta ou instrumento que possibilite vencer essa dificuldade, de forma que ela não o atrapalhe na execução das tarefas do cotidiano. E é capaz, quando por meios de ferramentas, de acessibilidade consegue superar a deficiência. Um exemplo clássico é o cego. Se ele não utilizasse a bengala longa, o mesmo não teria condições de andar com independência. A partir do momento que qualquer deficiente supere uma incapacidade, através de ferramentas ou meios que lhe permita autonomia, o mesmo se torna capaz.

Mas para que tudo isso seja possível é inerente políticas públicas e privadas para que tal circunstância seja uma realidade, esses direitos e outros são assegurados pela: Constituição Federal de 1988; LDBEN nº 9.394/1996; Portaria nº 3.284/2003; Decreto nº 5.296/2004; Decreto nº 6.949/2009; Decreto nº 7.611/2011; Lei nº 13.146/2015 e Lei nº 15.487/2015.

As pessoas com deficiência devem fazer a sua parte, ou seja, está preparada para confrontar a mentalidade antiga e ocupar de forma satisfatória as oportunidades, que a vida vai lhe proporcionar. Para tal, os mesmos devem dominar as ferramentas que auxiliem a sua efetividade como sujeito dito normal na sociedade, porém as leis devem sair do papel e começar a serem praticadas. Dando, dessa forma, continuidade com as adequações das escolas, de bens públicos e privados. Essas adaptações são chamadas no âmbito jurídico de “quebra de barreiras arquitetônicas” e todas as empresas têm que se adequar a necessidade dessas pessoas.

## **2.4 Braille no Brasil**

### **2.4.1 Personalidades e centros**

José Álvares de Azevedo, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império, em 08/04/1834, de família tradicional do Império, cego de nascimento e de grande inteligência e vivacidade. Foi enviado à Europa para estudar no Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, onde ali permaneceu por longos seis anos. Nessa

---

<sup>16</sup> Disponível em < <http://www.blogdoguilhermebara.com.br/a-diferenca-entre-deficiencia-e-incapacidade/> - Blog do Guilherme Bara> Acesso em: 19/04/2017

época o sistema de escrita revolucionária de Louis Braille, posteriormente denominado de Sistema Braille, estava começando a ser experimentado.

Dorina Nowill, nasceu em São Paulo, no dia 28 de maio de 1919 e acabou ficando cega aos 17 anos de idade, vítima de uma doença não diagnosticada. Ela foi a primeira aluna cega a frequentar um curso regular na Escola Normal Caetano de Campos, e conseguiu a integração de outra menina cega num curso regular da mesma escola. Posteriormente, Dorina colaboraria para a elaboração da lei de integração escolar, regulamentada em 1956. Percebendo a carência, no Brasil, de livros em braille – sistema de escrita e leitura para cegos –, criou a então Fundação para o Livro do Cego no Brasil, que iniciou suas atividades em 11 de março de 1946 dentre outros.

A princípio devemos agradecer a distribuição de livros, acima mencionada, à Dorina Nowill e o José Alvares de Azevedo. Azevedo foi o responsável em trazer o braille para o Brasil e idealizou a primeira escola para cegos no Rio de Janeiro. Isso ocorreu no segundo reinado de Dom Pedro II.

Segundo Bueno (1993), Januzzi (1985), e Pessotti (1984), o primeiro foi o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant (I.B.C.). Este foi criado no Rio de Janeiro, pelo Imperador D. Pedro II, através do Decreto Imperial nº 1.428, de 12/09/1854. (BRASIL, 2005, p.30)

Dona Dorina, através da sua perseverança e amor à leitura, criou uma biblioteca circulante que culminou em uma fundação que leva o seu nome. Essa instituição se chama Fundação Dorina Nowill para Cegos, que:

Em 1948, a Fundação para o Livro do Cego no Brasil recebeu, da Kellog's Foundation e da American Foundation for Overseas Blind, uma imprensa braille completa, com maquinários, papel e outros materiais<sup>17</sup>.

Neste contexto, com a falta de livros didáticos, material necessário para contribuir com a formação dos sujeitos cegos, o Sistema Braille possibilita aos mesmos, através dos registros de informações com os maquinários, que eles possam revisitá-los quando quiser e precisar. Assim, o cego poderia estudar para disciplinas e fazer anotações. Como sabemos a memória é fluida não retêm informações por muito tempo, enquanto algo registrado em papel vai ser sempre revisitado quando o indivíduo quiser e precisar, lembrar do conteúdo.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.fundacaodorina.org.br>>. Acesso em: 05/03/2017.

O Sistema Braille é tão importante que serve para fixar as grafias das palavras substituindo a visão. Nesta função de fixar a grafia das letras em tinta. Mesmo sendo buraquinhos no papel em relevo enquanto o normal são letras a tinta ou pintadas com a mesma finalidade de ambos é aumentar o desenvolvimento do aluno sobre a ortografia Brasileira e a leitura de obras possibilitando o aumento da sua cultura. Logo, a disponibilidade desse tipo de material em qualquer área do conhecimento é fundamental para o progresso do sujeito cego.

#### **2.4.2 Dificuldades**

Entretanto, até a atualidade, ainda a maior carência é uma educação de qualidade para essas pessoas cegas, mas está sendo um grande obstáculo a ser enfrentado por elas, uma vez que, falta material específico de disciplinas em Braille ou em formato acessível. Além disso, os professores não estão qualificados para lecionar os seus conteúdos de forma satisfatória para esses grupos de pessoas com limitação, visto que os mesmos não fazem cursos de qualificações em ferramentas de acessibilidade, possibilitando a maior transmissão do seu teor e a melhor aprendizagem por parte das pessoas com deficiências – PCDS.

A nomenclatura atual – PCD - foi adotada a partir da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência das Nações Unidas, em 2006, desde então, convencionou-se que, ao nos referirmos a estas pessoas devemos utilizar este termo.

As pessoas com deficiência têm, desde sempre, convivido com a confusão entre o que realmente são, pessoas humanas, e o que se pensa que elas são: “deficientes”.

Corroborando para a perpetuação dessa “confusão” a visão social construída historicamente em torno da deficiência como sinônimo de doença, de dependência, de “indivíduos sem valor”, de sofrimento, de objeto de purgação dos males cometidos por seus pais, entre outras. Tais visões estereotipadas sempre marginalizaram as pessoas com deficiência e, por vezes, nutriram nelas a crença descabida de que são incapazes. (Fabiana Tavares e Francisco Lima – artigo)<sup>18</sup>

Fica claro com essa citação, que a sociedade ocidental acaba fortalecendo a mentalidade pejorativa sobre as pessoas com deficiência, amplamente relatada no Velho Testamento. Logo, os PCDS vão perceber essa hostilidade e ficam se perguntando, será que isso é verdade? Como isso pode acontecer? A fé dessas

---

<sup>18</sup> <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/impressao.asp?artigo=1487>

peças acarreta em uma aceitação ou pelo menos abala muito as convicções do indivíduo em mudar de vida e superar uma limitação, já que a grande maioria da população brasileira é católica. E não aceita as respostas das suas indagações, porque elas vêm das visões religiosas sobre os sujeitos com deficiências. Outro motivo é que acaba acontecendo por que o sujeito com deficiência nunca teve acesso à Bíblia ou nunca leu e seu conhecimento dos textos sagrados, esse é passado por terceiros e a sua educação é deficitária. Tal situação é alimentada pela visão religiosas sobre o PCDS ao longo dos períodos históricos, onde a maioria deles era economicamente baseada na terra e a educação de qualidade não era interesse dos governantes que fossem dadas para as pessoas de classe mais inferior seguindo os paradigmas de cada sociedade no seu tempo, pois para eles as pessoas serviam de mão de obra para trabalhos manuais, que para o entendimento da época, não era necessário ter educação erudita, para exercer essa mão de obra, assim desestimulando a leitura de qualquer livro por esses sujeitos.

O termo PCDS atribui um status de igualdade entre as pessoas, com ou sem deficiência. Porém a igualdade é como pessoa mais com deficiência, ou seja, uma advertência, que continua a fortalecer a mentalidade da sociedade perante os mesmos, já que ser deficiente como o Velho Testamento afirma é uma nomenclatura que já é usada e não vai transformar essa mentalidade arcaica. O que faz que essa superestrutura sofra uma dialética são políticas públicas, privadas de inclusão efetivas e mais acessibilidade nos ambientes sociais. Assim dando uma qualidade de vida para os deficientes.

## **2.5 Perda da visão: indagações**

Os exemplos acima citados fortalecem o medo de quando uma pessoa perde a visão, daí ela se pergunta: o que vou fazer agora? A partir do momento que ela perde a visão e consegue se acalmar, poderá perceber que é um ser histórico, cheio de experiências, que culminaram no que é hoje e não vai ser a perda da visão que vai mudar isso, visto que a mentalidade acerca dos cegos assombra o interior desse indivíduo a ponto de no princípio ele acreditar nesta mentalidade, porém quando ele se acalma poderá perceber que não precisa ter medo, que precisa adaptar-se e aceitar a nova condição. No entanto, ao passar dos meses ou anos, a pessoa cega começará a criar métodos de viver dignamente sem precisar tanto de

terceiros, como podemos ver no filme de Ray Charles<sup>19</sup>, disponível no Youtube<sup>20</sup>. Por incrível que pareça, um indivíduo cego continua evoluindo através dos outros sentidos e melhorando sua postura e grau de conhecimento das coisas importantes na vida.

### **2.5.1 A importância do esporte, lazer e educação na vida do deficiente.**

O esporte é um dos recursos onde o deficiente pode se perceber vivo e participante da sociedade, assim também como a educação, porque essas atividades possibilitam novidades em suas vidas, pois estando na condição de deficiente fica mais fácil acreditar em qualquer mentalidade sobre o mesmo. E com essas, ocupações o deficiente vai ficando mais forte intelectualmente e disposto fisicamente sem acreditar em qualquer coisa que falem sobre eles, pois eles serão felizes e adaptados a sua realidade.

Para desmistificarmos tais pensamentos traremos a descrição de um esporte adaptado para cegos, onde um vidente tenta praticá-lo e não consegue, e em seguida um exemplo de superação. O material refere-se ao vídeo “Treino em São Paulo do futebol de cinco para cegos<sup>21</sup>”. Nele, é apresentado um treino em São Paulo do futebol de cinco para cegos. Essa é uma modalidade da paraolimpíada<sup>22</sup> onde é comentada as suas regras e como é o desdobramento do tal esporte. Neste vídeo também, é transmitido a informação que todos os atletas são cegos ou baixa visão com exceção do goleiro que é vidente e que fora da partida existe um chamador que é vidente, também ele serve de orientação sonora para os atletas. O repórter tenta jogar esse esporte e não consegue, ficando claro se um cego fosse jogar futebol de salão. Os mesmos não estão habituados com essa realidade. E o final é notório eles se sairiam mal nessa inversão de papéis. Contudo, alguns atletas cegos se destacam nessa modalidade, na contemporaneidade.

---

<sup>19</sup> Em 1932 Ray Charles (Jamie Foxx) nasce em Albany, uma pequena e pobre cidade do estado da Georgia. Ray fica cego aos 7 anos, encontrou seu dom em um teclado de piano.

<sup>20</sup> <https://youtu.be/dNB5GzHAas4>

<sup>21</sup> <http://globoplay.globo.com/v/5283336>

<sup>22</sup> A primeira edição das Paraolimpíadas ocorreu em Roma, na Itália, no ano de 1960. Contudo, a estreia contou apenas com participantes usuários de cadeiras de roda. Somente a partir de 1976 é que foram incluídos os deficientes visuais, mentais e pessoas com lesão na medula espinhal. Atualmente, 28 modalidades estão inseridas no cronograma dos Jogos, entre as quais destacam-se o atletismo, natação, judô, futebol, ciclismo, tênis, levantamento de peso e tiro. Para 2016, teremos duas novidades: a estreia da canoagem e do triatlo.

O Brasil já ganhou quatro medalhas de ouro nessa prática esportiva e é o atual campeão paraolímpico de 2016. Isso só foi possível através de um jogador extremamente habilidoso, Ricardinho, atual melhor jogador do mundo.

No futebol de cinco para cegos em 2016, visto que Ricardinho não era uma pessoa com ausência de visão ele não teria esse título e, talvez nem jogasse algum esporte relacionado com a bola. Logo, ele alcançou o ápice do seu desenvolvimento sendo deficiente visual, e com certeza encontrou a felicidade nesse esporte. O mesmo é referência para o seu grupo social e para os videntes, já que ele venceu sua limitação e até mesmo a sociedade que acaba olhando sem dar credibilidade para o esportista. Que para a maioria da sociedade é um coitadinho digno de pena. Isso tudo só é possível através da antiga mentalidade elaborada sobre os deficientes. E que fique bem evidente para a sociedade o que é visto primeiro é o estigma; é um cego e não um atleta. Porém, com o enfrentamento do mesmo as conquistas desdobrarão em uma futura aceitação por parte de quase todos da sociedade. A matéria exibida no Jornal Hora Um da Notícia<sup>23</sup>, da Rede Globo de Televisão, traz:

Para que Ricardinho chegasse ao patamar de hoje, seu pai teve participação decisiva. Por conta da deficiência do filho, trouxe toda a família de Osório para Porto Alegre. “Querida inscrevê-lo no Instituto Santa Luzia, referência no ensino em braile”, segundo seu pai..

Foi lá que o craque reencontrou o futebol. Nas escolinhas do Santa Luzia, logo ficou evidente que Ricardinho estava acima da média. Aos 12, já atuava contra meninos de 15, 16, 17 anos. Com 15, foi convocado pela primeira vez para a seleção brasileira. Um ano depois, em 2006, foi eleito revelação e melhor jogador do Mundial, vencido pela Argentina.

Daí em diante, a carreira decolou. Em 2010, foi campeão mundial pela primeira vez. A essa altura, sua rotina era totalmente dedicada ao futebol. A dedicação de Ricardinho e seus companheiros resultou em mais uma conquista, o Mundial (...) em Tóquio, no Japão, com direito a vitória sobre a rival Argentina na final.

— Eu tinha esse sonho de ser jogador quando tinha cinco, seis anos. Na época, eram duas coisas difíceis para mim: perder a visão e pensar que eu não poderia mais jogar futebol. Aconteceu tudo muito rápido na minha vida — surpreende-se.

Nota-se que nesta História de superação, o pai do atleta teve um papel fundamental nesse sucesso. A família do Ricardinho sempre buscou o melhor para o mesmo e tentou demonstrar para o jovem cego que ele poderia ser normal e não acreditou na mentalidade que deficiente visual é isso ou aquilo, Contudo sua História de vida é uma exceção, quantos jovens sonham em ser jogador de futebol e não

---

<sup>23</sup> Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2014/11/conheca-ricardinho-o-melhor-jogador-do-mundo-no-futebol-de-cegos-4651754.html> > Acesso em: 07/04/2017.

conseguem. Agora fazendo uma analogia, se um jogador famoso da seleção de qualquer país ficar cego, será que ele manteria a mesma qualidade na sua habilidade continuando com os seus títulos? Após a cegueira, talvez ele tenha uma resiliência muito grande e mantenha a habilidade adquirida, embora seja bem provável que não seria o suficiente para um título de melhor do mundo como o do jogador Ricardinho. Embora ambos sejam atletas, a realidade deles seria crucial para atenuar as suas capacidades específicas em cada modalidade. Essa inversão de papéis acabaria prejudicando ambos.

Ricardinho conseguiu vencer pelo fator família e por ter perdido a visão com 8 anos de idade, uma criança forte e pronta para se adaptar a qualquer dificuldade. Mesmo o atleta dizendo que quando pequeno pensava que seria o fim do seu sonho, a família lutou e desconstruiu qualquer mentalidade sobre fracasso do pequeno jogador cego e sempre esteve do seu lado apoiando em qualquer hora de necessidade. Embora, a família seja essencial para o sucesso de qualquer cidadão, a maioria delas não têm a mesma disponibilidade da estirpe do atleta, pois quase todas tem a velha mentalidade que o sujeito sem visão não tem futuro, e não faz o investimento inerente para o progresso profissional e emocional, sendo isso indispensável para a vida do mesmo. O desprendimento familiar desse atleta, em ajudá-lo, não é comum na nossa sociedade.

Todavia, a realidade das demais é que colocam os filhos em casa, aposentam o mesmo e começam a pegar quase todo, senão todo o salário do mesmo e mantendo-o com o básico e sem total perspectiva de futuro de um dia ser capaz de ser autônomo. Essa família age dessa forma porque a mentalidade da sociedade diz o tempo todo que o cego é incapaz de qualquer tarefa no cotidiano, e isso é em qualquer área pessoal, profissional e até mesmo no lazer ou nas práticas esportivas.

Um ponto de destaque na entrevista do Ricardinho é que: quem teve visão possui vantagem em relação ao cego de nascença, pois esse sujeito, que já enxergou, tem lembrança dos locais onde costumava ir. Logo, ele criou um mapa mental auxiliando-o na locomoção e nos demais aspectos da vida em sociedade. Ricardinho, por ter enxergado e tendo memórias imagéticas, criou estratégias para as suas jogadas. Com a ajuda de sua família, com as adaptações das condições do cotidiano através do esporte e a desconstrução da mentalidade formulada ao longo dos anos, tudo isso fez com que o psicológico do esportista não fosse atingido. O

que possibilitou sua integração social, transformando o rapaz em fenômeno no esporte, uma vez que ele pratica uma modalidade que é tanto um lazer como um emprego. Logo, o esporte traz felicidade e dignidade do emprego honesto e a capacidade de ser independente em sociedade.

### **2.5.2 Paraolimpíada**

A paraolimpíada é um dos exemplos que fortalecem a mentalidade formulada sobre o cego. Ela acaba confirmando a segregação velada pela sociedade. E também, não tem a mesma divulgação e nem a mesma transmissão das coberturas empregadas nas olimpíadas, para os ditos “normais”, como poderemos perceber na descrição do vídeo: Quadro de medalha da paraolimpíadas 2016<sup>24</sup>, que apresenta as medalhas ganhas por atletas com deficiência. No entanto, essas conquistas não tiveram a mesma divulgação da olimpíada para os normais, sem nenhuma limitação tão grave quanto os atletas da paraolimpíada, em qualquer ano até hoje. Isso acontece, devido a superestrutura criada da mentalidade antiga que fica entranhada no subconsciente da sociedade e é aflorada nas más estruturas da urbanização e na falta de divulgação e transmissão dos canais abertos dos jogos em questão. Mesmo a paraolimpíada sendo recorde de medalhas em relação à olimpíada.

Ainda que, apesar de alcançar uma boa classificação geral entre os países, ficando em oitavo lugar, e o maior número de medalha em relação aos atletas sadios sem deficiência do Brasil na Olimpíada 2016, isso não foi o suficiente para que a sociedade mudasse seu ponto de vista sobre a pessoa com deficiência. Diante desses recordes e lutando contra o preconceito antigo, os PCDS poderão ser considerados iguais perante aos outros atletas e para a sociedade assim, conquistando respeito e dignidade.

Contudo para a sociedade se um cidadão de qualquer profissão como um professor, por exemplo, perder a visão ele sempre vai ser um cego comum, visto que a mentalidade criada ao longo dos séculos faz com que as outras pessoas enxerguem inicialmente a deficiência ao invés de perceberem as qualidades, status e o poder social do indivíduo. Só conseguindo perceber a limitação do mesmo,

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/5302298/>>. Acesso em: 27/07/2017

seguindo com a atitude de rotulá-lo, devido ao seu próprio juízo de valor. Logo, o sujeito com alguma limitação vai ter uma imagem criada retrógrada ao seu respeito devido a ignorância da pessoa que o julgou e a falta de preparo da sociedade em conhecer de fato qual seria de verdade a real limitação daquele sujeito. Por isso, só será respeitado pelos seus amigos e familiares que conhecem a luta e a resistência dessa pessoa em tentar ser normal.

Segundo programa da TV Anhanguera de Goiás<sup>25</sup> onde um cidadão supera a ausência de visão e vive dignamente a sua limitação. Assim desconstruindo mentalidade criada sobre os mesmos.

Nota-se historicamente que pessoas com deficiência visual de nascença sofrem preconceito desde bem pequenas. Quando chegam a algum lugar na vida, percebe-se que ela teve muito mais obstáculos que um indivíduo “dito normal”. Essa pessoa teve que viver se esforçando para aprender algo que para as pessoas que enxergam são mais simples de obter, como os direitos básicos a educação, direito de ir e vir e cidadania em geral.

### **2.5.1 Obstáculos urbanos**

Pessoas com deficiência visual sofrem todos os dias com barreiras arquitetônicas inimagináveis, ou seja, não dá para prever o obstáculo que está ao seu redor. E como se não bastasse, tem a barreira da incompreensão por parte dos demais cidadãos, a barreira atitudinal. No entanto, os cegos e os cadeirantes muitas vezes, por falta de infraestrutura, são prejudicados tanto socialmente como na hora de fazer amigos. Eles ficam tímidos por precisar de alguém para levá-los a lugares, no qual gostariam de ficar sozinhos. Esses sujeitos querem ir ao banheiro, namorar, pegar algo sem precisar de ajuda de terceiros e caminhar com liberdade de ir e vir sem precisar de auxílio.

O mundo é pensado para as pessoas consideradas ou ditas “normais”, essa realidade faz com que os deficientes acabem sofrendo na sua reabilitação. A mentalidade criada que o mundo é só para pessoas que enxergam ou são sadias sem nenhuma deficiência aparente, acaba deixando os espaços sem acessibilidade em locais públicos e privados. Com isso, uma pessoa que perde a visão na fase adulta entra em colapso nervoso, a aceitação é complexa e muitas vezes o sujeito

---

<sup>25</sup> fazenda-em-goias-ocupar-a-mente/5718209/

entra em depressão. Essa consequência deve-se a cultura e crenças que a pessoa adquiriu principalmente através da visão, e quando ela, por algum motivo perde esse sentido, fica a sensação que o mundo acaba ali.

### **3 A RESISTÊNCIA DOS DEFICIENTES EM LUTAREM PELOS SEUS DIREITOS BÁSICOS, QUE DESDE MUITO TEMPO É SUBTRAÍDA PELA SOCIEDADE. ENTÃO, IGNORÂNCIA OU PRECONCEITO DA SOCIEDADE?**

No início deste trabalho demonstramos a construção de uma mentalidade sobre o sujeito com deficiência visual que ao longo dos séculos foram sendo herdadas naturalmente de geração em geração. Embora, a mentalidade tenha sido desconstruída com o avanço das ciências que tudo que compunha a mesma era errado uma mera dox<sup>26</sup>, um senso comum sem base epistemológica, mas assim mesmo ela se manteve viva no subconsciente dos indivíduos até os dias atuais. Com isso, os cidadãos reproduzem preconceito sem se dar conta, porém na atualidade temos autonomia e independência só que é preciso condições especiais para tais ações inclusivas. Embora o Brasil seja um país cheio de leis de inclusão, apenas a minoria delas são colocadas em prática. E essa escassez de fiscalização acaba contribuindo de forma ferrenha para o aumento da mentalidade sobre o sujeito cego. Assim, alimentando a mentalidade desenvolvida pela Bíblia Sagrada, no Velho Testamento, e pela sociedade, ao decorrer dos séculos.

#### **3.1 Bengala**

A bengala é um instrumento de inclusão muito arcaico que precisa sempre de um auxílio externo para proteger os usuários de obstáculos que possam causar acidentes. Logo vem o governo de diversas formas tentando aperfeiçoar esse equipamento tão indispensável na vida dos sujeitos cegos. Surgem inúmeras tecnologias que podem melhorar essa ferramenta, que ao longo dos séculos já teve diversas nomenclaturas como bastão e até chegar aos dias atuais. Mas, nesse trabalho não vai dar para remontar todas as inovações tão constantes nesse equipamento. Contudo, vamos remontar a sua História e continuar demonstrando diversas ferramentas capazes de proporcionar inclusão para a pessoa com deficiência visual. E também, dirimir a mentalidade sobre o sujeito com deficiência visual.

Desde a antiguidade um instrumento que favorece essa atitude é a bengala longa, ela foi o primeiro instrumento que deu autonomia ao cego, tendo diversas

---

<sup>26</sup> Dox aqui é colocado com relação ao pensamento do senso comum, ao analisar sem nenhuma base científica ou teórica e assim fazer juízo da pessoa com deficiência.

nomenclaturas ao longo da História, não perdendo a propriedade de auxiliar as pessoas com ausência de visão.

Desde a antiguidade, tem-se notícias do uso de bastão ou vara para a locomoção de deficientes visuais. Como o patriarca bíblico Isaac e Tirésias o profeta. Mas somente no século XX que registraram tentativas concretas e valiosas para descobrir um meio seguro e eficaz para locomoção dos deficientes visuais. Em 1930, o Lions Club Peoria Illinois (EUA), apresentou uma proposta lei que após ser aprovada foi chamada Lei da Bengala Branca. Dava prioridade no trânsito ao deficiente visual que portasse uma bengala branca. 1931, reunião no Lions Club de Toronto (Canadá), estabeleceu o dia 15 de outubro como "Dia Mundial da Bengala Branca", que passou a divulgar a lei. 1945, o exército americano sentia-se passivo e inoperante diante dos soldados cegados na guerra; 2358, recrutas recebendo pensão do governo e com sua locomoção comprometida. Primeiro Tenente Oftalmologista, Richard Hoover, junto com sua equipe, propôs estudar e tratar o problema da cegueira e o mecanismo da marcha. Hoover criou um método revolucionário de locomoção. Usando um instrumento que lembrava um bastão, mas com função, material e comprimento diferentes. A aplicação desta técnica foi um sucesso extraordinário. Hoover desenvolveu um sistema de exploração para ser efetuado com o toque da ponta da bengala, que transmitiria todas as sensações táteis detectadas por ela. 1948, terminada a primeira etapa, Hoover estendeu o projeto aos demais soldados cegos. Vendo o interesse da sociedade civil, educadores e familiares dos cegos civis, a partir daí difundiu-se, a todos os interessados, a técnica da bengala longa. A técnica de Hoover pela sua comprovada eficácia, segue sendo a única em vigor em todo o mundo. 1957, Joseph Albert Apenjo, enviado pela ONU ao Brasil, veio transmitir as técnicas de orientação e mobilidade ao primeiro grupo de profissionais interessados. (JOSÉ RICARDO, Apud MELO)

Como podemos perceber a bengala sempre foi utilizada só que não havia técnicas para a mobilidade e o material da mesma não era padronizado, e isso passa a ser possível a partir do século XIX. Assim, a bengala, antes mesmo de ganhar a sua nomenclatura, já funcionava com a finalidade de auxiliar os cegos na locomoção.

A partir do século XIX foram atribuídas técnicas de segurança e de mobilidade, utilizados até nos dias atuais. Porém, tais técnicas estão defasadas, porque as mesmas só protegem os obstáculos que estão no chão, qualquer coisa que esteja aproximadamente a uma distância de 50 centímetros aproximadamente ou menos, pode desdobrar em um acidente grave. Nesta condição atual é preciso elaborar algo mais eficiente, seguro para a locomoção e o desenvolvimento do sujeito sem visão, isso na contemporaneidade.

Nessa conjuntura, leigas da nossa sociedade, ao encontrar um cego que está utilizando a bengala e bate em algum obstáculo, imediatamente o rotula de "bichinho, coitadinho, ceguinho não tem ninguém para andar com ele". Nesta ótica, a bengala precisaria ganhar tecnologia de ponta, buscando evitar o choque do

indivíduo em obstáculos e assim alimentando o desenvolvimento pleno da pessoa sem visão ou maior divulgação dos órgãos e entidades públicas esclarecendo a técnica da bengala longa para os cidadãos leigos que tem o frenesi que quando o deficiente bate em um obstáculo é um fato humilhante que o sujeito sem visão não precisaria passar por tais circunstâncias, pois o que acontece é que os videntes esperam que o cego não tenha o contato com o obstáculo. Conseqüentemente, eles esperam que o deficiente não bata em nenhum obstáculo na sua frente e que desvie do mesmo como estivesse enxergando. No contemporâneo ainda acontece uma confusão com a bengala longa dos cegos e a bengala de apoio. Logo, muitos normovisuais<sup>27</sup> não têm a clareza da dicotomia das diversas bengalas utilizadas por pessoas com deficiência. A bengala de apoio tem um material mais pesado e não tem a ponteira tradicional da bengala longa de cegos. Que tanto pode ser uma ponteira roller ou uma ponteira tradicional que serve como a ponta de um dedo. Ela tem esse formato para simular que é um complemento do braço do cego que detecta os terrenos acidentados e possibilita a mobilidade do mesmo e a outra bengala é usada por idoso ou sujeito com alguma deficiência física.



Ponteira Roller

Foto: Internet

Se o cego se chocar contra algo, para algumas pessoas, ele não está preparado para andar sozinho, porém os sujeitos cegos precisam combater essa mentalidade, como nos apresenta Nascimento (s.n):

Bartimeu<sup>28</sup> era cego e mendigo, provavelmente angustiado com sua cegueira, triste... sem esperança alguma de mudar o quadro de sua condição, naquela época nem todo o dinheiro do mundo nem a medicina poderiam curar sua cegueira.

Provavelmente Bartimeu se tenha acomodado à condição de cego e tentado ser feliz dentro dessa condição (BÍBLIA SAGRADA).

<sup>27</sup> Significa "pessoa que enxerga".

<sup>28</sup> Bartimeu é um personagem bíblico, citado no livro de Marcos (10,46-52) - O cego de Jericó.

A felicidade independe da condição do sujeito, não importando se ele tem alguma deficiência ou não. Então, quando o cego bate em algum obstáculo é como se confirmasse essa máxima popular, da mentalidade, produzida ao longo dos séculos de que ele é coitadinho, incapaz de qualquer coisa. Mas, a técnica da bengala sempre foi assim, ela começou no pós-guerra e é a única que se tem até os dias de hoje.

A priori as pessoas são mal informadas, não percebem que é o procedimento padrão da técnica da bengala. O cego se choca contra um objeto e faz o contorno do mesmo. Isso não quer dizer que ele não saiba manuseá-la, apenas ele está se protegendo dos obstáculos encontrados ao seu redor. Já em 2014 foi lançado uma inovação uma cor verde nas bengalas utilizadas por pessoas com baixa visão. Essa ideia do governo de rotular as bengalas tem o objetivo de facilitar a identificação do sujeito cego do de baixa visão. Então, a bengala do cego total ficou com um adesivo na cor branca indicando cegueira e na cor verde para as demais formas de baixa visão que existem.

### **3.2 Bengala Verde**

Criada em 1996, pela professora argentina Perla Mayo, a Bengala Verde nasceu com o objetivo de identificar as pessoas com Baixa Visão<sup>29</sup>.

A bengala verde é uma forma de minimizar as barreiras atitudinais sofridas pelos mesmos ao se locomoverem pelas ruas, estabelecimentos públicos e até privados. Por existir baixa visão que aparenta esteticamente ter os olhos são sem doença aparente. Os olhos não apresentam nenhuma deformidade visível, aos normovisuais, que são as pessoas que enxergam. Então esses indivíduos normovisuais são leigos nesta área, acreditam que só existe cego com bengala e se não for assim, é fingimento.

#### **3.2.1 Cores/condições**

No entanto, essas políticas de inclusão não funcionam bem, Porque são conceitos que não abarcam a realidade e suas complexidades. Como essa ação vai funcionar? Se muitos dos cegos e os subnormais nem conhecem o motivo do adesivo ter cor diferente na bengala. Observação essa política de diminuir o

---

<sup>29</sup> Bengala Verde < <http://www.bengalaverde.org.br/> Acesso em: 15/09/2017.

preconceito já foi tentada no passado e não deu certo. Quando surgiu a bengala, ela era toda branca e foi difundido o seu uso para pessoas cegas exclusivamente. Posteriormente, tentaram adesivar a bengala de cor amarela para indicar baixa visão e sendo na cor vermelha, seria a bengala apropriada para o cego. Contudo, o tempo passou e a bengala sem adesivo, toda branca, volta à moda devido os mesmos serem caros e não adiantar muita coisa na hora de identificar o sujeito como cego ou baixa visão.

Embora auxilie em travessias de ruas, avenidas, dentre outras situações que coloque a vida do deficiente visual em perigo, o seu benefício é que ocorre com frequência a noite, sendo o adesivo iluminado sob o farol dos carros, os deficientes são visualizados. Na atualidade é a vez do verde ou branco nas bengalas, todavia não funciona bem. Além disso, para a sociedade uma pessoa com bengala sempre vai ser cega devido a superestrutura desenvolvida ao longo dos séculos. Pois, a pessoa sem visão é tida como coitadinha sem condição de ser autônoma na sua vida e tem dificuldade de aprender qualquer conhecimento que seja adquirido pelo sentido da visão. E também, é mais simples para a sociedade rotular, a primeira vista, como cego do que ficar imaginando se o indivíduo possui alguma visão ou não. Então, a consequência disso é um choque de aceitação da bengala por parte das pessoas com baixa visão.

As pessoas de baixa visão que precisam de bengala começam a acreditar nos rótulos empregados pela sociedade que acaba sendo transmitida para esse sujeito, que entra em conflito sobre usar ou não a bengala. Por não querer ser considerado cego, devido ao preconceito social, o mesmo resolve em geral não usá-la.

O que agrava esse aspecto foi o fato da primeira bengala ter sido branca, difundido que o instrumento era de uso dos cegos, o que foi consolidado no subconsciente da sociedade. Agora fica complicado fazer com que as pessoas que enxergam, assimilem a mudança.

Um caso verídico, que bem ilustra a situação é o do indivíduo com campo visual restrito que entra no vagão do Metrô utilizando sua bengala. Educadamente, os demais indivíduos do vagão cedem lugar para o indivíduo com a deficiência. O deficiente visual que tem visão subnormal agradece, senta-se e, na sequência, abre um livro e começa a ler. Aquele que cedeu o lugar, por absoluto desconhecimento, sente-se enganado e agride o deficiente. O público leigo não entende que um indivíduo com visão subnormal pode ter o campo periférico extremamente reduzido a ponto de precisar de uma bengala para se locomover, mas mesmo assim ser capaz

de ler utilizando sua visão central. Essa é apenas uma das inúmeras situações do dia a dia que as pessoas portadoras de baixa visão enfrentam em função única e exclusivamente do desconhecimento da sociedade em relação à baixa visão<sup>30</sup>.

### 3.3 Normovisuais

Por tanto, baixa visão são sujeitos quase cegos ou com a visão muito limitada. Eles apenas conseguem perceber alguns obstáculos sem precisão sobre o mesmo. A visão apenas permite se direcionar com a cabeça em direção a algo na sua frente. Um exemplo: a pessoa com baixa visão pode ficar sem saber ao certo a definição exata de gênero de alguém que esteja a poucos metros de distância do mesmo. Isso acontece com frequência, inclusive com os obstáculos. Muitas vezes, acreditam não existir batentes onde tem ou, vice-versa. Com isso, a pessoa acaba se machucando seriamente. Logo, o uso da bengala verde é importante para prevenir acidentes com esses indivíduos, como também, auxiliar na inclusão social dos mesmos, pois muitas vezes eles não têm condições de se locomover a contento e nem de chegar a qualquer lugar fora de sua casa. Devido a preconceitos, o deficiente se sente à margem da sociedade e fica incapacitado de lutar por seus direitos básicos. Nota-se com isso, que falta divulgação por parte das mídias sobre esses projetos. O sujeito cego não é diferente dessa realidade. Ele deve buscar a extinção dessa mentalidade através de atitude, diálogo e enfrentamento.

Por tanto, cada divergência atribui um ganho intelectual e patrimonial que não tem volta, pois na alteridade e na vida sempre, isso acaba acontecendo. Tudo está em constante dialética, mesmo a estrutura mais forte, ao contato com coisas divergentes acaba se transformando como os grandes monumentos quando sofrem ações dos quatro elementos, estes se modificam ou começam a se deteriorar até se extirpar por completo. As superestruturas podem ser alteradas com esses confrontos de ideias e atitudes quebrando assim, paradigmas, preconceitos construídos através de milhares de anos. Assim, as pessoas com alguma deficiência vão poder demonstrar que são capazes de derrubar qualquer barreira, só basta ter determinação e força de vontade.

O enfrentamento se faz necessário sobre esse preconceito que foi ampliada ao longo dos séculos pelos normovisuais, alimentando essa ideia formada até os

---

<sup>30</sup> Projeto Bengala Verde - <<http://retinabrasil.org.br/site/projeto-bengala-verde/>> Acesso em: 15/09/2017.

dias atuais. Essa superestrutura construída pela Bíblia, no Velho Testamento, pode ser extinta da sociedade com enfrentamento e informação. Os normovisuais só precisam de um esclarecimento e bom senso para concluir que ninguém em sua forma física perfeita, se sujeitaria a ficar utilizando uma bengala por aí sem necessidade nenhuma.

Algumas vezes nos deparamos com pessoas com baixa visão que conseguem andar de bicicleta em vias públicas. Essas pessoas tem alguma deformidade nos olhos ou nem chegam a tê-las, o que dificulta saber a real condição da mesma. Alguns subnormais têm deformidades nos olhos, aparentando serem cegos, porém não são.

Para simplificar, sujeitos com cegueira e baixa-visão são capazes de fazer coisas inacreditáveis. No ponto de vista de uma pessoa com deficiência, pois o mesmo consegue fazer umas tarefas que normovisuais não conseguem executar e ao contrário, coisas simples para os sujeitos que enxergam e executam sem dificuldade. Existe especificidades de cada patologia nos indivíduos com baixa-visão ou até mesmo cegos que enxergam luzes ou vultos, sendo esses raros, embora sofram preconceito da mesma forma que os subnormais. Eles escrevem e não consegue ler o que escrevem. Logo, a melhor saída para o mesmo são os leitores de telas que falam em voz alta tudo que se passa na tela do computador, e smartphones desde que seja texto.

### **3.4 Tecnologias**

Para maior esclarecimento leitor de tela é um software que lê tudo que está escrito ou, algo que possa ser selecionado na tela de computador ou, de smartphones e outros aparelhos eletrônicos. Ele só tem uma limitação, pois não trabalha bem imagens, porém nada que uma boa áudiodescrição não ajude. Na atualidade esses leitores de tela substituem as outras ferramentas usadas pelos deficientes visuais, entretanto o braille e o soroban ficam sempre sendo utilizados, porque sem eles a vida dos deficientes visuais não teriam tanto progresso. Inclusive, essas ferramentas são essenciais para a alfabetização das crianças cegas e para o aprendizagem, cálculos matemático de alta complexidade. Ainda no contemporâneo esses leitores de tela estão se espalhando em celulares e outros aparelhos tecnológicos como mp3 e etc. Inclusive os leitores mais acessíveis do momento são

dois estrangeiros o JAWS, NVDA e os brasileiros: Virtual Vision, Dosvox. Os brasileiros são mais simples e conhecidos nacionalmente enquanto os estrangeiros dominam o mercado de leitores de tela tanto nacional quanto internacionalmente. Já nos smartphones temos leitores de tela para cada plataforma dos sistemas operacionais do momento são leitores gratuitos que só precisam ser ativados pelos usuários com a necessidade, pois os sistemas operacionais já vêm com o aplicativo de acessibilidade nativo de fábrica. Por isso, esses leitores são utilizados tanto por cegos e subnormais. Mas, o braille é quase que indispensável para vida de um sujeito com deficiência visual. Contudo, muitas vezes esse recurso é negado à pessoa de baixa visão, pelo simples motivo que ele, ainda enxerga algo e que por isso deve estimular seu resíduo visual. Sem a utilização do braille, nesse caso, a leitura normalmente é lenta e requer que o deficiente encoste o livro no rosto, ou utilize objeto que amplie as letras, como a lupa para que o mesmo possa visualizar o que esteja escrito. Com as letras ampliadas demanda um grande gasto de tinta e muito papel, e quase não se tem material adequado para esses sujeitos. Por isso, sua educação é prejudicada por falta de material adaptado a suas necessidades, além de que é escasso pessoas em locais de ensino que saibam o Sistema Braille, e que por sua vez possam auxiliar nesse processo de ensino-aprendizagem.

Como sabemos todos temos direitos e deveres e um deles inerente ao cidadão é o direito a inclusão social, a educação, direito de ir e vir livremente que nos casos das pessoas com deficiência é mais latente às adequações públicas e adaptações internas para facilitar a locomoção da pessoa com deficiência, pois ninguém está livre de adquirir alguma deficiência. Logo, é uma questão de dignidade com o ser humano que poderia está abandonado entregue a sua limitação ou aposentado sem fazer nada da vida e ele escolhe lutar por igualdade de condições com as pessoas ditas "normais". A deficiência pode acontecer à qualquer pessoa, ela não é corrompida por dinheiro ou/e não atende interesses de terceiros, ela ataca o sujeito sem explicação ou motivo.

Por isso, muitos órgãos do governo e entidades que trabalham com inclusão buscam sempre aperfeiçoar a bengala com novidades, que são tão velozes e acompanham o ritmo da globalização e assim deixando a bengala muito onerosa para um cidadão de baixa renda. Logo, ocorrem diversos avanços, porém são engavetados ou só ficam na fase de teste.

Para elucidar melhor a importância da bengala esse conceito se faz necessário a compreensão. O conceito de deficiente é quando o sujeito não consegue ter autonomia mesmo com auxílio de uma ferramenta ou instrumento, que possibilite vencer essa deficiência de forma que ela não o atrapalhe na execução das tarefas do cotidiano. E incapaz é quando por meios de ferramentas ele não consegue superar a deficiência, um exemplo clássico é o cego. Se ele não utilizasse a bengala longa ele não teria condições de andar com independência e a partir do momento que qualquer deficiente supere uma incapacidade através de ferramentas ou meios que permitam ele ser “normais”. Ele se torna capaz, um sujeito sem deficiência física ou dentre outra maneira de PCDS.

A deficiência deixa de ser uma limitação quando o PCDS consegue por meio, de algum instrumento ter independência nas práticas de atividades que sua condição o impediria, mas para que tudo isso fosse possível é inerente políticas públicas e privadas para que tal circunstância seja uma realidade.

Inclusive, existem deficientes visuais que possuem visão em apenas um dos olhos chamados de visão monocular. Esses tem uma limitação nos olhos, porém não são considerados como deficientes. Isso porque, eles apenas precisam movimentar a cabeça para vencer a limitação de um dos olhos. Assim podendo ter uma vida comum como qualquer pessoa que enxergue. Eles não possuem necessidade de adaptações como os outros deficientes visuais.

A Visão Monocular (CID 10 H54-4) é caracterizada pela capacidade de uma pessoa conseguir olhar através de apenas um olho, com isso, possuindo noção de profundidade e sensação tridimensional limitada.

De acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde), a pessoa é considerada com Visão Monocular quando apenas um de seus olhos, após a melhor correção, tiver uma visão igual ou inferior a 20/200<sup>31</sup>.

Atualmente no Brasil, os monoculares não têm órgãos que atribuam benefícios para esses sujeitos por serem deficientes. Existem sim, algumas iniciativas de considerar eles deficientes visuais e proporcioná-los vagas em cursos de qualificação e inserir os mesmos no mercado de trabalho.

Além disso, existem sujeitos que possuem duas deficiências como a surdocegueira. Que é uma pessoa que não escute e não enxergue

---

<sup>31</sup> Disponível em: < <https://www.despnet.com/visao-monocular-tem-direito-isencoes/>>. Acesso em: 18/09/2017.

concomitantemente. As adaptações para elas são inúmeras e neste trabalho não daria para abarcar essa realidade tão complexa e extensa.

Sendo assim, as pessoas com deficiência visual devem fazer a sua parte está preparada para confrontar a mentalidade antiga e ocupar de forma satisfatória as oportunidades que a vida vai lhe proporcionar. Para tal, os mesmos devem dominar as ferramentas que auxiliem a sua efetividade como sujeito dito normal na sociedade, porém as leis devem sair do papel e começar a prática das mesmas. Dando, assim, continuidade com as adequações de escolas, de bens públicos e privados. Essas adaptações são chamadas no âmbito jurídico de “quebra de barreiras arquitetônicas” e todas as empresas têm que adequar seus espaços, às necessidades dessas pessoas.

Descrição de vídeo de uma bengala acoplada em um dispositivo com ultrassom que detecta objeto e avisa através de sons e um fone ao deficiente visual que tem obstáculos na sua frente<sup>32</sup>. Como funciona o aparelho. Ele emite um som que choca-se contra os objetos a acima do joelho do deficiente chega a altura de 4 metros . Só, é possível esse respaldo através de sons emitidos em um fone de ouvido e a velha técnica da bengala faz a proteção do chão. Esse dispositivo foi produzido na Universidade Federal de São Paulo (USP). Na perspectiva, de dias melhores os deficientes visuais ficaram esperando o lançamento dessa bengala do futuro, que proporcionará maior autonomia e independência para as pessoas com ausência de visão.

Agora no mundo o surgimento da bengala longa não foi o suficiente para alguns sujeitos cegos ainda é preciso muito mais que a bengala para auxiliar os deficientes visuais, visto que passam por sérias dificuldades na locomoção em qualquer cidade, muitas delas antigas, sem sinalização sonora ou no solo, com inúmeros obstáculos arquitetônicos que dificultam sua inclusão social. Daí as novas vias e logradouros públicos, em virtude das recentes legislações, pelo menos nos locais de grande circulação, vão implantando adaptações que venham melhorar a acuidade visual. Muitas vezes o portador de deficiência visual opta pelo uso da bengala, mas as calçadas irregulares, os degraus imprevisíveis e até mesmo os obstáculos de maior porte, como um orelhão, por exemplo, não são alcançados pelo tatear da bengala. E, inevitavelmente, ocorre a queda com graves ferimentos ou

---

<sup>32</sup> Site G1: Bom dia Brasil. <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/videos/t/edicoes/v/pesquisadores-da-usp-criam-dispositivo-para-orientar-cegos/5147266/>> Acesso em: 26/03/2017.

acidentes graves. Por isso, no pós Guerra além da bengala longa, os cães guias começaram a ser treinados para ajudar as pessoas sem visão na sua locomoção.

Apesar de se ter notícia que a integração do cão e do homem remonta à própria história da humanidade, o cão-guia teve sua origem logo após a Primeira Guerra Mundial, com o treinamento de cães para acompanhar os soldados veteranos que ficaram cegos. Como os resultados foram positivos a ideia prosperou e, hoje, há escolas com profissionais habilitados para a seleção de cães-guia e responsáveis por um treinamento rigoroso e intensivo para que os animais possam interpretar situações de perigo e conduzir com segurança seu par. (JÚNIOR; OLIVEIRA, 2016)

### 3.4 Cão guia

Esse processo foi de suma importância para a desconstrução da mentalidade criada sobre as pessoas cegas, pois o animal sempre melhora a relação interpessoal do indivíduo e acaba tornando a vida do cego em uma coisa mais branda, com mais carinho e aceitação social. Embora, a razão desse acontecimento é o cão guia, por chamar a atenção no ambiente onde eles estiverem. Com isso, os olhares acabam sendo direcionados para o sujeito com deficiência e passam a ser para o cão guia, e os cidadãos esquecem um pouco do cego. Conseqüentemente no meio desse desdobramento, o dono do cão guia é conhecido. As pessoas que estão no ambiente dão carinho e brincam com o animal, isso só é possível, porque eles são normalmente muito dóceis com todos, e as pessoas que se aproximam acabam fazendo amizade com o PCD, assim favorecendo a inclusão, porém não é indicado brincar com o cão guia na hora de trabalho, pois quando coloca a coleira o cão sabe que ali ele está trabalhando e qualquer brincadeira pode distrair o cão e acontecer algum acidente. O cão guia é treinado para saber que com a coleira. O mesmo está trabalhando e ao retirar a coleira está livre para brincar se divertir um pouco. Contudo, ter um cão guia não é para todos os cegos. Além disso, é muito oneroso, pelo menos aqui no Brasil.

Segundo alguns vídeos disponibilizados na internet, no Brasil existem 160 locais onde é feito o treinamento de cães-guias. Apresenta também, como é oneroso por mês para um deficiente visual criar um deles. Um cego que queira possuir um deles terá que desembolsar cerca de 500 reais por mês para cuidado com o cão como veterinário, remédios e alimentação dentre outros gastos.

No Brasil, um cão adestrado e pronto para o trabalho, segundo a estimativa do jornal Folha de São Paulo (Cotidiano, B-3, edição de 27/4/2016), custa em torno de R\$60.000,00, valor acessível para um grupo diminuto de cegos.

A relevância do cão-guia, definido como animal castrado, isento de agressividade, de qualquer sexo, de porte adequado, treinado com o fim exclusivo de guiar pessoas com anomalia visual, ganhou tanta importância que a lei 11.126, de 27/7/2005, regulamentada pelo decreto 5.904, de 21/9/2006, conferiu o direito do portador de deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. Isto quer dizer, em consonância com a cidadania plena apregoada pela Constituição Federal, que a pessoa usuária de cão-guia tem o direito de ingressar e permanecer com o animal nos veículos, compreendendo todas as modalidades de transporte interestadual e internacional com origem no território brasileiro, e nos estabelecimentos públicos e privados de uso coletivo. Nada mais é do que a celebração do princípio da isonomia. O desrespeito sujeitará o infrator às sanções penais, cíveis e administrativas cabíveis e no caso de se impedir ou dificultar o ingresso e a permanência do usuário do cão guia nos locais já referidos, ou de condicionar o acesso à separação da dupla, a multa prevista vai de R\$1.000,00 a R\$30.000,00.

É de se ressaltar também, com pena aplicação à matéria ora estudada, que o desrespeito também atinge as medidas protetivas previstas na Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, homologada pelo Brasil pelo decreto 3.956, de 08/10/2001.

A lei é um instrumento social de enorme valia. Justifica-se por si só, vez que dita às regras que devem ser observadas no relacionamento entre as pessoas, tudo visando um convívio social harmônico numa sociedade adequadamente ordenada, porém a falta de divulgação e fiscalização dessas leis contribuem para a permanência da mentalidade sobre o cego e deixa claro que em pleno século XIX ainda existe preconceito e discriminação contra as pessoas com deficiência. Mesmo assim, ainda hoje acontecem milhares de desrespeitos com o sujeito cego como relatado na matéria a seguir:

Não foi a primeira vez que a professora universitária Olga Solange Herval Souza, 57 anos, foi constrangida por estranhos por andar com o seu cão-guia. Entretanto, foi a primeira vez que foi ameaçada de prisão por policiais militares que desconheciam a lei.

Na semana passada, a professora gaúcha estava na beira do mar, em Balneário Camboriú, onde veraneia há anos, quando uma banhista se incomodou com a presença do seu cachorro Darwin.

Olga, que é pioneira no uso de cão-guia no Brasil, explicou que a lei existe há mais de dez anos para facilitar a mobilidades de cegos tanto em espaços coletivos privados, quanto nos públicos, como a praia. Mas foi ignorada. A banhista chamou a PM. Segundo Olga, um deles disse que a levaria presa.

"Eles acreditavam que o cão-guia não poderia me acompanhar em situações de lazer", contou.

Olga, então, decidiu ligar para os treinadores de Darwin, no IFC (Instituto Federal Catarinense) para pedir ajuda. Os técnicos, por sua vez, ligaram

para o comandante do 12º Batalhão de Balneário Camboriú, coronel Evaldo Hoffmann, e a situação foi resolvida. Etc<sup>33</sup>...

Essa matéria comentada demonstra o preconceito velado da sociedade contra os PCDS. Se a professora não fosse cega, a autoridade e o poder social dela como mestra seria o bastante para tudo ser resolvido. A palavra da mesma seria autenticada na hora. Todavia, como se tratava de uma pessoa cega, não foi dado ouvido à mesma.

Um professor, vidente, ao passar pelo processo de perda da visão, o mesmo não vai perder a prática de ensino e nem a sua essência, porém para sociedade ele só será mais um cego. É mais ou menos o seguinte, ficou cego agora está sem futuro sem perspectiva de vida. A partir de então, ficou imprestável, como se fosse possível apagar todo um ser histórico construído ao longo de vários anos. Então, depende do indivíduo se ele vai ficar se lamentando ou vai tentar produzir para não ser dependente. A sociedade em si, já vai taxá-lo como coitadinho e mimá-lo bastante. Chegará um tempo que o indivíduo precisará sair dessa proteção, e se ele não tiver aceitado a sua condição e começar a treinar com a bengala e com os outros acessórios que vão poder dar-lhe autonomia, o mesmo vai perceber o quanto é ruim depender de alguém para sair ou, fazer qualquer coisa. Logo, um pouco de aceitação vai facilitar no progresso do cidadão contra a sua deficiência. Contudo, temos vários exemplos de barreiras atitudinais no nosso cotidiano como poderemos acompanhar posteriormente.

No cotidiano, pessoa com deficiência visual quase sempre não possui capacidade de escolher algo para si mesmo, é o que pensa a maioria da sociedade. Inclusive quando uma pessoa com limitação afirma ter uma profissão, na maioria das vezes, fica aquela pergunta no ar: mas como isso é possível? Muitas pessoas ainda não acreditam que os cegos possam ter independência e sucesso.

Assim sendo fica mais latente o preconceito da sociedade com um indivíduo que tenha ausência de visão. E com isso, o cego fica impossibilitado de fazer um passeio por mais simples que seja. Um sujeito que enxergue pode sair para dar uma volta, se for um sujeito sem visão o mesmo vai está perdido para sociedade ou, louco, pois para o senso comum muitos pensam que o lugar do mesmo seria em casa, em segurança e não se distraído na rua como um cidadão não cego. Com

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://jornalpequeno.com.br/2017/03/01/pm-ameaca-prender-professora-cega-apos-banhista-reclamar-de-cao-guia-em-praia/>>. Acesso em: 01/03/2017

isso, os direitos básicos da pessoa cega como de ir e vir, não são respeitados dentre outros do gênero.

Percebe-se o que falta por parte dos cidadãos é deixarem de elaborar juízo de valores sobre deficientes e tentar se colocar no lugar do outro respeito é fundamental em qualquer relação humana e gera muito eventos inesquecíveis tanto para o PCDS quanto para o indivíduo que se colocou no lugar dele e mudou a realidade dessa pessoa.

Assim, dando uma dialética<sup>34</sup> maravilhosa para um acontecimento que para um cego não teria nada de bonito, e com a sua atitude ganhou um tom de momento histórico na vida desses indivíduos como na matéria de título “Casal de cegos ganha álbum sensorial com fotos do seu bebê”, no Globo Play<sup>35</sup>. O vídeo demonstra a sensibilidade da fotógrafa ao se colocar no lugar dos pais da criança, que são cegos. Percebendo que o álbum tradicional não teria a mesma emoção para os deficientes visuais como teriam em uma pessoa dita “normal”, a profissional se esforçou para dar essa sensação aos consortes cegos. Para isso, ela encontrou outros profissionais que se dedicaram a fazer esse feito que foi um álbum sensorial onde o casal poderiam sentir através do tato as imagens descritas em braile e cheiros que foram colocados para facilitar a compreensão dos cônjuges sobre as cenas e imagens fotográficas. Por isso, percebemos que pessoas que não tem uma mentalidade engessada com preconceitos antigos, e se colocam no lugar dos outros, são capazes de reciprocidade além da questão ética em desenvolver um método para possibilitar que uma limitação fosse vencida através de esforço, carinho e dedicação dos profissionais envolvidos. Se os professores atendessem esse método também ajudariam a extirpar o paradigma da mentalidade desenvolvida sobre os cegos ao longo dos séculos. Pois, eles dariam melhores condições de vida, dariam estímulo, dos PCDS lutarem por um futuro melhor e desconstruir a velha mentalidade.

---

<sup>34</sup> Mudança.

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/5121745/>>. Acesso em: 22/09/2017.

### **3.5 História do Dosvox e NVDA - Leitores de Telas Gratuitos**

Surgiram da boa vontade de cidadãos que se sensibilizaram com a história de luta e obstáculos enfrentados pelas pessoas com problemas visuais.

#### **3.5.1 Dosvox**

Dosvox é um sistema operacional brasileiro onde ele viabiliza o uso de deficientes visuais ao microcomputador através de síntese de voz. Ele surgiu da necessidade de um aluno cego que se chamava Marcelo Pimentel da UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele precisava vencer a barreira da incompreensão do Braille para professores que não estavam preparados para receber um aluno com deficiência visual, no primeiro período do curso. Ele foi desafiado a desenvolver um projeto científico baseado na produção de um aplicativo que lê-se, em voz, alta tudo que fosse digitado no microcomputador. No Brasil já existia aplicativo semelhante, porém sua voz era em Inglês e de difícil compreensão. Marcelo descobriu que no Serviço Federal de Processamento de Dados - SERPRO já existia tal tecnologia e que era utilizada por cegos, nesse local. Por isso, ele aceitou o desafio do professor de geometria analítica, Mário de Oliveira, em produzir tal trabalho acadêmico. Posteriormente, o professor Mário conseguiu o equipamento necessário e uma sala, disponibilizada pela UFRJ, para que Marcelo pudesse trabalhar no seu projeto. Naquela época, o aluno ainda não tinha conhecimento inerente para produzir o feito, por isso ele se dedicou aos estudos deixando o projeto em segundo plano.

Prosseguindo com o curso, já no segundo período, Marcelo teve que cursar a disciplina de computação gráfica lecionada pelo Professor Antônio Borges que percebendo que o aluno era cego sugere que ele fosse dispensado da matéria em questão, Mas Marcelo não aceitou. Com Isso, Antônio orientou que fosse substituído o conteúdo gráfico por algo que fosse mais importante para ele, como Cálculo 1, dentre outras disciplinas de Matemática, ele deveria se debruçar nas teorias.

Conseqüentemente, o Professor Antônio acompanhou os usos dos equipamentos primários que o seu aluno utilizava e percebeu que era simples resolver essa limitação, todavia no Brasil não se tinha conhecimento de como trabalhar com síntese de voz nos microcomputadores apenas grandes centros de comunicação produziam tal pesquisa e mesmo assim era muito oneroso para

desenvolver tal aplicativo. Com isso, Antônio ficou com a ideia de ajudar o seu aluno mais não sabia como começar. Então, certo dia ele, amante de música, compra uma revista especializada e monta um dispositivo que reproduz música e percebeu que poderia fazer isso com os caracteres dos microcomputadores.

É bom lembrar que além de professor de Informática, Antônio era músico, gostava de eletrônica e tinha interesse em publicações como essa. Numa das reportagens da revista, era mostrado um pequeno circuito, denominado R2R. Antônio comprou as peças e montou o circuito mostrado na revista, para fins de entretenimento. Quando o circuito foi colocado em funcionamento, e o som de música foi reproduzido, Antônio teve uma ideia: “será que aquele circuito não poderia também ser usado também para reproduzir voz, já que ele reproduzia música?” Se fosse o caso, o circuito poderia solucionar o problema enfrentado por seu aluno DV na universidade. A solução era a seguinte: ele usaria voz gravada, em vez de sons musicais digitalizados, e os sons em sequência seriam produzidos pela mesma técnica. A solução seria a soletração de arquivos com o som de cada letra e a produção de feedback das teclas do computador.

Dois anos antes, em 1991, havia sido lançada no mercado, nos Estados Unidos, uma placa de som chamada Sound Blaster Pro. Quando um dia Antônio viu um anúncio desse item de hardware num jornal carioca de classificados (Jornal Balcão), ele viu o seu preço, de cerca de 300 dólares na época, um pouco caro. Mesmo assim Antônio a comprou, sem saber se serviria ou não para gravar som. Mas serviu, e dois anos depois ele pode utilizá-la. Dessa forma, Antônio pôde montar um circuito com uma placa de som que gravava a voz e que reproduzia a voz gravada. Isto já representava um grande avanço. Porém, faltava ainda fazer a leitura de um texto da tela em tempo real (o que permitiria a soletração dos sons, guardados em arquivos).

Marcelo não tinha o domínio de programação necessário para realizar esse último passo. Por sorte, ele pôde contar com o auxílio de uma pessoa com essa habilidade: Orlando José Rodrigues Alves, que segundo Antônio, era um excelente estudante do Curso de Informática da UFRJ, só que num período mais avançado do curso. Foi Orlando que desenvolveu o programa Vox, montando rotinas consideradas sofisticadas com a linguagem de programação Assembly.

Pelo Vox, ao serem pressionadas ao mesmo tempo as teclas Alt e Esc, produzia-se uma parada momentânea – numa fração de segundos – do programa que estivesse sendo executado na máquina naquele momento, e então uma rotina do Vox era acionada, permitindo que o conteúdo exibido na tela fosse “lido em voz alta” no alto falante do computador, conteúdo este escolhido por meio do movimento do cursor, através das teclas de setas. Ou seja, quando as teclas de setas moviam o cursor (lembre-se que estamos falando da tela preta DOS), a letra em que o cursor estivesse apontando no momento seria “pronunciada” no alto falante do computador. (CARDOSO, D’ASCENZI, NETO, s/d)

Um graduando cego, lutando por inclusão acaba chamando a atenção do professor e isso possibilita uma alteridade de ambas as partes, já que em união com outras pessoas desenvolveram o primeiro sistema para deficientes visuais e neste período deram condições de igualdade para o aluno com problema de visão. Igualdade, respeitando as suas diferenças históricas, pois cada qual com a sua cultura podem se completar e deixar um legado para a sociedade.

Apesar do graduando está confrontando a falta de adequações educacionais em estabelecimentos públicos e privados para PCDS, seja em infraestrutura ou em materiais pedagógicos dentre outros, para contribuir com a sua educação. Ele com essa simples atitude de buscar igualdade e um direito básico acarretou em uma mudança de postura do professor que inicialmente acreditava que o aluno não poderia fazer tal disciplina, e mesmo assim houve uma alteridade, pois o mesmo ficou com o seu aluno no subconsciente e acabam empreendendo um sistema que possibilitou o acesso do universitário cego ao computador e em decorrências as demais pessoas com deficiência visual. Sendo assim, dando mais uma possibilidade dos sujeitos com problema visuais confrontarem as mentalidades religiosas e pejorativas demonstrando para a sociedade que são capazes desde que exista meios para essa inclusão.

Neste contexto, o Sistema Dosvox foi criado de fato em 1993 e desde então, vem sofrendo diversas alterações benéficas para os deficientes visuais. Ele possui uma gama de aplicativos que auxiliam o progresso do sujeito com deficiência. O que é importante dar ênfase na história do Dosvox é que um professor se sensibilizou com o seu aluno e procurou meios para inclui-lo, de fato, nas aulas e a partir dessa ideia inicial ele pode ajudar inúmeros outros deficientes visuais a ter um status diferente através da educação, trabalho desde que exista ferramentas adaptadas e políticas pública, privadas de inclusão.

### **3.5.2 Como surgiu o NVDA e seus Objetivos e Princípios**

O NVDA foi iniciado em meados de 2006, pelo jovem australiano Michael Curran, de apelido Mick (pronuncia-se maik). Mick então cursava o segundo ano de bacharelado em Ciência da Computação, mas muito tempo antes ele já percebera as distorções e mazelas que cerceiam o acesso das pessoas cegas, mais especificamente no campo tecnológico.

Sendo ele cego, foi obrigado a comprar um leitor de tela comercial para uso pessoal, profissional e estudantil. Apesar de esse leitor proporcionar acesso relativamente ótimo aos computadores que Mick precisaria usar, com o passar do tempo e convívio com pessoas em situação semelhante mundo afora, pelo menos três problemas ficaram claros para ele:

- 1- O alto custo financeiro desses produtos impõe sérias restrições a muitas pessoas, de maneira calamitosa, nas nações menos afortunadas do planeta.
- 2 - Questão de ordem técnica, diz respeito ao condicionamento dos usuários cegos às políticas e ideias das empresas específicas que desenvolvem o software assistivo. Por mais excelentes que sejam as soluções encontradas por um determinado fabricante

de software, cada pessoa em particular, como usuária e também consumidora, sempre ficará insatisfeita com algum detalhe, isso porque essas soluções geralmente são designadas para atender a todos de modo genérico e não específico. Como a licença desses softwares é quase sempre restritiva, torna-se impossível a cada usuário ou grupo de usuários adaptarem o software em questão àquela necessidade em específico.

- 3 - Finalmente, o principal problema envolve aspectos morais e éticos. No caso que estamos tratando, não é justo que as pessoas cegas tenham de providenciar sozinhas os meios necessários e arcar por si só com os custos das soluções assistivas, para dispor de acesso às mesmas informações que as demais pessoas dispõe proporcionadas pela tecnologia. Sabendo disso, muitos optam por adquirir cópias ilegais desses softwares, o que, por um lado ameniza os gastos financeiros, mas de outro mantém a sujeição desses usuários às políticas do fabricante daquele software, além de ferir a licença outorgada por esse fabricante.

Em razão de tudo isso, Mick resolveu abandonar por completo a faculdade de Ciência da Computação e dedicar-se a um projeto capaz de solucionar esses e outros problemas de quem necessita trabalhar em sistemas Windows, que são dominantes entre os sistemas operacionais no mercado atuais.

Para atingir esse objetivo, Mick decidiu iniciar o desenvolvimento de um leitor de telas para Windows, estabelecendo alguns princípios básicos a serem seguidos:

- O leitor deve ser gratuito, com o fim de facilitar a disponibilidade do mesmo e o acesso de qualquer pessoa aos mesmos sistemas dos demais leitores de tela sem custos adicionais e exorbitantes;
- O leitor deve ser licenciado de modo a que qualquer pessoa capaz do mundo possa contribuir para a melhoria e aperfeiçoamento deste, como adaptá-lo às necessidades específicas e redistribuí-lo, se for o caso.
- O leitor deve sempre permanecer aberto a novas ideias, sugestões e experimentos provindos de todas as partes do mundo, a fim de não limitar-se ao que já foi tentado nos produtos comerciais similares.
- O leitor deve, na medida do possível, seguir um "design" de fácil entendimento para programadores iniciantes, sem deixar de oferecer uma arquitetura poderosa e flexível ao máximo, que permita melhorar e implementar mais recursos e portar o programa para outros dispositivos e sistemas proprietários, quando for o caso.

Mick chamou, então, esse leitor de "Non Visual Desktop Access" ou NVDA, e escolheu como licença a largamente reconhecida e consagrada GPL (sigla em Inglês para "LICENÇA PÚBLICA GERAL GNU"), de autoria da Fundação para o Software Livre e adotada pelos sistemas GNU/Linux e outros.

Como linguagem de programação ele escolheu a Python, uma linguagem de fácil aprendizado e ao mesmo tempo riquíssima em recursos, usada inclusive internacionalmente por muitos professores universitários para introduzir estudantes de ciência da Computação ao universo da programação de computadores<sup>36</sup>.

As duas Histórias de vida de ambos os universitários Australiano e o Brasileiro são totalmente paralelas, já que o Sistema Dosvox não é considerado um

---

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://www.acessibilidadelegal.com/33-nvda.php>> Acesso em: 29/09/2017.

leitor de tela, porém ele tem um leitor de tela chamado munitivox, E O NVDA é um leitor de tela global com diversos idiomas e podendo ser utilizados em uma gama de infinidade de aplicações em produtos variados, por ter um código livre aberto para alterações. Como podemos notar, a diferença educacional do Brasil em relação à Austrália é gritante, pois a Austrália é considerada um país de primeiro mundo dando assim mais possibilidades para a inclusão e o poder econômico dos cidadãos são superiores do que os dos brasileiros. Mesmo assim, o graduando australiano solidário com as outras pessoas com deficiência visual dos outros países que não têm tanto recurso para comprar um leitor de tela restritivo, onde a sua aplicação é por computador e não podendo ser de uso doméstico e profissional. Esse uso só seria possível se o sujeito que adquirir a licença use apenas um computador em casa ou no trabalho. Então, o estudante australiano acabou com esse monopólio das empresas fabricantes de leitores de telas. Ele inovou, pois quando uma tecnologia é lançada os deficientes normalmente não são lembrados e daí vinha alguma empresa criando algo específico que possibilitava o uso por pessoas com deficiência. Logo, o sujeito com problema visual teria que arcar com o gasto extra. Além do objeto teria que ter um adicional para dar acessibilidade. Já na atualidade temos empresas que já produzem seus produtos com acessibilidade são os casos dos smartphones que já vem com um leitor de telas nativo de fábrica. E como são sabidos, esses aparelhos tem inúmeras aplicações como GPS, entretenimento, educação notícias e possibilita pagamentos de contas lerem faturas impressas que chegam à sua residência e também, até auxiliam nos transportes, possibilita o sujeito com problema visual a tirar fotografia com autonomia dentre outras aplicações que surgem constantemente.

Já o Sistema Dosvox é uma aplicação que trabalha no seu próprio sistema e segrega o deficiente limitando a ter contato apenas com pessoas com deficiência. E para dar aula do mesmo é preciso uma qualificação diferente dos usuários padrão do Windows, pois qualquer sujeito que domine o teclado e conheça o mínimo de informática pode ter dificuldade na hora de ensinar informática a um sujeito com deficiência visual através do Dosvox, porém um sujeito com o mesmo conhecimento básico pode ensinar utilizando dessa ferramenta de inclusão que é o NVDA, Já o Dosvox não trabalha bem no sistema Windows e é limitado para trabalhar com outros sistemas operacionais quando ele trabalha fora da sua plataforma. Ele faz uma adaptação do conteúdo para o seu próprio sistema. Um exemplo à navegação

pela internet feita tradicionalmente com imagens o Sistema Dosvox deixa tudo sem fotos e quando tem a mesma ele toca um som para indicar que ali tinha uma fotografia. O sistema em questão foi sem dúvida muito importante quando surgiu, porém continuar com o seu uso é uma situação arcaica que estabelecimentos que possuam apenas o Dosvox estão tão ou mais defasados como o uso do Dosvox. Na atualidade a tecnologia de ponta é o NVDA que deve ser empregado em todos os estabelecimentos para facilitar na inclusão.

O NVDA, que significa não acesso visual ao desktop, vem concorrendo com o JAWS, que significa tubarão em português. Ambos são europeus, o JAWS é o maior leitor de tela do mundo com mais aceitação, e suas réplicas piratas permeiam milhares de lares de deficientes visuais que necessitam dessa tecnologia. Por isso, o NVDA está tomando o mercado por que é um leitor de código livre que seus comandos se assemelham muito com o JAWS. O NVDA é gratuito e pode ser utilizado em diversas formas dando uma ajuda quase que ilimitada, porque não tem restrição de cópia e pode ser instalado em qualquer empresa assim, favorecendo a empregabilidade do deficiente visual e pode ser instalado em outros aparelhos, basta alguém programar. É notória a evolução do NVDA a cada nova atualização. O que devemos frisar na história do NVDA é que seu criador era um cego, e que teve vontade de ajudar seus companheiros de deficiência, lançando um leitor de tela livre e gratuito. Isso só demonstra a busca por autonomia dos sujeitos com problema visual e o quanto o estudante teve sensibilidade de se preocupar com os outros deficientes de Países não tão desenvolvidos como a Austrália. E demonstra para a sociedade que um cego tem capacidade de produzir desde que tenha meios para tal Também, demonstra que com educação de qualidade e tecnologia os feitos de um sujeito sem visão, Que pensa no próximo e é empreendedor.

De forma geral, com essa atitude Mick desconstrói a visão histórica que cego é coitadinho, burro, dentre outros adjetivos atribuídos pela sociedade e a visão das religiões sobre PCDS. As Pessoas, grupos que enxergam ao entrar em convivência um com o outro começa a quebrar determinados paradigmas construídos hereditariamente. Quando uma pessoa dita normal percebe que outra pessoa com deficiência consegue fazer coisas que nem mesmo ela consegue executar, essa fica admirada e começa a existir uma alteridade de ambas as partes. E também, tem casos que a pessoa dita normal apostaria sem medo de errar que o indivíduo com

limitação nunca seria capaz de executar tal ação e acabam frustradas, pois existem inúmeras tarefas do cotidiano que os deficientes executam com maestria. Isso dependendo de cada área de limitação.

Os fotógrafos da matéria do Globo Play, sobre o casal de cegos que ganham um álbum sensorial com fotos do seu bebê, demonstra o quanto os mesmos foram éticos, e procuraram fazer e ser a diferença na vida de outros indivíduos com limitação. Essa atitude é louvável porque falta essa sensibilidade na sociedade, e pessoas que tentem melhorar a vida do próximo na construção de objetos e atitudes que possibilitem o cego quebrar o paradigma da mentalidade produzida ao longo dos séculos sobre eles.

Sendo assim, os deficientes visuais esperam que esse tipo de projeto seja incentivado para que a vida dos mesmos sejam mais autônoma e inclusiva, possibilitando sensações novas para esses grupos de cidadãos. Assim, contribuindo para quebrar as superestruturas criadas em relação aos PCDS, todavia se não entrarmos em confronto de ideias com as pessoas ditas "normais", nunca vamos ganhar voz ativa na sociedade e não vamos quebrar a postura de silêncio da maioria das pessoas com deficiência. Logo, todos têm que demonstrar o que são capazes e buscar minimizar a ignorância que as pessoas têm acerca de PCDS, pois o silêncio dos grupos de pessoas com deficiências ou limitações, oprimidos, sem vozes perante as classes sociais são vistos como coitadinhos que não sabem o que fazem ou dizem. É de conhecimento geral que um PCDS quando entra em um restaurante por, exemplo, o garçom quase sempre se dirige ao seu acompanhante para perguntar o que o deficiente deseja comer e não dialoga com o PCDS. Conseqüentemente, a mentalidade herdada do profissional acaba praticando uma das barreiras atitudinais bem comum na sociedade contemporânea, que é acreditar que o sujeito com alguma deficiência seja incapaz de ter vontade própria ou outra opinião sobre qualquer pauta do cotidiano. Então, isso acaba gerando um conflito de ideias.

Isso gera um sentimento de luta de classe, uma resistência natural da pessoa com ausência de visão, que tenha uma limitação para ser vencida e posteriormente seja inserida e integrada na sociedade. Procedendo dessa forma, dando o melhor de si para erradicarem essa mentalidade da sociedade, porém Falta fiscalização para que as políticas públicas e privadas para a inclusão da pessoa com deficiência. No mercado de trabalho e na educação aconteçam de verdade. Além

disso, faltam meios para que os PCDS sejam incluídos de fato, e também está escasso o apoio das instituições públicas ou privadas para dar uma qualificação para os deficientes. Logo, essa resistência é uma luta de classe que vem conquistando o seu espaço a cada dia, uma vitória em doses homeopáticas, onde seus gritos são atendidos com bastante luta.

### **3.6 As leis que favoreciam as pessoas deficientes**

Buscaremos confrontar o olhar etnocêntrico com o olhar etnográfico e depois, construir uma grande análise, baseada nessas diferenças e justificativas, tanto para quem luta e sofre as consequências, quanto para quem é seu algoz. Na sequência, usaremos a alteridade para demonstrar o quanto a classe oprimida, que luta para ter voz ativa, ganha quando consegue exercer algumas funções básicas da sua cidadania plena como um indivíduo que enxergue, pois, ninguém é normal todo mundo tem uma limitação e uma diferença natural entre si e um certo grau de loucura. Esse paradigma de normalidade é uma mentalidade criada pela sociedade. Que nada mais é que as superestruturas que deve ser desconstruídas com pequenas ações das pessoas com alguma deficiência ou limitação e com ajuda das instituições que podem apostar nelas. Cada divergência atribui um ganho intelectual e patrimonial que não tem volta.

Na sociedade acontecem barreiras atitudinais, onde alguns sujeitos colocando-se no lugar do deficiente, perguntam: “se fosse eu como seria?” Com isso, algumas vezes eles agem como superprotetores, e outras vezes são totalmente indiferentes, como se o lugar daquela pessoa com deficiência não fosse ali, entre as pessoas ditas "normais". Um exemplo rápido para ilustrar essa realidade, que a maioria das pessoas tem essa concepção, que ser cego é o fim do mundo.

É senso comum que sem visão o sujeito fica incapacitado de aprender e, o que a maioria das pessoas não sabem ou não percebem, é que os olhos são apenas a entrada de imagem e que o cérebro faz as formulações e as formatações necessárias para os objetos terem sentido e significado para o sujeito. Logo, quem enxerga é o cérebro é não os olhos. Tal fato nos leva a refletir que a cegueira é apenas a privação da visão, que se tem um mundo novo para explorar e conhecer, através de outros sentidos. As pessoas que perdem a visão passam um tempo para

se adaptar a nova realidade. Além disso, temos ainda deficientes visuais que aceitam o estereótipo criado pela sociedade, vivendo como mendigo ou dependente de outra pessoa para quase tudo.

Porém, a sociedade é hipócrita, pois temos uma gama de pessoas, tanto os normais quanto os deficientes, que não fazem nada da vida. Essas pessoas com deficiência visual aceitaram a mentalidade criada e esperam do poder público, auxílio de terceiros ou do estado para sobreviver dignamente. Por isso, eles se qualificam para entrar no mercado de trabalho e não depender da *Lei Orgânica Da Assistência Social* – LOAS, que é um benefício disponibilizado pelo governo para sujeitos que não tem condição de se alimentar e nem regressar para o mercado de trabalho.

### 3.6.1 Assistência

Outro fator que amplia isso é que mesmo o deficiente se qualificando falta acessibilidade nas empresas para recebê-los e isso acaba desestimulando os mesmos a tentar uma vaga no mercado de trabalho, com isso só fica o serviço público concursado para esse indivíduo tentar a sorte. Contudo, já na Grécia antiga já tinha benefício semelhante a o atual, além da corrupção já assolar nessa época.

Na História Grega existem citações relativas à assistência destinada a pessoas deficientes que são muito mais claras e específicas do que aquelas encontradas em culturas anteriores, contemporâneas ou posteriores.

Havia, por exemplo, em Atenas e em Esparta--rivais famosas--determinações oficiais que davam aos soldados feridos e seus familiares vantagens de diversas naturezas. Existiam provisões especiais relacionadas à alimentação, como as que eram consequentes a uma lei de Sólon (640 a 558 a.C.) que determinava: "Soldados feridos gravemente e os mutilados em combate serão alimentados pelo Estado".

Plutarco (45/50 a 125 d.C.), historiador e moralista grego, afirma que esse tipo de lei favorecia pessoas consideradas incapacitadas para obtenção ou a garantia de seu próprio sustento, mas que tais provisões não tinham sua origem tanto na sensibilidade de Sólon a respeito do problema geral dos soldados mutilados durante as muitas batalhas nas quais Atenas estava continuamente envolvida. Na verdade, a compreensão mais aguda do problema que o grande estadista demonstrara originara-se do conhecimento que tivera das dificuldades vividas por alguém que Plutarco chega a identificar em sua obra apenas pelo nome, não lhe dando, porém, maiores qualificativos. O historiador grego afirma que essa famosa determinação legal "foi promulgada devido ao fato de Tércipo ter ficado inválido, e essa mesma lei foi usada mais tarde para uma outra semelhante, de Pisistrato" ("Sólon", de Plutarco).

Houve, por muitos séculos, nas cidades de Atenas e de Esparta, determinações que davam aos soldados e seus familiares vantagens que todo o povo considerava como justas. No entanto, mesmo naquelas épocas

surgiam elementos viciosos que procuravam tirar proveito das situações e tentavam indevidamente se enquadrar nessas vantagens, como podemos deduzir de um interessante discurso de Lysias (459 a 380 a.C.), orador extremamente eloquente, citado pelos historiadores como inimigo ferrenho dos chamados Trinta Tiranos. Nesse discurso, Lysias faz comentários a respeito de diversos problemas das pessoas que tinham mutilações ou que apresentavam algum tipo de deficiência. E faz referências irônicas aos pseudo-deficientes perante o Senado Ateniense. Esse discurso chegou até nossos dias e é intitulado, na língua grega, "Uper tou Adunatou" (Em favor do deficiente).

A questão deve ter deixado as autoridades e mesmo o povo ateniense bastante preocupados não só com o franco desmascaramento dos falsos deficientes, mas também com a necessidade de garantir a sobrevivência dos heróis atenienses do presente e do passado e daqueles outros que certamente iriam se prejudicar fisicamente em defesa de Atenas.

Em seu trabalho relativo à constituição de Atenas, intitulado no grego "Athenáion Politéia", Aristóteles (384 a 322 a.C.), um dos maiores sábios de todos os tempos, afirmou taxativamente aos membros do Conselho Ateniense: "O Conselho passará agora a examinar o problema dos deficientes. Existe, de fato, uma lei que estabelece que todo ateniense cujos bens não ultrapassem três "minás" e cujo corpo esteja mutilado ao ponto de não lhe permitir qualquer trabalho, seja examinado pelo Conselho e que seja concedido a cada um deles, às expensas do Estado, dois óbulos<sup>37</sup> por dia para sua alimentação. E existe um tesoureiro dos deficientes, designado para tal" ("Constitution d'Athènes", de Aristóteles).

Percebe-se, portanto, que não se tratava de mero paternalismo nem de esmola oficializada pelo Estado. O indivíduo tinha seu caso estudado antes de receber os óbulos estabelecidos e ao início da aplicação desses planos não ocorreram muitas fraudes. A cidade-estado de Atenas tivera meio século após o discurso de Lysias para achar uma fórmula mais objetiva de atendimento aos deficientes. Defendia-se, na verdade, um direito adquirido pela prestação de serviços à pátria.

Nota-se pelo estudo da História Grega que esse benefício foi aos poucos sendo estendido a outras pessoas portadoras de deficiências ou de incapacidade para o trabalho, independentemente da causa do problema, abrangendo eventualmente os pobres em geral. Na época em que Aristóteles chamou a atenção do Estado para o problema, já havia mais de 20.000 pessoas alimentadas às expensas do governo ateniense, devido a muitos tipos de deficiências e doenças, correspondendo a 20% da população total de Atenas. (SILVA, 1987, p.99-100)

Esses benefícios são uma ferramenta essencial para o progresso do sujeito com deficiência, pois o mesmo vai poder se qualificar, e manter a sua sobrevivência dignamente. Com esse fato abordado buscamos responder a seguinte pergunta: como as pessoas com deficiência se mantiveram sem trabalho em qualquer período histórico da vida humana? Embora não encontramos fontes que demonstre a continuidade dessa prestação de serviço no período medieval e moderno, só vindo encontrá-la na contemporaneidade com a aposentadoria e os benefícios por invalidez aplicados pela previdência social.

---

<sup>37</sup> Contribuição, esmola.

### 3.7 Barreiras Atitudinais

Outro ponto que queremos salientar é sobre as barreiras atitudinais, que são constrangimentos sofridos nos diferentes espaços sociais, sendo a maioria, praticadas nas escolas. Embora o conceito em si não abranja todas às áreas da vida em sociedade. Podemos perceber que o sujeito cego, algumas vezes, sofre de menosprezo por parte da sociedade. Quando um deficiente está em apuros e nitidamente está perdido se chocando em algum obstáculo, muitas das vezes, pessoas que enxergam sabem e podem ajudar e não faz nada para isso, por acreditar que não sabia como ajudar.

Os cegos e os subnormais sofrem preconceitos dos pais, da namorada e das famílias dos amigos, pois para uma mãe de família ou um pai, a filha namorar ou ter um amigo com alguma deficiência é total perda de tempo. Esses são exemplos básicos de preconceitos velados que caem em cima dos PCDS em geral.

A sociedade retrocede na história reproduzindo a superestrutura desenvolvida na antiguidade até os dias atuais. Além dos exemplos citados, vários outros poderiam ser relatados, como o do cego que entra acompanhado em qualquer estabelecimento comercial e, ao pedir algo, logo o(a) vendedor(a) dirige-se ao acompanhante do cego, (como já aconteceu comigo) ignorando o mesmo. Isso também acontece, às vezes, na hora, do pagamento. Mesmo sabendo que a compra é do cego na hora de pagar a reação do vendedor é como se o acompanhante estivesse presenteando o PCD. Voltando assim aquela mentalidade remota de que alguém tem que resolver por ele. Essas atitudes vão silenciando a pessoa com deficiência, pois para sociedade ele precisa de um tutor que diga o que ele deseja, como se esse não pudesse fazer suas próprias escolhas. O deficiente fica constrangido e acaba aceitando essas atitudes. Como podemos perceber na sequência:

Assim, as pessoas que exercem a função de “cuidador” da pessoa com deficiência, muitas vezes, a emudecem, decidindo por ela desde a mínima ação mais rotineira (como o que vestir, a hora de dormir, etc.) até as mais delicadas, por envolverem aspectos biológicos, sociais e afetivos (como o acesso à escolarização, a vivência da sexualidade, etc.). E isso ocorre até mesmo quando a pessoa com deficiência atinge a idade adulta. A justificativa para essa ação consiste na afirmativa de que se está fazendo o melhor para a pessoa com deficiência – um melhor que, na maioria dos casos, não lhe permite a vivência como pessoa humana, mas como posse de alguém.

Na sociedade primitiva, os homens selecionavam e eram selecionados pelos grupos quando atendiam aos requisitos de força, agilidade, destreza,

raciocínio rápido, etc. As pessoas que apresentavam essas habilidades numa escala mais baixa sempre eram deixadas para trás. Na sociedade atual, o processo é divergente? Ou mais, na vida intra-escolar, o processo é distinto ou o olhar dos sujeitos contemporâneos continua a categorizar os “bons” e os “fracos”? Essas são questões polêmicas, pois nos remetem a vários movimentos ideológicos que permeiam os eventos sociais, dos mais simples (como pedir uma informação a alguém) aos mais elaborados (como conseguir exercer uma profissão, sem que as pessoas com deficiência sejam avaliadas, apenas e tão somente, por sua deficiência). (LIMA, SILVA)

Essa atitude de familiares é tutores silenciar o sujeito com deficiência é tão normal que as entrevistas abordam situações que fortalecem a mentalidade religiosa sobre os sujeitos com deficiência visual e demais pessoas com deficiência. A sociedade em si é muito alienada fala algumas expressões próximas do sujeito com deficiência visual como ele fosse surdo cego. Como podemos perceber na entrevista a prosseguir:

**WL:** Tem algum acontecimento na sua infância que você queira relatar de quando você se percebeu como uma pessoa diferente, ou seja, uma pessoa com deficiência?

**AS:** A exclusão que as pessoas é a minha família mesmo. Me impedia de sair, eu tinha uma certa dificuldade de sair, de ir para qualquer lugar. Até para andar tinha que olhar bem pros lugares que eu ainda enxergava um pouco. E muitos lugares que eu gostaria de passear ir ao parque a minha família não levava. E as pessoas que chegavam perto de mim ficavam me observando muito. Com um certo tratamento penoso, assim como coitadinho, pobrezinho, foi quando eu vim me dar conta. Mas aí, eu me sentia muito rejeitada não me sentia bem, com essas coisas.

**WL:** Você já sentiu alguma forma de preconceito, discriminação por parte da sociedade por ser deficiente visual?

**AS:** Já, principalmente quando eu estava tendo aula de mobilidade, as pessoas não respeitavam, ficavam na frente *ponhavam* o pé no meio do caminho e sem querer batia com a bengala. Enquanto eu me preocupava em não machucar os outros, os outros faziam o contrário.

**WL:** Você quer acrescentar mais alguma coisa?

**AS:** Eu quero acrescentar com relação também com esse mesmo assunto, que as pessoas quando vão atravessar elas deveriam procurar pedir, assim perguntar, ao

deficiente como podem ajudar. Ao atravessar, as pessoas levantavam o braço da pessoa e botava a bengala pra cima, quando não, botava a bengala para a frente, que poderia vir um carro de repente, e ao atravessar tinha delas que quando iam atravessar o carro já vinha perto e elas não olhavam não prestavam atenção outras não deixam a gente, não esperam nem que agente pegue no braço dela, ou punha a mão no ombro, que não é o correto.

**WL:** Você tem mais alguma deficiência que não seja a visual?

**AS:** Não.

**WL:** Você precisou da escola ou de algum especialista para se aceitar como pessoa com deficiência?

**AS:** Quando criança não eu me sentia indiferente das outras pessoas. Teve algum tempo até a minha adolescência até os 17 anos, eu me trancava no quarto, porque eu acreditava que quando eu fosse sair do quarto as pessoas iriam sorrir de mim, zombar. E eu me sentia insegura, porque sempre às vezes acontecia. Minha mãe sempre dizia uma frase que eu guardo até hoje, minha saudosa mãe, ela dizia: onde ela achou, deixou. E as pessoas sempre ficavam olhando e me chamavam de pobrezinha, coitadinha, coisa que eu não gostava. Então, houve um tempo que eu me isolei, que a minha irmã me chamava para brincar lá fora até na sala para assistir tv, eu achava que as pessoas poderiam passar na rua e olhar e nem gostava de ficar na sala com a porta aberta. Então, eu gostava mais de ficar no quarto, trancada. Teve um longo tempo de isolamento.

**WL:** Por que neste caso, do jeito que você está falando, parece começo de depressão. Você teve medo de ser julgada, discriminada pelas pessoas?

**AS:** É, exatamente isso. Mais logo depois, eu comecei aceitar. A minha mente abriu mais. Houve pessoas deficientes visuais começou a conversar comigo, principalmente quando eu fui para escola. Tive orientação dos professores, orientadores e amigos também, aí foi quando aprendi mobilidade.

**WL:** Qual o papel da sua família na sua reabilitação?

**AS:** Bom, quando no inicio que eu queria ir para escola. Ninguém: minha mãe, irmã não queriam, meu pai era a favor, meus irmãos eram neutros. Mais, só era a minha

irmã mais velha e a minha mãe que não queria. Mas, quando eu entrei na escola minha irmã levava. Depois, o meu sobrinho e quando eu fui para aprender ter aula de mobilidade, eu falei quando cheguei em casa comentando não concordaram. Minha mãe, irmã não concordaram disseram que eu podia cair na rua me machucar. Então eu dizia, mas eu estarei acompanhada de uma professora e a professora já é apta já, para esse tipo de ensino. Ela diz: mais mesmo assim você pode desviar de repente cair ou se machucar. Elas tinham aquela insegurança. E em casa também tinha a mesma coisa. Quando eu ia para um canto, às vezes, tropeçava quando eles avisavam bem, quando não avisava eu tropeçava. Eu tenho uma mania, eu tinha que procurar por mim mesmo desviar, andando devagarzinho, botando um pé na frente ou alguma coisa na frente para ver o que tinha no caminho. Caso contrário o jeito era assim ou se machucar.

Como podemos perceber, no recorte da entrevista, que a sociedade não está preparada para conviver com o diferente e alguns pais tentando proteger o filho acabam prejudicando, eles são sujeitos que no seu subconsciente acreditam que o deficiente visual não serve para nada e remonta a visão arcaica da Bíblia e das religiões a dominar o subconsciente dessas pessoas. E na tentativa de evitar a perda de tempo ou que o seu filho se acidente em alguma dessas tentativas de reabilitação acabam segregando mais o filho, pois acabam definindo ali que o PCDS vai ter que aceitar a velha mentalidade bíblica, acabando com a oportunidade de que o indivíduo mude de status social ou tenha autonomia na sua vida.

Como poderemos perceber barreiras atitudinais acabam deixando o deficiente mais incapaz e demonstra o menosprezo da pessoa sadia para com o sujeito com alguma deficiência. Essas atitudes acabam limitando as pessoas com deficiência a saírem de casa, só quando não tiver saída e forem praticamente obrigadas a ir para as ruas. Isso acontece porque, eles ficam com temor de terem que passar pelas mesmas atitudes de segregação e preconceito enfrentadas no seu cotidiano. Para essa mentalidade ter fim é preciso enfrentamento a partir do diálogo com a sociedade. O confronto de pessoas com deficiência com o sujeito sadios vão minimizar essas barreiras atitudinais e se possível, uma punição do governo para esses indivíduos que pratiquem essa postura segregadora, que marginaliza os deficientes em geral. Inclusive, é levantada a problematização das barreiras atitudinais em qualquer núcleo da vida em sociedade. Por isso, os deficientes precisam de meios para serem inseridos como esses citados neste capítulo, afim de

extirpar de vez essa mentalidade e demonstrar que todos somos iguais, seres humanos com uma diferença que no final acabam se completando.

## **4 O PROCESSO HISTÓRICO DAS ESCOLAS ESPECIAIS ATÉ CHEGAR A ALAGOAS**

### **4.1 Historicizando**

Na civilização ocidental como já foi abordado nesta monografia, os cegos e demais deficientes não tinham direito à vida, eles eram exterminados ao nascer e nem se quer chegavam a ter direito à educação. Contudo, como já foi comentado anteriormente, essa circunstância só começou a ser transformada a partir do cristianismo. Apesar disso, nos séculos posteriores foi se dirimindo essas práticas, contudo ela continua sendo executadas nos outros períodos históricos. Logo, fica complexo até fazer essa divisão de onde começa a mentalidade de extermínio das pessoas com deficiência ao longo dos séculos e onde ela termina de fato, pois estamos refletindo sobre uma superestrutura de um processo histórico, que possui várias vertentes e cada qual, com a sua autenticidade e diversas lacunas, para serem descobertas ou interpretadas através das fontes.

No primeiro caso chegar essa conclusão era mais difícil, porém com calma e um pouco de raciocínio lógico. Fica claro que é possível de superar, já que um ser histórico não perde as suas habilidades adquiridas ao longo dos seus anos de vida. Logo, basta um pouco de esforço que as dificuldades iniciais serão extirpadas aos poucos. Inclusive, neste período a religião era cultivar a natureza e todo conhecimento adquirido era de forma empírica. Logo, a religião aqui não influenciou tanto quanto nos outros séculos, contudo baseado no livro de Gêneses, neste período já existia religião. Afinal, é uma religião circular que está do começo do mundo até o fim, porém nesse período Histórico nem existia escrita como nos tempos posteriores, pois a escrita não pode ser atribuída a um só povo.

As primeiras tentativas de se criar sistemas de escrita aconteceram por volta de 4000 a.C.. Os sistemas mais rudimentares apareceram muito antes que os primeiros alfabetos – dois milênios mais tarde – ganhassem forma. De fato, não podemos atribuir o surgimento da escrita a uma única sociedade. Em épocas bastante próximas, civilizações americanas, os egípcios, chineses e mesopotâmicos começaram a desenvolver seus sistemas de representação gráfica.

Em um primeiro momento, as primeiras inscrições eram feitas por meio de desenhos que visavam reproduzir de forma simplificada os conceitos ou coisas a serem representadas. Esse tipo de escrita é usualmente conhecido como escrita pictórica ou hieroglífica. O mais antigo registro escrito que se tem notícia foi encontrado na cidade de Uruk, atual região sul do Iraque. Com o passar do tempo, os sistemas de escrita foram ganhando maior

complexidade quando os símbolos passaram a representar sons.  
(SOUSA<sup>38</sup>)

Com isso não possuía conhecimento científico amplo para entender e solucionar problemas do cotidiano das civilizações da época, e não poderia ter acesso ao conteúdo do Velho Testamento. Logo, o conhecimento científico só foi sistematizado posteriormente. Assim, eles não poderiam ser guiados pela razão. Já na segunda opção, no século XXI é mais fácil superar essa limitação, pois aqui neste período já temos o domínio em parte da natureza e temos o conhecimento científico. Fixamos moradia e deixamos de morar de forma vulgar ou natural como nossos antepassados que moravam em cavernas hoje sofisticamos os materiais da mesma e transformamos-a em casa, Nada mais do que a comprovação que homens dominam a natureza em parte.

Contudo, o sujeito que pensa da forma pré-histórica deixou-se dominar pela velha mentalidade empregada ao longo dos anos através do velho Testamento, como podemos ver na Bíblia, onde “o senhor afirma que foi ele que criou o surdo, cego” (ÊXODO, 4.11). Já dessa parte em diante vemos uma contradição na vontade de Deus e de Jesus Cristo, pois o primeiro cegava e o segundo curava dentre outras ideias semelhantes. Outra mentalidade atribuída ao Velho Testamento é que ficar cego é a mesma coisa que morrer em vida. Segundo o livro de Juízes que conta a história de Sansão e Dalila, diz que Sansão, cego por seus inimigos, era considerado por esses, como morto em vida e não mais poderia se vingar. Além do cabelo cortado, que segundo a Bíblia Sagrada no Velho Testamento era a fonte de força do herói. E essa mentalidade foi passada hereditariamente perante os séculos e muita gente ainda acredita nesta ideia.

Na Grécia já começavam a existir cegos famosos como Tirésias o profeta e Homero um poeta cego e autor da Ilíada, odisseia e outras obras. Além desses personagens famosos tinham outros cegos sendo utilizados como oráculo e vidente. Isso só foi possível, porque na Grécia a mitologia Grega era a religião da vez a cosmogonia uma versão do criacionismo, evolucionismo. Só que a cosmogonia se assemelha mais ao criacionismo do que com o evolucionismo científico de Charles

---

<sup>38</sup> Disponível: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/origem-escrita.htm>> Acesso: 12/04/2018.

Darwin. Contudo, o que basta compreender aqui é que o criacionismo, cosmogonia<sup>39</sup> e evolucionismo são maneiras de contar como surgiu a origem de tudo na terra. As duas primeiras são baseadas na fé, medo e conta a origem do mundo através de um ser sobrenatural e de forma circular onde não é possível atribuir uma data certa da criação do universo e a segunda através da razão. Onde o Big Bang é a origem do universo e sua criação é contada de forma linear ao contrário das duas primeiras.

Enquanto a cosmogonia não permitia que a plebe fosse para o céu, que era chamado de olimpo, e esse era o lugar da morte de deuses e semideuses, o tártaro era o inferno. Assim, fazendo uma analogia com o catolicismo, o tártaro era onde o resto da população da época era jogada, se não fosse deuses ou semideuses. Isso ocorria independentemente das suas atitudes, ou seja, mesmo o sujeito praticando bondade, seguindo e adorando tais deuses, ele não teria salvação após a sua morte. Também, se o sujeito praticasse maldade fizesse algo que contrariasse os deuses, o mesmo era jogado no lugar pior do tártaro. Posteriormente o catolicismo romano acaba vencendo a mitologia greco-romana, e difundida em todo o ocidente e aceita no final do século IV e V. A aceitação do cristianismo ocorre com a morte de Cristo, pelos imperadores Adriano, Constantino e assim sucessivamente.

Com isso, explicasse a origem dos personagens cegos na história, como por exemplo: o profeta Tirésias que ficou cego, depois de adulto, e assim adquiriu o seu dom. Quanto a Homero, o poeta cego, os historiadores não chegaram a um consenso sobre sua existência, porém como é atribuída duas obras clássicas como a *Íliada*, *Odisseia* dentre outras, sua existência é uma questão de fé como vários atos e explicação do cristianismo e demais religiões criacionistas. Observamos que a religião é a maior propagadora da mentalidade sobre os sujeitos com deficiência, por isso ela é tão comentada neste trabalho.

A religião é a principal maneira de extirpar tal mentalidade, através da razão. Sua influência está bem marcada na educação, já que por muito tempo, a igreja deteve o monopólio da educação, desde o período medieval. A educação continuou, por muito tempo, a ser de forma oral e empírica para os cegos, voltada apenas para a sua sobrevivência. Muitas civilizações antigas continuaram a exterminar os recém nascidos com deficiência. Com isso, observamos que não houve grandes

---

<sup>39</sup> O termo cosmogonia vem do grego kosmos, que significa universo, e de gignomai, que quer dizer nascimento ou gênese. Assim, a cosmogonia é um relato, normalmente mítico, que explica a criação e a ordem do universo e, ao mesmo tempo, o surgimento dos seres humanos. Disponível < <https://conceitos.com/cosmogonia/>>. Acesso: 02/05/2018

progressos em analogia com o período pré-histórico, para os sujeitos cegos e PCDS, o que se constata é a piora no discurso contra os sujeitos com deficiência.

A mentalidade que consta no Velho Testamento acabou ganhando um conceito mais pejorativo do que nos períodos anteriores. Uma conotação mais dura para a mentalidade contra os sujeitos com deficiência.

Ao observarmos o Novo Testamento, contando a história de Jesus Cristo, sua saga e ideologias em pregar o amor entre o próximo, dando o perdão para o pecado dos homens aqui na terra, a nova era trazer, através dos dez mandamentos, a proibição de matar pessoas, propagando que todos são filhos de Deus, criados a sua imagem e semelhança. A partir de então, as pessoas com deficiência não poderiam ser mortas ao nascerem e nem abandonadas, porque sua criação foi dada por Deus. Assim, essas ideias foram ampliadas ao longo dos séculos subsequentes.

Período medieval séc. V até séc. XIII, nesse período teve a consolidação do catolicismo com os reinados carolíngios e mero véus, onde os bárbaros tomaram o poder e aceitaram fazer uma aliança com a igreja da época. A fim de consolidar o seu reinado, foi feita essa aliança onde a igreja tinha o poder atemporal e os reis tinham o poder temporal. Eles precisavam da aprovação da igreja que dava chancela divina para o reinado. Mesmo assim, esses fatos não deram nenhum avanço significativo de fato para melhorar a vida dos deficientes na História. (SILVA; JÚNIOR, 2012, p.18)

Alguns serviam como entretenimento como cantores. Neste período, também houve as cruzadas onde os deficientes não foram assassinados ao nascer, porém a escassa alimentação poderia deixá-los como um peso, um fardo a ser carregado sem serventia alguma. Com isso, eles eram deixados para trás, abandonados por não ter serventia, e por ser uma boca a mais para alimentar. Já no final do século XIII a igreja instituiu a inquisição, que nada mais era do que um meio de exterminar os adversários ou quem se colocasse no caminho da mesma. Esse fato piora um pouco mais a mentalidade sobre os sujeitos com deficiência, pois aqui aconteceu um sincretismo de características das doenças. Um exemplo são as pessoas com doença mental e epilepsia que eram consideradas dominadas por espíritos demoníacos. As que tinham lepra, ninguém as tocava com medo de adquirir a doença. A partir do sincretismo algumas pessoas acreditaram que cegueira era contagiosa, demoníaca ou o sujeito não tinha fé. Entendiam que elas possuíam a deficiência como sendo uma punição, ou tinham outras ideias, sem sentido, para justificar o fato de alguém ser deficiente.

## 4.2 Modernismo - século XIV ao século XVII

A reforma protestante, no século XVI, não apresentou nenhuma melhora para as pessoas com deficiência. Neste período, mais uma vez, os deficientes continuam sendo culpados por Deus, pelo pecado do mundo. Passam a ser bodes expiatórios de salvação do mundo. Segundo as religiões evangélicas protestantes, a contra reforma, o movimento que restaura o catolicismo também não melhorou em nada a vida dos deficientes. Entretanto, depois do pós-guerra, da primeira e segunda guerra mundial, as sociedades começaram a se preocupar com políticas públicas para prevenir as deficiências. A partir de então, começaram movimentos e atitudes para transformar a vida da pessoa com deficiência no mundo. Posteriormente, a tecnologia se desenvolveu e a cada dia melhora a vida dos deficientes com novidades que lhes possibilitam ficar cada vez mais autônomo, tanto na sua vida como nas profissões que exercem. Essa é a maior vitória da humanidade que através da tecnologia poderá um dia vencer as deficiências e curar indivíduos através de células troncos e posteriores avanços impossíveis de prever, pois a tecnologia avança de forma muito veloz e é quase impossível acompanhar.

No entanto, tanto avanço tecnológico e uma educação precária incapaz de acabar com velhas mentalidades que já se tornaram superestruturas intrínsecas nas sociedades que não tem o habito da leitura e acredita em qualquer coisa dita na bíblia sagrada mesmo sendo obvio que é uma mentira infundada .

Apesar da ciência afirmar que cegueira não é contagiosa como algumas pessoas acreditam, Ela pode acontecer através de algum acidente, alguma anomalia genética que normalmente é hereditária. Logo, doenças e acidentes cegam, porém ninguém com cegueira pode ser contagioso. Inclusive, a mentalidade do velho testamento é uma total ignorância, Já que a civilizações comentadas na bíblia são extremamente despreparada para ter certeza dos fatos que causam cegueira e as demais deficiências. Logo, se apegavam a ideias que explicassem as suas dúvidas, Sem comentar que no velho testamento se não obedecer a vontade de Deus. Ele castiga e normalmente era com a morte ou com alguma deficiência.

Todavia, a ciência traz luz e motivos plausíveis das causas das deficiências, que a cegueira e demais doenças não são causadas por castigo divino ou ideia semelhante, que a suas justificativas religiosas não passam de mitos. Como podemos perceber a seguir.

## CAUSAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL<sup>40</sup>

- Congênitas: amaurose congênita de Leber, malformações oculares, glaucoma congênito, catarata congênita.
- Adquiridas: traumas oculares, catarata, degeneração senil de mácula, glaucoma, alterações relacionadas à hipertensão arterial ou diabetes.

As cegueira congênita, embora não tenha fundo hereditário, já está presente no indivíduo desde seu nascimento. Resultam de acidentes imprevisíveis que ocorrem no processo de desenvolvimento embrionário, levando às chamadas malformações embrionárias. Podem ser causadas por substâncias químicas, resultando, por exemplo, em hidrocefalia ou lábio leporino. O álcool e o fumo também podem ser responsáveis pelo aparecimento dessas doenças. Podem ainda ser causadas por agentes infecciosos presentes na mãe, que rompem a barreira da placenta, atingindo o feto. São conhecidos os casos da rubéola, sífilis e toxoplasmose.

A cegueira adquirida é aquela contraída no meio em que se vive, independentemente de qualquer fator relacionado à hereditariedade. Os agentes causadores podem ser físicos (fogo, eletricidade, radioatividade), químicos (ácidos, inseticidas ou qualquer tipo de produto químico que possa interferir na saúde do indivíduo), mecânicos (objetos que causam traumas, como pedras, facas, armas de fogo) ou biológicos (bactérias, vírus, fungos, vermes). As doenças adquiridas podem não ser transmissíveis (queimaduras, envenenamentos, carências nutricionais) ou transmissíveis, como infecções bacterianas ou virais (sarampo, catapora, tuberculose, sífilis). Aqui também estão incluídos todos os tipos de micoses e parasitoses causadas por fungos, protozoários ou vermes.

### FATORES DE RISCO

Existem alguns fatores de risco para cegueira ou perda de visão:

- Idade;
- Pessoas com graus altos de miopia;
- Nascimento prematuro;
- Trauma;
- Cirurgias oculares ou neurológicas;
- Pessoas que trabalham com produtos químicos;

Com isso, a ciência contemporânea acaba com qualquer dúvida sobre a mentalidade bíblica e social sobre a pessoa com deficiência visual. Ao longo deste trabalho foi desmistificado a grande maioria dos mitos impostos ao sujeito com ausência de visão ao longo dos anos, porém continuaremos demonstrando outro importante propagador dessa mentalidade que é a má educação tanto para as pessoas dita “normal” quanto às pessoas com deficiência.

Sendo assim, a educação sendo de má qualidade não estimula a leitura, escrita e quase ninguém já leu a bíblia toda ou entende os personagens nela contidos, pois a Bíblia Sagrada possui diversos livros e para que alguém leia e

---

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://cive.org.br/cegueira/>> Acesso em: 14/05/2018.

interprete a mesma precisa ter uma boa educação, já que a mesma é uma religião extremamente criada para pessoas letradas leem e se não tiverem tal preparo acabam sendo manipulados por terceiros. Com isso, vão adquirindo informações através de terceiros e nem sempre essa pessoa está com boas intenções e com tal fato pode se aproveitar da ignorância dos cidadãos de qualquer região global. Para conseguir benefícios através da inocência do fiel não importando qual religião for.

### **4.3 Remontando a educação da pessoa cega**

Na intenção de remontar a educação do cego no mundo, até chegar ao Brasil e posteriormente em Alagoas, iremos trazer fatos sobre a primeira escola para deficientes visuais, criada na França, até chegarmos ao Sistema Braille, quando chegamos a Alagoas.

#### **4.3.1 História da Educação para os Cegos**

Todo o esforço educacional dirigido ao cego visa, em última análise, sua inclusão social. A primeira escola para cegos foi fundada em Paris, em 1784, por Valentin Haüy. Um de seus discípulos, Louis Braille, que perdeu a visão aos três anos de idade, criou um sistema de leitura tátil, que além das letras tinha também números e notações musicais. (BENGALA LEGAL)<sup>41</sup>.

Após 234 anos da criação do sistema Braille, ainda hoje essa forma de escrita se faz necessária para alfabetização do sujeito com problema visual. Inclusive, fica evidente como é algo novo a escrita para pessoas cegas no mundo que esse processo ainda está iniciando, pois poucas pessoas nas escolas regulares e até mesmo na especial dominam o sistema como um todo. Logo vem a pergunta: como um professor pode ensinar uma coisa que não tem o domínio necessário?

Por ser algo novo tanto para o professor como para o aluno, o professor aprende dando aula, pois essa prática fará parte do seu exercício de ensino-aprendizagem.

A educação era para poucos, pois só os filhos dos nobres estudavam. Marcada pela influência da Igreja, ensinava-se o latim, doutrinas religiosas e táticas de guerras. Grande parte da população medieval era analfabeta e não tinha acesso aos livros<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> Site: Bengala Legal <<http://www.bengalalegal.com/educacegos>>. Acesso em: 08/11/2017.

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/medieval/p2.php>> Acesso em: 22/05/2018.

Não é nada diferente da contemporaneidade, pois a educação de qualidade continua sendo para quem tem maior poder aquisitivo. De fato, não há interesse em se dar uma educação de qualidade para todos, visto que a nossa sociedade capitalista dominadora precisa de mão de obra para suprir as tarefas mais básicas da economia.

#### **4.3.1.1 Escolas Especiais para Cegos.**

Com o impulso dado pelo Sistema Braille, surgiram na Europa diversas escolas para cegos, algumas notáveis, como a inglesa St. Dunstan, que dava ênfase aos aspectos psicológicos dos alunos. Seguiu-se a criação, nas escolas públicas, de classes especiais para crianças cegas, a primeira das quais foi fundada nos Estados Unidos em 1900. A Perkins School, de Boston, conseguiu um feito extraordinário com a educação primorosa de Helen Keller, cega, surda e muda aos 19 meses de idade, que conseguiu graduação superior e escreveu diversos livros sobre a educação de pessoas com deficiência.

A partir daí, os livros em Braille proliferaram a tal ponto que a National Library for the Blind, em Westminster, Inglaterra, conta com um acervo de milhares de volumes.

A UNESCO<sup>43</sup> participou ativamente do esforço para unificação do Sistema Braille e difusão de material didático. Muitas outras escolas para cegos e associações de cegos foram surgindo em todo o mundo. (BENGALA LEGAL)

Como podemos perceber, a primeira escola especial que se tem conhecimento foi na França, e sua forma de aprendizagem ainda estava em transição da oralidade, forma tradicional de ensino para pessoas cegas na civilização ocidental antiga e posteriormente, outra forma de educação seriam as letras em alto relevo, por serem esses desenhos gráficos que dão origem a várias palavras do nosso cotidiano. Logo, as letras são importantes para registrar fatos históricos, acertos de compra e venda e dentre outros acontecimentos do gênero. Além disso, a escrita é um aspecto cultural de cada civilização, que denomina a grafia seguindo suas próprias conversões. Então, a escrita japonesa não será igual a escrita brasileira, por exemplo. O que sucede para outros países.

#### **4.3.1.2 Criador do Sistema Braille**

O Sistema Braille, que recebeu esse nome por causa do seu criador, Luís Braille, um francês que ficou cego aos três anos de idade. O acidente ocorreu em um estabulo quando ao manipular uma sodela, instrumento para furar celas, Luís

---

<sup>43</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Braille acabou perfurando os seus olhos que causou uma profunda infecção que atingiu a ambos os olhos. O Sistema Braille que é composto por reglete<sup>44</sup>, pulsão, cela e mesinha de madeira (de uso opcional) foi inspirado no uso da sovela.

Curiosamente, o instrumento causador da cegueira acabou sendo o ápice a redenção do Louis Braille que é conhecido internacionalmente como criador do sistema. Essa ferramenta abrange uma gama ampla de áreas do conhecimento.

Louis Braille, ainda um jovem estudante, tomou conhecimento de uma invenção denominada sonografia ou código militar, desenvolvida por Charles Barbier, oficial do exército francês. O invento tinha como objetivo possibilitar a comunicação noturna entre oficiais nas campanhas de guerra. Baseava-se em doze sinais, compreendendo linhas e pontos salientes, representando sílabas na língua francesa. O invento de Barbier não logrou êxito no que se propunha, inicialmente. O bem intencionado oficial levou seu invento para ser experimentado entre as pessoas cegas do Instituto Real dos Jovens Cegos.

A significação tátil dos pontos em relevo do invento de Barbier foi a base para a criação do Sistema Braille, aplicável tanto na leitura como na escrita por pessoas cegas e cuja estrutura diverge fundamentalmente do processo que inspirou seu inventor. O Sistema Braille, utilizando seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas, possibilita a formação de 63 símbolos diferentes que são empregados em textos literários nos diversos idiomas, como também nas simbologias matemática e científica, em geral, na música e, recentemente, na Informática.

A partir da invenção do Sistema Braille, em 1825, seu autor desenvolveu estudos que resultaram, em 1837, na proposta que definiu a estrutura básica do sistema, ainda hoje utilizada mundialmente. Comprovadamente, o Sistema Braille teve plena aceitação por parte das pessoas cegas, tendo-se registrado, no entanto, algumas tentativas para a adoção de outras formas de leitura e escrita e, ainda outras, sem resultado prático, para aperfeiçoamento da invenção de Louis Braille.

Apesar de algumas resistências mais ou menos prolongadas em outros países da Europa e nos Estados Unidos, o Sistema Braille, por sua eficiência e vasta aplicabilidade, se impôs definitivamente como o melhor meio de leitura e de escrita para as pessoas cegas.

---

<sup>44</sup> Atualmente temos a reglete de bolso.

Em 1878, um Congresso Internacional realizado em Paris, com a participação de onze países europeus e dos Estados Unidos, estabeleceu que o Sistema Braille deveria ser adotado de forma padronizada, para uso na literatura, exatamente de acordo com a proposta de estrutura do sistema, apresentada por Louis Braille em 1837. A importância desse sistema é tamanha importância pois sua dimensão é de alto valor.

Com o pioneirismo do Louis Braille na escola da França, os professores resistiram em aprender uma forma de escrita diferente da tradicional, que já estavam acostumados a ensinar. Além do mais, era difícil aceitar que um aluno cego foi o criador do novo sistema. Para a sociedade da época, o deficiente visual aprendia através de alto-relevo, através da oralidade e não tinha tanta precisão. Isso, porque os sujeitos com ausência de visão só utilizam a memória para armazenar o que aprenderam, fazendo uma analogia com a escrita cursiva, onde o aluno que enxerga pode visitar e produzir o seu próprio resumo da disciplina. Com o Sistema Braille, a pessoa cega vai dirimindo suas dúvidas em analogia à pessoa que enxerga, o que proporciona mais igualdade entre os mesmos.

A partir do Sistema Braille houve um impulsionamento evolutivo na vida dos deficientes visuais, pois eles deixaram de trabalhar por caridade, com música, pedindo esmola ou em asilos, como auxiliar. O cego, após o Sistema Braille pôde escolher a profissão que desejasse. Esses avanços demonstram à sociedade que a pessoa cega é capaz de quase tudo, só é preciso acreditar e ter as condições inerentes para galgar tamanha realização. Sonhar passou a ser possível tanto no aspecto profissional quanto no pessoal, pois com acessibilidade tudo é possível a que se torne realidade. A que se tenha acessibilidade, é imprescindível a qualificação dos profissionais da educação, para esses possam desenvolver seus ensinamentos usando as ferramentas de inclusão.

As pessoas cegas devem isto a um homem pioneiro e visionário que venceu sua limitação e contribuiu para a realização de várias outras gerações. Louis Braille foi uma das primeiras pessoas a combater a mentalidade de que deficiente visual não é digno de direito como qualquer outro cidadão. O seu invento possibilitou o desenvolvimento cultural da pessoa cega e deu direitos antes não adquiridos, e conseqüentemente a busca de mais inclusão e respeito perante à sociedade da época. Anteriormente, os sujeitos cegos representavam para a sociedade e ainda continuam a serem vistos através da mentalidade bíblica e social como uns

coitadinhos, bichinhos, dignos de caridade ou imprestáveis para as mesmas. Esse fato no Brasil só começa a sofrer uma dialética em 1854 com a primeira escola para cegos criada no Rio de Janeiro neste período capital do País.

#### **4.3.1.2 Instituto dos Meninos Cegos no Brasil**

Foi fundado por Valentin Haüy, responsável pelo instituto real dos jovens cegos. No instituto existia um sistema de leitura adaptado para cegos, mas foi superado pelo Sistema Braille com o tempo. O Braille foi trazido para o Brasil por José Álvares de Azevedo. Na ocasião, ele teve a honra de conhecer e estudar com o pai do sistema, Louis Braille. A técnica foi trazida durante o Brasil império, no governo de Dom. Pedro II que deu todo o suporte para que fosse fundado o instituto imperial dos meninos cegos no Brasil. “Foi precisamente em 12 de setembro de 1854 que, [...] através do Decreto Imperial nº 1.428, D. Pedro II fundou, na cidade do Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos”. (MAZZOTTA, 2001)

José Álvares de Azevedo volta da Europa para o Brasil, já dominando o Sistema Braille. Por ser muito articulado, divulgou e difundiu a aprendizagem do Sistema Braille no Brasil Império.

José Álvares de Azevedo deu aula para a filha de um médico, que encantado com o avanço da leitura e o desenvolvimento intelectual da mesma, começou a compartilhar com as mesmas ideias do professor. Logo, o médico levou o professor para fazer uma apresentação de leitura em Braille para o imperador Dom Pedro II. Esse, também, se encantou com o método, dando assim, plenos poderes para o médico e o jovem professor de Braille a desenvolverem essa nova forma de aprendizagem. Entretanto, José Álvares morreu antes da mesma ser concretizada em escola.

Percebemos a importância do Sistema Braille no desenvolvimento intelectual do sujeito cego, e também a necessidade de mais materiais adaptados para esses indivíduos para que eles possam desfrutar de todo o conhecimento do mundo, que se não for através da visão que seja de uma forma científica e precisa através da educação formal.

Dois instrumentos que são de essencial importância na aprendizagem pelo sujeito cego estão diretamente relacionados com: o Português e a Matemática.

Duas áreas do conhecimento imprescindível para o cidadão. Dois instrumentos de inclusão que a sua importância sempre se sustentam por si só: o Soroban e o Sistema Braille. Com eles o deficiente visual começou a poder registrar suas memórias e estudos de forma semelhante com as suas dicotomias aos sujeitos que enxergam.

O soroban é uma espécie de máquina de calcular, sendo que o processo de efetuar as operações é mental. E sua inspiração remete a um recurso histórico muito antigo que é o ábaco. Sendo que o ábaco era feito de pedra e ferro e o Soroban é sua releitura moderna. O soroban é mais leve, feito de plástico e um ferro, possui cores gritantes para estimular o interesse pela matemática, buscando atingir as crianças que têm baixa visão ou crianças que enxerguem.

No Japão, o soroban é usado em algumas províncias para ensinar as operações para as crianças que enxergam e as deficientes visuais. Em alguns lugares as lojas usam esse recurso ao invés de computadores e calculadoras. Tal uso já vem sendo praticado acerca de 500 anos pelos japoneses. Essa é uma forma de estimular as crianças e os adultos a raciocinarem e aprenderem de forma lúdica às formações dos números e as operações matemáticas.

Além disso, já na sua leitura o soroban é ensinado à formações dos números. As esferas ou eixo, como são chamadas as bolinhas que simbolizam os números, segundo o manual do Ministério da Educação – MEC para o estudo desse equipamento, sua representação começa na sequência da unidade, dezena, centena continuando sucessivamente, de forma linear. Por exemplo: se o valor do cálculo for mil a quarta bolinha ou eixo vai ser unidade de milhar. O manual pode ser baixado na íntegra pela internet, através de uma pesquisa simples pelo nome: manual do soroban+Mec.

O soroban para os cegos serve como registro dos números de uma operação sem nenhuma automação como uma calculadora, pois, serve como um registro dos números os resultados dos cálculos são todos ligados ao raciocínio do usuário. Tanto para quem tem visão normal ou não.

Existem vários manuais sobre a escrita Braille nas diversas línguas. Atualmente, temos estenografia Braille que é uma abreviatura, um modo de escrever mais rápido muito parecido com linguagem de internet como T9: T9 nada mais é do que abreviaturas como: vc que quer dizer você, assim dentre outras abreviaturas que são usadas na internet. Com o avanço da tecnologia, a informática ganhou

manual em Braille. Também, todas as matérias ganharam sinais de suas respectivas áreas como: física, química e partituras musicais que é chamada de musicografia Braille, assim como toda a grafia relevante da norma culta, paradigma da norma gramatical.

É comum, devido ao desconhecimento da maioria das pessoas, que o Sistema Braille sejam considerados apenas pontinhos brancos em um papel, o que não é diferente com o soroban, por serem bolinhas coloridas. Tal desconhecimento faz com que algumas pessoas acreditem ser o soroban um instrumento insignificante, enquanto outras acreditam que o soroban é uma máquina de calcular, proibindo o seu uso. Mas, o que realmente o soroban faz é registrar o número e os cálculos são feitos mentalmente pelo usuário. Aqui, tentamos desmistificar essas ideias distorcidas sobre dois instrumentos de fundamental importância na vida do deficiente visual.

#### **4.4 História da Escola Estadual Cyro Accioly<sup>45</sup>**

No século XIX posterior a sua metade, foi fundada em Alagoas, a primeira escola para deficientes visuais, que foi a Escola Estadual Cyro Accioly.

##### **4.4.1 Origem do nome da escola e dados sobre o patrono**

Diante da preocupação com a falta de atendimento educacional para as pessoas com deficiência visual na cidade de Maceió, o Sr. Cyro Patury Accioly se dispôs a empreender, no ano de 1968, várias ações no sentido da criação de uma unidade educacional pública exclusivamente direcionada para cegos.

Cyro Accioly nasceu em Maceió - AL, em 03 de setembro de 1911. Era filho de Rosalvo Pereira Accioly e Emília Patury Accioly. Foi empresário reconhecido no ramo automobilístico e presidiu por muitos anos a concessionária Willys-Ford, de sua propriedade, atual CYCOSA. Sempre sensível às questões sociais, integrou o Conselho Consultivo da Associação do Movimento de Amparo à Infância – AMAI, durante muitos anos. Integrou também o Conselho Deliberativo do Clube de Regatas Brasil – CRB, e foi Diretor Social do late Clube Pajuçara. Em 1966, elegeu-se

---

<sup>45</sup> Informações contidas no Projeto Político Pedagógico, cedido pelo Sr. Walter Simões, atual diretor do Centro Cyro Accioly

presidente do Lions Clube de Maceió – Pajuçara e, em seguida, vice-governador para o Estado de Alagoas, do Distrito L14, do Lions Internacional. Ao assumir a presidência do Lions Clube Pajuçara, em 05 de julho de 1967, Cyro Accioly liderou uma significativa campanha cívica, idealizada pelo clube que presidia – a difusão da nova bandeira de Alagoas associada à do Brasil, miniatura simbólica para os lares, estabelecimentos comerciais e industriais alagoanos e que seria adquirida por uma contribuição em benefício da construção do Instituto de Educação dos Cegos de Alagoas.

Como empresário conceituado e presidente do Lions Clube da Pajuçara, em uma das reuniões do clube, apresentou a ideia de criar o Instituto de Cegos. Lançada a campanha, Cyro Accioly, com a missão de divulgá-la, retomou sua função de jornalista, atuando em diversos órgãos da imprensa. Seu poder de comunicação, assim como a nobreza da causa atingiram a sociedade que ao ser motivada a participar da referida campanha, respondeu de modo positivo.

A proposta foi aprovada por unanimidade pelos seus companheiros, dentre eles, seu amigo professor Divaldo Suruagy, na época prefeito de Maceió, no dia 04 de maio de 1968, em solenidade ocorrida no bairro do Vergel do Lago, foi lançada a pedra fundamental do Instituto de Educação de Cegos. Se fizeram presentes o então prefeito de Maceió, Sr. Divaldo Suruagy, o bispo D. Eliseu Maia Gomes, o Sr. Cyro Accioly e demais autoridades e convidados. Na ocasião, falando para os presentes, o Sr. Cyro Accioly afirmou que “para um bom leão, este momento é a hora mais feliz de sua vida, oportunidade de servir desinteressadamente”. Posteriormente, houve mudança na diretoria do Lions Clube, porém a campanha em favor dos cegos continuou. Durante esta campanha, Cassemiro, que era cego e uma figura conhecida na cidade de Maceió, na década de 60, foi uma fonte de inspiração de Cyro Accioly para a construção do Instituto de Cegos, pois seu maior desejo era aprender a ler e trabalhar.

No dia 04 de maio de 1968, foi iniciada a construção do Instituto de Educação dos Cegos, em um terreno localizado na Pajuçara, Maceió-AL, doado pela prefeitura, na gestão de João Sampaio e com a planta de autoria do engenheiro civil Joffre Saint Ives Simon, também engajado no ideal da causa do Sr. Cyro. A construção do prédio, que estava sendo erguido com o maior empenho e vontade de ajudar os deficientes visuais, foram interrompidas com a morte prematura de Cyro deixando naquelas paredes a marca silenciosa de um desejo e de um sonho não

realizado. Posteriormente, o terreno e o prédio foram desapropriados. Entretanto, a trajetória e o pioneirismo de Cyro Accioly não foram em vão, pois ficou a semente de um dever social que foi concretizado. O patrono da ideia, acometido de um mal incurável, veio a falecer em 03 de maio de 1970, não podendo concretizar seu ideal. Após seu falecimento, em artigo jornalístico, Haroldo Miranda escreveu: “...Cyro deixou muitos amigos, que apareçam esses amigos e deem luz aos cegos”.

Em 15 de junho 1976, a Escola Estadual de Cegos Cyro Accioly, foi instituída pelo governador Divaldo Suruagy, através do Decreto de nº 2.794, do Art. 59, Inciso III, da Constituição Estadual. Escola exclusivamente especial, incorporada ao Sistema de Educação Especial, da Secretaria Executiva de Educação. A escola foi inaugurada em 30 de junho de 1976, onde funciona até os dias atuais, no prédio situado à Rua Pedro Monteiro, s/n, no Centro de Maceió.

O nome dado à escola foi uma homenagem àquele que dedicou seus últimos anos de vida em favor das pessoas com deficiência visual, atendendo aos anseios por uma Educação Especial que pudesse oferecer um atendimento especializado, valorizando, sobretudo, a pessoa humana e promovendo sua inclusão social.

#### **4.4.2 Na atualidade**

A escola que hoje é um centro proporciona às pessoas cegas a esperança de mudar de vida, pois passaram a ganhar uma perspectiva intelectual, profissional para mudar de vida ou de status social. Como foi o caso do Casemiro, o amigo cego do Sr. Cyro Accioly, que pôde ter esperança e usufruir dias melhores, após a fundação da escola de cegos que ele vai ter esperança de dias melhores. Casemiro sonhava em ler, escrever e trabalhar dentre outras aspirações.



Foto: O autor – Fachada da Escola de Cegos Cyro Accioly em 10 de agosto de 2018.

Antes da Escola Cyro Accioly não existia nenhum outro espaço para educar os cegos, aqui em Alagoas. A existência dessa escola faz toda a diferença, a partir de então.

Os sujeitos cegos a partir dessa data passam a ter meios de confrontar as superestruturas da velha mentalidade, isso é uma mudança significativa não só na mentalidade como também na postura do sujeito cego, que passou a ter sonhos de uma vida melhor integrada e com acessibilidade. A escola reabilitava alunos e professores do ensino regular ainda sem qualquer preparo para atender esse público que precisava de mais atenção, isso era justificado pela peculiaridades do sistema Braille. e de assimilação de conceitos mais detalhados de forma verbal, para que o deficiente visual tivesse a capacidade de entender o assunto e progredir como aluno e cidadão.

Os professores neste período ainda estavam aprendendo a dominar o braille, esse fato o que até certo ponto era normal, por tratar-se de algo novo tanto para os professores quanto para os alunos. Conseqüentemente, surgiu a dificuldade de alfabetização através do Sistema Braille, pois os professores do ensino regular não dominavam bem assim como os usuários do mesmo. Devido a essa situação, muitos professores passavam os alunos de ano, para não se complicar, na tentativa de aprender o Braille e ensiná-lo, e essa prática é reproduzida até hoje na contemporaneidade.

Segundo as pessoas cegas ou com baixa visão, entrevistadas, do ensino regular e especial e das faculdades, ainda hoje não se tem estrutura adequada e não se tem pessoas que tenham o conhecimento do Sistema Braille. Algumas pessoas cegas relataram que pegavam cadernos dos amigos no ensino regular e não tinham como transcrever o que estava escrito no caderno do colega, para um formato que possibilitaria sua leitura e facilitaria o exercício da aprendizagem. Para tal, o indivíduo cego teria que pagar alguém de fora para ler o caderno do colega e transcrever os assuntos ou, esperar a caridade, boa vontade e até a sensibilização de terceiros que ajudavam nesta transcrição. Isso, ocorria quase sempre na Escola especial não dava tempo para os professores da escola de cegos auxiliarem os alunos nesta transcrição, Já que o Sistema Braille escrito na reglete e pulsão requer

muito tempo e a sua escrita é mais lenta, porque o deficiente visual tem que identificar o buraquinhos que correspondem ao furos desejados. Essa combinação de buracos que para o deficiente visual são números formam as letras cursivas do alfabeto que a gente conhece e seus sinais gráficos e demais representações derivadas. Sendo assim, era normal o mesmo acontecer com as pessoas de baixa visão que precisam transcrever os assuntos para um caderno com pautas maiores onde o mesmo escreve com letras ampliadas ou até mesmo com uma caneta futura que nada mais é do que uma espécie de caneta porosa, que não transpassa o papel.

#### **4.4.2.1 Dificuldades do cotidiano**

Após quarenta e dois anos da fundação da Escola Cyro Accioly, sendo hoje um centro, as dificuldades continuam as mesmas. Cada professor atende no máximo 12 alunos, nos dois horários, o que é muito corrido para cotidiano do Centro. Nos dias normais são oito alunos por período, sendo que o atendimento ainda é menor devido à falta de mobilidade dos deficientes visuais e a falta do transporte esporadicamente, já que muitos dependem do transporte para chegar ao colégio. Para corroborar, trazemos um recorte da entrevista concedida por PS e SS.

##### Entrevista com PS:

**WI:** Você estudou o ensino fundamental, e médio sem ter auxílio de nada?

**PS:** De nada. Eu terminei o meu ensino médio pela caridade, como diz Cazuya: “pela caridade de quem me detesta”. Como assim, eu de tanto pedir o caderno aos colegas. Os colegas não gostavam de mim, eles diziam assim: rapaz você não trabalha e porque você quando chega na sala de aula, você vem pedir o caderno? Porque, eu não enxergo o quadro. Mais ficavam, às vezes davam, às vezes não davam, e eu ia sobrevivendo assim até terminar o segundo grau. Por isso, que eu passei 21 anos depois que eu terminei o segundo grau, eu passei 21 anos fora da sala de aula. Aí eu voltei quando que eu conhecia que existia alguns recursos de inclusão escolar, mas até naquele momento no final quando terminei o ensino médio não existia nada disso. Era pela caridade dos outros mesmos, aí tinha esses problemas.

**WL:** Qual a sua visão sobre a escola de cegos, e o que seria necessário para melhorar?

**PS:** A escola de Cego.

**WL:** De cegos.

**PS:** Se eu não me engano está escrito escola de cego.

**WL:** De cegos.

**PS:** Escola de cegos, mas é verdade ali é escola de cegos. Não é escola para cegos, por quê? Porque, lá existe pouco recurso pra ajudar, realmente melhorar, realmente a capacidade do aluno com deficiência visual, né? Alí é mais na minha visão é mais um local aonde os deficientes têm um lugar para ficar, um lugar para interagir, um lugar para conhecer outros. Interagir entre os coleguinhas, fazer amizade, né? Estudar alguma matéria que eventualmente estejam com mais dificuldade, mas ampliar mesmo seu ensino melhorar, evoluir, avançar, reforçar seu estudo, eu não vi assim não. Eu tive que... Eu não encontrei reforço no ensino lá na Cyro.

#### Entrevista com SS:

**WL:** Ok. Como foi que você fazia no ensino regular, superior para acompanhar as outras pessoas que enxergam?

**SS:** Bom, no ensino regular eu não tinha nenhum método. Assim, em relação à tecnologia para me auxiliar. Então, foi bastante difícil, os únicos recursos que eu usava nos anos iniciais do meu ensino regular, era a prova oral com os meus professores e auxílios com os meus amigos, né? E, às vezes eu ia também pegar reforço na escola de cegos. Eu pegava o caderno com os meninos e tinha uns assuntos, como eu não enxergava a letras e chegava lá para eles transcreverem os assuntos para mim. Aí, eu ficava rodando a escola inteira pra vê se conseguia alguém que transcrevesse, e nem sempre eu conseguia. E assim eu fui driblando essas dificuldades.

**WL:** OK. E agora qual a sua visão sobre o ensino da escola de cegos, especial aqui de Alagoas?

**SS:** Péssimo. Era melhor, mas agora está cada vez pior. no meu ponto de vista. Por que, em relação às dificuldades que já passei e amigas minhas também já passaram, é a mesma coisa, tipo: o deficiente está no ensino regular e precisa de reforço e não tem o reforço. Vamos supor, a gente pega um livro, eu estou no ensino regular e pego um livro de ciência, geografia o que seja, precisa de mapas

adaptados alguma coisa. Aí chego lá no núcleo de apoio e deixo lá, e não tem nenhuma específica para realizar esse processo. Olha fulano, tal data eu venho pegar e eles nem protocolam e nem nada. Aí eu chego na escola regular, aí meu professor de Geografia diz: SS já está com o assunto em mãos? Eu não, aí eu fico tipo vou lá ninguém me dá uma resposta. Aí vou na escola, o que o professor vai achar de mim? Poxa! que aluna preguiçosa, né? Então, poxa! Isso é complicado. Muito complicado e eu me deparei muito com isso. E nossa! Cheguei ao ponto de pagar alguém para fazer um trabalho para mim. Em relação a isso para não ficar prejudicada, mas na maioria das vezes, eu me sentia lesada em relação ao meu aprendizado.

No Século XIX, o deficiente visual ganha a seu favor uma máquina de escrever em braille, similar a uma antiga máquina de escrever com a mesma finalidade, só que a do usuário com problema de visão, ela escreve em braille, contudo volta a velha problematização de precisar de terceiro para ditar enquanto o conteúdo é transcrito, algumas exceções o deficiente poderá usar a máquina de escrever em Braille com autonomia, enquanto que as pessoas de baixa visão continuam a depender do seu campo visual ou de alguém para ditar seus materiais.

Uma solução apresentada pelos entrevistados foi o ensino do braille para todos os alunos cegos, baixa-visão e outra possibilidade era disponibilizar o laboratório de informática para auxiliar os alunos frequentadores do Centro Cyro Accioly nas transcrições de conteúdos escolares e até de pesquisas com a mesma finalidade. Inclusive, os materiais mais simples de encontrar no centro Cyro, na sala de leitura estão no formato do Braille. Logo fica evidente o descaso com a pessoa de baixa visão.

Segundo as pessoas entrevistadas, para a contribuição deste trabalho, confirmaram que os diretores mais antigos demonstravam mais amor a causa, ou seja, davam o seu melhor para perceber o progresso dos deficientes visuais. As falhas detectadas, no apoio escolar, no passado ainda continua no imediato.

Usuários relataram que quando incluídos no ensino regular são esquecidos e foi uma situação recorrente na pesquisa, para os mesmos faltaram reforço, acompanhamento em provas e dentre outras circunstâncias semelhantes.

Nas direções passada existiam cursos profissionalizantes buscando a reabilitação dos usuários dessas escolas especiais e até colocação profissional em

empresas alagoanas. Isso era possível devido a interação aluno professor, pois era algo novo que tinha que ter resultado concretos e demonstrar para a sociedade que a escola especial funcionava. O mesmo acontece hoje, em relação a demonstrar para a sociedade que funciona, porém não tem essa parceria com outros órgãos do estado, para fazer tal inclusão. Além disso, também no século que se comenta tanto sobre inclusão é difícil algum deficiente visual trabalhar em empresas privadas, se o mesmo não for concursado fica complicado essa colocação profissional.

Analisando as modalidades de ensino. Elas estão iniciando esse processo ainda, mesmo elas já com alguns séculos continuam pecando nas mesmas falhas. que fica claro é a falta de inclusão tanto no ensino especial, regular e no ensino superior. Tanto importando se é privado ou público.

As faculdades são todas parecidas. São acessíveis nos materiais pedagógicos disponibilizados e na parte arquitetônicas são, totalmente, acidentada, inacessível para PCDS de forma geral.

Na escola especial, para alunos noviços, que perderam a visão recentemente, ao chegarem da escola especial, inicialmente eles têm um tratamento, que logo depois lhes é cortado, o que acontece com alunos do ensino regular e superior que precisam de reforço. Justificativa dos professores para isso é que se trata da tentativa de promover a autonomia do aluno. As pessoas entrevistadas esperam que, essa circunstância possa ocorrer desde que o sujeito já demonstre está seguro no local.

No ponto de vista, dos alunos mais antigos da escola especial, através de seus relatos, a principal função da escola de cegos é proporcionar a inclusão e dar esse reforço necessário para os demais alunos incluídos nas outras modalidades de ensino.

É importante pontuarmos aqui que, a escola especial para as crianças é uma atividade fundamental tanto na parte educacional, na mobilidade futura, já que elas precisam ser estimuladas à prática de esportes. O simples exercício de se movimentar pode evitar futuras doenças, podendo ser prevenidas através da educação física, esportes dentre outras formas de exercitar o corpo para evitar o sedentarismo.

Após quase cinco décadas de Escola Especial os erros se repetem, existe uma troca de valores entre professores e alunos em vários aspectos. A influência de um deficiente mais autônomo pode demonstrar as falhas do sistema educacional e

até mesmo trocar experiências positivas ou negativas, tentando assim contribuir para o progresso do companheiro na mesma situação. Isso fica claro na parte tecnológica, onde diversos cegos têm independência na informática e poderiam ajudar os companheiros a obter o mesmo desempenho ou até melhor, se fosse permitido o acesso ao laboratório de informática.

#### **4.4.3 Tecnologias Assistivas**

Nessas quase cinco décadas a maior evolução tem sido o sistema dosvox, que é limitado e tem ainda a sua importância no âmbito escolar pois ele tem uma gama de jogos educativos muito bons para crianças e deficientes visuais no seu prólogo de aprendizagem. Porém o mesmo está defasado, pois existem leitores de telas gratuitos que qualquer professor de informática que utilize bem o teclado poderia dar aula para uma pessoa com deficiência visual tranquilamente, esse leitor de tela é o NVDA. Essa ferramenta possibilita a inserção do sujeito com deficiência visual no mercado de trabalho e melhora a vida dos mesmos em outras áreas do conhecimento. Na verdade, tudo que uma pessoa que enxergue faz, com o NVDA é possível para o deficiente visual.

Quando lançado em 1993, o Dosvox teve a sua importância fundamental na inserção do aluno com dificuldade visual na educação e no mercado de trabalho, já que possibilita a leitura e a escrita mais fluida através da tecnologia daquela época, viabilizando uma enorme inclusão dos deficientes visuais na sociedade.

Razões pelas quais o Dosvox foi criado, é preciso analisar um problema que ainda hoje persiste não apenas na UFRJ mas em todas as universidades: poucos alunos cegos conseguem entrar no curso superior, e poucos daqueles que entram conseguem concluí-lo". O baixo índice de alunos com algum tipo de deficiência física formados no nível superior é um problema que tem sua origem no ensino básico. De acordo com Lívia Oliveira [3], embora a constituição brasileira de 1988 já previsse que todo cidadão brasileiro tem direito à educação, o fato dos professores, em sua maioria, não reconhecerem o potencial em alunos deficientes e não estarem preparados para educar tais alunos, impede que a educação básica a alunos portadores de algum tipo de deficiência física seja feita de forma satisfatória. Um vez impedidos de terem acesso a uma educação básica com nível semelhante ao dos demais alunos, os portadores de deficiência passam a ter menos chances no vestibular. Além dos problemas já normalmente enfrentados por deficientes físicos, existem algumas dificuldades que são exclusivas dos deficientes visuais (DVs). Conforme. As dificuldades já começa no Sistema Braille que para os professores não passam de furos em relevo no papel. Os professores por não conhecer e

nem querer ter dor de cabeça acabam aprovando o aluno. Isso é uma mentalidade herdada dos ancestrais<sup>46</sup>.

Nas faculdades, principalmente na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, até o ano de 2011 as condições eram de total escassez de inclusão, tanto nos materiais quanto na parte arquitetônica, pois o terreno é completamente acidentado. É senso comum das pessoas sem deficiência ter o sonho de ingressar em uma faculdade pública federal, e no seu subconsciente é a melhor coisa a fazer devido a status, reconhecimento em excelência educacional quase todos os cursos e educação de excelência, o verdadeiro ápice acadêmico. Porém, como os materiais para estudos são fotocópias das mesmas com rabiscos e marcações feitas de caneta pelos professores ou até mesmos dos alunos que emprestam para o colega imprimir, digitalizar e qualquer outro meio que o cidadão prefira estudar. O fato de um texto apresentar rabiscos e/ou ser uma cópia de má qualidade representa dificuldades para a adaptação. Um texto limpo proporciona uma melhor visibilidade para quem enxerga e também ficaria fácil para digitar os assuntos para quem tem um problema de visão, com essa atitude resolvia o problema de material não adaptado, e não visível para todos que estudassem no campus. Logo, existe uma necessidade de melhorar as apostilas entregues pelos orientadores e também melhorias no espaço físico da faculdade, é um benefício à todos, independente de terem ou não algum tipo de deficiência.

Outro ponto em comum encontrado na UFAL e outras faculdades, públicas e privadas, é referente a maioria dos pisos que não possui a adequação necessária. Falta piso tátil e não tem um terreno totalmente plano onde tenham rampas e demais ações para permitir a inclusão de todos e melhorar de fato a locomoção dos indivíduos, tornando de fato as faculdades num lugar acessível para todos, respeitando alguns direitos básicos como à educação, ir e vir.

#### **4.5 A minha história dentro da universidade**

Como a inclusão não era uma preocupação da UFAL, no ano de 2011, como graduando do curso de bacharelado de História, no Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Arte – ICHCA, fiz uma longa jornada até chegar o atual momento.

---

<sup>46</sup> Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/historico.htm>>. Acesso em: 15/02/2018.

Para acompanhar o curso era necessário fazer a digitalização dos textos xerocados de má qualidade, para que o mesmo pudesse ficar no formato acessível para o leitor de tela.

Mesmo após serem feitos alguns movimentos de diálogos com algumas coordenações e certos postos, não foram resolvidos. Então, os alunos reivindicantes baseados no guia legal, documento produzido pela câmara dos deputados, produziram uma síntese das leis aplicadas aos deficientes visuais.

Uma sucessão de bolsistas do curso de História, despreparados, alguns com boa vontade e outros não, foram disponibilizados para que pudessem viabilizar os materiais necessários para minha atuação no curso. Situações adversas ocorreram, algumas indesejáveis e incômodas e até comentários preconceituosos. Por ter passado por essas questões, ficou acordado que as próximas bolsistas a me acompanharem seriam do curso de Pedagogia, o que foi uma decisão que me beneficiou muito na parte pedagógica. As bolsistas se comprometeram o mais que puderam para que os materiais chegasse a mim em tempo hábil, o que me possibilitou estudar para as provas de forma tranquila. A inacessibilidade é um aspecto frustrante para qualquer pessoa portador de deficiência.

Posteriormente, a UFAL criou o Núcleo de Acessibilidade UFAL – NAC, onde a condição inicial de total escassez de adequações foi combatida com louvor pelos membros desse órgão, que busca contribuir com a permanência do aluno na Universidade. Muito se tem feito, mais muito está por fazer. Por isso, os alunos que dependem do NAC, anseiam por melhoria neste órgão e de adequações mais latentes na parte física da UFAL, onde vai possibilitar a locomoção de todos no campus, pois as adequações vão auxiliar professores e visitantes como demais públicos que posteriormente venham a frequentar a instituição.

#### **4.6 Desafios dos PCDS**

Os PCDS que passam da modalidade do ensino fundamental e médio, saem deficientes por não conhecerem o básico dos seus direitos e por não ter uma boa aprendizagem. Isso acontece devido à falta de materiais adaptados para auxiliar os mesmos, segundo os relatos recolhidos. Ainda como resultado desses relatos, a maioria dos entrevistados, afirmam ser o aspecto físico o item mais precário das

instituições escolares, seguidos dos materiais que não são adaptados e a falta de preparo dos professores em atender os PCDS.

Na atualidade, os alunos no ensino regular ficam isolados dentro da própria classe, ao contrário do que acontecia na Europa, onde eles eram separados fisicamente nos fundos das escolas, o que demonstra que a barreira agora é imaginária.

O aluno PCDS tem que entrar na escola e contar com a boa vontade dos professores em se aproximarem deles ou, eles tem que fazer de conta que aprendem e os professores fazerem de conta que dão aula. Não é a falta de visão que impede alguém de aprender e sim o meio a escassez de acessibilidade das séries iniciais até o mundo acadêmico. Os deficientes visuais precisam de material adaptado como o Braille ou em formato de letras ampliadas, dentre outros formatos acessíveis e de reforço para as matérias de que requeiram muitos detalhes visuais, que o aluno encontre o meio que ele prefira para estudar. Então, introduzir um aluno seja no ensino regular ou na faculdade, sem o mínimo de reabilitação e sem material adequado, é obrigar os professores darem notas para aprovação. Como também uma pessoa reabilitada fazer um curso, sem que acesse o material adaptado para a necessidade dele é desumano, pois o mesmo se esforça para aprender e arrisca a sua vida para tentar mudar de condição social e ganhar uma respeitabilidade maior da sociedade se mostrando competitivo com os demais alunos.

A falta de consciência política e dos administradores das escolas, reitores que não tentam transformar a sua instituição em um ambiente inclusivo e civilizado para todos, acabam afastando alunos do ensino regular e das faculdades públicas e privadas, Assim marginalizando os deficientes, segregando da sociedade e de uma educação de qualidade.

Nesta perspectiva, além de jogar um problema para os professores e praticamente obrigá-los a fazerem cursos de especialização para tratar com cada deficiência em geral, os organizadores e responsáveis, de fato, só se preocupam com quantidade de aluno que são giro de capital e dentre outras realidades do gênero. Dessa forma, os PCDS são afastados dos órgãos de ensino.

Para os deficientes visuais, causa uma barreira quase que intransponível só penetrada por poucos, por não quererem ser rotulados pela sociedade como incapaz, que não presta para nada, ou seja, a mentalidade adquirida ao longo dos séculos. A partir dessa premissa alguns cegos tem a atitude de enfrentar o problema

e se assumir perante a sociedade no seu lugar de deficiente visual, todavia não concordando com a mentalidade empregada aos mesmos. O problema é que só a minoria que tem o empoderamento de lutar contra essa superestrutura danosa a sua imagem como cidadão. Com a desistência da maioria, há o fortalecimento dessa mentalidade. E a educação é um dos meios que possibilitam tamanha ascensão para os sujeitos com deficiência visual de ser independente na vida privada, financeiramente e crescer profissionalmente, adquirindo a respeitabilidade da sociedade preconceituosa. Alguns deficientes visuais ainda acabam aceitando essa mentalidade de tal forma que, achando essa dificuldade por parte dos estabelecimentos educacionais, a proporcionar uma educação mínima, é devido o alto custo para qualificar um PCDS de forma satisfatória.

O Sistema Braille é um código e as outras tecnologias são caras. Devido a essa condição, os deficientes visuais ficam impossibilitados de galgar um futuro diferente do que a sociedade espera com tanto preconceito. As pessoas cegas chegam a acreditar que o estado não tem nada haver com a sua deficiência e acha melhor aceitar esse rótulo dado pela sociedade e mais uma vez, alimenta a mentalidade sobre o mesmo.

Contudo, depois das entrevistas ficou transparente a forma como os PCDS são jogados nos colégios regulares, faculdades sem o menor preparo dos professores em trabalhar com alunos com essas limitações, Eles acabam passando o sujeito com deficiência, na ilusão que está auxiliando o mesmo que posteriormente, quando o mesmo terminar o ensino médio. O deficiente será ferramenta de substituição da mão de obra, mesmo que ele não esteja qualificado, pois faltou material adaptado para que o cidadão tenha uma educação de qualidade. E isso, não acontece só, com deficientes. Percebemos também a mesma atitude com pessoas ditas sadias. Fica evidente, que desde os primeiros períodos históricos a base da economia era baseada na terra e não era interesse de ninguém que estivesse no poder dar educação para todos. Esse privilégio era de poucos indivíduos ricos. A grande maioria do ocidente é, hoje, uma sociedade capitalista e um deficiente com o ensino médio, superior. Já possibilita uma futura economia para o estado na previdência social, já que o PCDS poderá está empregado, reabilitada a sociedade.

Nesta perspectiva, o estado alimenta a velha mentalidade, porque vai dirimir recursos para educação regular e conseqüentemente das escolas especiais. Com

isso, diminui o transporte escolar que é essencial para os deficientes visuais em reabilitação. Assim mais uma vez segregando os alunos com ausência de visão e fortalecendo a velha mentalidade formulada pelo velho testamento.

No Brasil, a partir do século XIX, foram criadas leis para favorecer aos deficientes visuais, só que para exigir os seus direitos, eles precisariam dominar o Sistema Braille, informática ou alguém que pudesse fazer e dar essas instruções para os mesmos, pois já havia no guia legal um resumo das leis referentes ao sujeito com deficiência visual. Esse documento, desde o século XIX esteve disponível em áudio e formato acessível no site da Câmara dos Deputados Federais. No século XXI temos o estatuto da pessoa com deficiência, outro manual de leis aplicadas aos sujeitos com deficiência.

Nota-se que não é por falta de lei que os sujeitos com deficiência visual não gostam de estudar, o principal motivo é o descaso com a falta do material didático necessário para os mesmos e a falta de acessibilidade arquitetônicas dos terrenos dessas instituições de ensino e ruas, além da mentalidade maldosa sobre a pessoa cega. É muito difícil para os sujeitos com ausência de visão andar pelas ruas e exercer seus direitos plenos como cidadão, apesar de tantas leis e preocupações com a pessoa com deficiência, elas não saem do papel. Para tal precisa uma maior fiscalização dos poderes públicos e cobrança dos interessados para que essas leis entrem em vigor indefinidamente no Brasil

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos a necessidade em se ter materiais adaptados para que o deficiente visual possa fazer uma passagem digna e proveitosa durante a sua educação formal, quer seja na educação básica e/ou nas faculdades/universidades. Muitas disciplinas demandam materiais onde imagens e gráficos são apresentados dentro de seus conteúdos. Isso requer que tais materiais sejam adaptados de forma que a pessoa cega possa dar sequência aos seus estudos.

A implantação de rampas, piso tátil, placas com fonte ampliada e em braile entre outras ferramentas de acessibilidade, faz-se necessário para proporcionar uma autonomia melhor para os PCDS. Essas atitudes devem ser empregadas em todas as modalidades de ensino, sendo respeitadas as condições mínimas, certamente haverá melhoria na relação de ensino e aprendizagem; nas relações interpessoais das pessoas com deficiência em relação aos professores, colegas e sociedade em geral.

A contribuição dessa historicidade permite, aos sujeitos com problema de visão, enfrentar e extirpar em dose homeopáticas, a velha mentalidade formulada sobre a pessoa cega, que é alimentada na Bíblia, nos livros do Velho Testamento, e transmitida hereditariamente no subconsciente social das civilizações. Não se fazendo respeitar seus direitos, os deficientes visuais poderão sofrer uma dialética de imagem, status.

Para que, essas ações se concretizem é preciso que o sujeito com deficiência visual conheça as lacunas históricas de seus antepassados e como foi complexo para eles conseguirem o direito à vida. Histórias de extermínio, assassinato, sangue, abandono, caridade e indiferença histórica sobre o mesmo. Assim, sentindo-se orgulhoso e estimulado, dará mais valor por está vivo. Isso fará com que eles deixem de acreditar na mentalidade criada sobre o mesmo, pela sociedade.

Conhecer a sua história possibilita ao PCD desconstruir a mentalidade, não ser silenciado por terceiros e não acreditar na velha superestrutura empregada ao mesmo. Assim, podendo dirimir depressões e não aceitação quando for adquirido a deficiência, é preciso acreditar que não existe nada no mundo que seja tão divino quanto está vivo.

Algumas pessoas que nasceram com o sentido da visão, ao ficar cega afirmam que é melhor morrer do que viver dessa forma ou que é a pior coisa do

mundo ser cega. Pois é uma mentalidade herdada e arcaica da sociedade que indivíduo reproduz através do subconsciente, quando perde a visão.

Acreditamos que trabalhos como esse pode contribuir para o crescimento da autoestima e a ampliação da consciência sobre o que é ser uma pessoa cega, levando-as a sair da sombra de abandono, solidão e se libertarem da velha mentalidade.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, I. M.; SÁ, E. D. Atendimento educacional especializado. Formação continuada à distância de professores para o Atendimento educacional especializado: Deficiência visual. pg. 17. Brasília: 2007.

LIMA, Francisco J. SILVA, Fabiana Tavares os Santos. **Deficiente Ciente** – O Blog da Inclusão e Cidadania. Disponível em:  
<<https://www.deficienteciente.com.br/barreiras-atitudinais-obstaculos-a-pessoa-com-deficiencia-na-escola.html>> Acesso em: 21 de ago. 2017.

RANIER, Gonçalves Sousa. Em Idade Antiga.  
<<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/origem-escrita.htm> > Acesso: 12/04/2018.

SILVA, Otto Marques da A EPOPÉIA IGNORADA--A Pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje. São Paulo: CEDAS, 1987.

VIEIRA, Silvio Santiago. **EDUCAR PARA A DIVERSIDADE**. Blog. 2010.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – ENTREVISTA COM DS

Entrevistador: Willer Bertoldo Lins Sigla: WL

Entrevistado: DS

Data: 02/04/2017 Hora: 16:00

### Questões do banco de dados

WL: Formação educacional?

DS: Segundo grau.

WL: Atividade profissional?

DS: Metalúrgico. Mais, aposentado por invalidez desde que perdi a visão, em agosto de 1983.

WL: A sua deficiência visual foi adquirida ou é congênita?

DS: É parcial: congênita e genético, é retinose pigmentar. “Eu perdi aproximadamente 85% da esquerda e 75% da direita. E eu ainda tenho algum campo de visão.”

WL: Conte algo sobre sua infância, que você tenha percebido que tinha alguma deficiência quando criança?

DS: Não, quando criança eu não tinha. Eu vim perder com 29 anos de idade, já era casado e tinha meus 3 filhos.

WL: Quando você começou a trabalhar?

DS: Ah, eu comecei a trabalhar muito cedo, que eu não quis estudar, quando criança, né? Gostava mais de estripulia, né? De caçar, pescar, fazer carroto na feira e eu cabulava muita aula e com isso, eu nem conclui o ensino primário, mas já com 10 anos eu já trabalhava. Desde os 10 anos se eu quisesse uma cueca era do meu suor, e eu servi o exército. Já no exército, em [19]73-[19]74, eu me inscrevi no Senai fiz o curso de ajustador mecânico, e depois fiz ginásial e fiz nível técnico que eu sou formado e desenhista, projetista em ferramenta.

WL: Então você começou a trabalhar suprir as necessidades básicas, não é?

DS: O meu pai nordestino, a minha mãe espanhola, mas meu pai é daqui de Alagoas, né? E na mente dele se você estuda tudo bem, se você não estuda você é um desocupado. Desocupado tem que trabalhar ou então não vive com ele. Tem que pagar pensão para morar embaixo do teto da casa dele. Então, eu tinha que cortar um doce, mas era o jeito dele. Eu não condeno não, porque a gente não sabe a maneira a qual ele foi criado e educado.

WL: Você trabalhar foi responsabilidade da sua família ou você que sentiu necessidade?

DS: Eu mesmo senti necessidade. Eu comecei a trabalhar por necessidade.

WL: Quando foi a sua experiência profissional? Você já falou não foi?

DS: A minha experiência profissional eu falei de como cheguei, né? É eu comecei quando saí do exército, fui trabalhar na Caterpillar, fábrica de maquinário pesado e tratores, essas coisas assim. E lá eu fiquei como ajudante geral, que eu tinha recém-saído do exército. E foi na primeira metalúrgica que trabalhei, mas trabalhei apenas quatro meses e de lá mais como serviço temporário e eu não quis. Sem registrar, né? Aí eu fui trabalhar

DS comenta que foi guia de cego aos 12 anos até 14 anos de idade. Ele era guia dos próprios tios, que eram da terceira geração. Eu sou da quarta, meus filhos já não são mais afetados.

WL: Além da visão você tem alguma deficiência?

DS: Hoje, tenho né? Mais também por causa da idade.

WL: qual é a sua idade?

DS: 63 anos. 14 de julho de 1954.

WL: Você nasceu aonde?

DS: São Paulo.

WL: Você precisou da sua família para se aceitar como deficiente?

DS: No começo foi difícil, porque a minha mulher não acreditava que eu estava perdendo a visão. Ela achava que era fantasia minha, até que um dia ela trabalhava na creche e levava as três crianças para a creche, os nossos três filhos, né? E ela esqueceu a mamadeira da caçula, que quando eu perdi a visão a caçula tinha um ano e meio apenas, né? E aí eu saí correndo na rua chamando por eles para levar a mamadeirinha, e eu quase atropeli ela porque eu não enxerguei, ela na rua. Aí, foi quando ela caiu em si, que eu realmente não estava enxergando.

WL: Você tinha quantos anos DS?

DS: Eu tinha 29 anos. Toda vez que eu falo, eu me emociono.

WL: Para você DS, como foi a sua visão da Escola de cegos?

DS: Então, eu comecei a fazer foi lá na Fundação Dorina para Cegos, em São Paulo né? Mais eu bebia muito naquela época. Então, eu não fiz nada realmente. Eu vim fazer alguma coisa foi no Cyro Accioly, na escola de cegos Cyro Acciolly, aqui em Maceió, no ano que cheguei pra cá. Quando eu cheguei, foi uma das coisas que eu procurei foi isso, e aí me encaminharam para o Cyro Accioly. Então, comecei a estudar na Cyro Accioly em fevereiro, março começo do ano de 2000 fazendo o curso de informática, o Dosvox. Lá só era Dosvox, e eu fiz alguma adaptação com a professora Josira, que ela tinha, e fiz com uma outra lá Braille . Só acho que as duas

são aposentadas. Só que a de Braille teve uma vez eu fui brincar com ela, me excluiu, porque como eu tenho baixa visão, eu vi ela se arrumando lá, ajeitando o cabelo.

WL: Explique melhor, você foi ter aula de braile, aí você brincou com a professora?

DS: É. Eu enxerguei ela lá no fundo da sala. Eu falei olha a professora se ajeitando toda. E aí ela: Você enxerga daí a aqui? Eu sou baixa visão. Aí ela achou que eu não deveria fazer o Braille. Aí eu não tenho o curso de Braille, só tenho o início. Mas eu vi morar aqui em Maceió no ano de 2000, sozinho. Eu perdi a visão em [19]83 já fazia muito tempo fui me adaptando como você falou mesmo. Mas, porque as circunstâncias da vida, eu vendi uma das minhas propriedades que eu já tinha duas casas próprias lá em São Paulo. Paguei o INPS para me aposentar como autônomo e o restante comprei uma banca de jornal. Eu fui jornalista lá em São Paulo, porque meu irmão era deficiente visual, mais velho que eu, só que ele perdeu aos 22 anos de idade, ele já era jornalista. Então, é uma coisa que eu achei que dava para fazer como deu. Sabe, eu fiquei vários anos em São Paulo como jornalista lá em São Paulo. E eu consegui desenvolver, consegui criar meus filhos com banca de jornal e tudo. Comprei a minha casa própria e tudo, consegui me erguer um pouco com a banca de jornal, já deficiente visual.

WL: E você não teve nenhuma experiência com escola regular já como deficiente?

DS: Não, não em atividade que eu fui evoluindo. Agora, no início era muito ruim, porque eu andava com os meus filhos. E eles não mostravam a possa d água pra mim, lama, essas coisas todas eu caía e tudo. E nos buracos era muito difícil, mas hoje em dia eu enxergo esses buracos. É estranho acho que a gente vai se adaptando, se moldando. Ah! A gente acha que não, mas somos uns verdadeiros camaleões, aqueles bichinhos que muda de cor.

WL: Sei camaleão.

DS: É, hoje na realidade, quando fui estudar na Cyro Accioly, pediram para eu fazer um exame médico com um médico conhecido lá do Salgadinho. Eu fiz e eles tem o laudo do campo da minha visão. E os meus professores lá tudo ficava muito doido comigo, porque eu sou o único deficiente visual que anda de bicicleta em Maceió e ando bem como você mesmo comentou.

WL: E para você qual seria um modelo perfeito de escola especial?

DS: Eu acho que a Cyro Accioly é muito deficitária sabe. Acho que, porque o exercício da profissão de professor para mim, é como se fosse um sacerdote sabe? As pessoas não poderiam ver a profissão de professor para ganhar dinheiro. Elas tinham que ver na grandeza do ato de ensinar, que é muito nobre. É deficitário em condições financeiras, porque os aparelhos são só para o início, né? Por exemplo: você tem lá o curso de informática, que só se dá o Dosvox, só se dá o início ele não entra no Windows e mais nada, né? E Isso faz com que você lá fora vai ter que se virar, né? Eu acho que neste aspecto o Cyro Accioly deve muito.

WL: Você já percebeu alguma visão preconceituosa ou discriminação em relação ao deficiente visual?

DS: Olha! Eu nunca senti isso, porque até eu, às vezes, esqueço que não enxergo, sabe? Porque, eu faço tudo normalmente. Eu não uso bengala ando normalmente, né?

Você vê que eu ando de bicicleta, né? Então, só quando eu falo para as pessoas que sou deficiente visual é que eles ficam sabendo e, que eles ficam assustados, porque a minha vista é limpinha, né? Aí, eu nunca senti discriminação por isso. Agora quando eu falo vem logo aquele: olha coitadinho! Não sei o quê, né? Sorriu. Mas, eu não aparento ser deficiente visual. Agora quando é para ler, para fazer alguma coisa, só com letras garrafais e eu tenho as minhas limitações, só que com o tempo a gente vai evoluindo. Como eu disse, nós somos uns verdadeiros camaleões. A gente vai desenvolvendo técnicas se adaptando, e criando e se transformando. Eu não sou aquele deficiente visual de quando perdi a visão. Eu evolui muito, mais muito mesmo. Hoje eu tenho uma qualidade de vida muito boa. Como eu disse: às vezes eu esqueço que não enxergo.

WL: Você já sentiu preconceito na sala de aula?

DS: É como eu disse né? Às vezes, os professores usam a profissão como um meio de vida né? Eles não usam como um sacerdote. E isso faz com que as pessoas quando estão exercendo um determinado posto, se acham uma autoridade né? Eu uma vez cheguei no Cyro Aciolly logo na porta, ali do lado de dentro tem uma arvorezinha lá que a turma fica ali né? Então, eu sem camisa, estava com a camiseta na bolsa né? Eu tirei a camiseta e fiquei me abanando um pouquinho, para aliviar o suor, para poder vesti-la. Mas, veio uma professora lá de dentro, não sei nem se ela era professora, era uma funcionária né? Me pregou um monte de sermão, cresceu que só pra cima de mim. Aí, eu tive que colocar ela no lugar dela né? Eu já com quase 50 anos de idade, porra! Será que eu não sei o que eu estou fazendo? Eu não tinha entrado na escola, eu estava lá fora, né? Eu só estava debaixo da árvore me abanando um pouquinho para poder vestir a camisa, né? Mas aí, eu enquadrei ela, coloquei ela no lugar dela e ela percebeu aonde ela se encontrava né? Aí eu me coloquei numa postura de superior a ela, né? Aí ela se enquadrou e ficou quieta, calou. Então, tem coisas que é assim que acontece, né? Por exemplo, eu fui muito aluno do professor Roberto, mais com o tempo a gente vai percebendo que sem querer ou querendo, sei lá como é que é, se acha na qualidade de superior aos alunos. Porque acha que aluno é inferior. E não é bem por aí, né? Quando a gente se coloca de nível de igualdade, a gente acha que tem muito mais para aprender e para ensinar.

WL: Qual foi a sua maior dificuldade nos estudos?

DS: É como eu disse quando criança não quis saber de estudar, né?

WL: Não, digo agora você baixa visão?

DS: Com a baixa visão eu não tive dificuldade não, porque eu fui mais só para mexer no computador, né? Logo eu comprei, em 2000 eu não pude comprar computador, aí depois eu fui fazer, fiz com o Gino. Lembra do falecido Gino? Aí eu fiz curso com o Gino, mas aí eu comprei um computador. Inclusive, quem passou a configuração do meu computador foi o Gino. E ele também, era Psicólogo, né? Também tive algumas seções com ele como Psicólogo, por causa de uma atividade que eu tenho na minha vida particular, né?

WL: O que você faz para vencer essas dificuldades nos estudos?

DS: E hoje a gente tem acesso a celular né? Hoje, o celular é um verdadeiro computador né? O celular tem tudo hoje, esses iphone.

WL: Você tem mais alguém na sua família com problema visual?

DS: Como eu disse o meu irmão mais velho. Ele é 7 anos mais velho que eu, e ele perdeu com 22 anos de idade. Eu tinha uns 15 anos quando ele perdeu a visão. E eu vim perder a visão com 29 anos de idade, né? Quer dizer eu enxerguei 7 anos a mais que ele.

WL: Mas assim o DS é baixa visão, ele não é total para ficar claro.

DS: Meu irmão também é baixa visão, e também, é metalúrgico. Ele se aposentou, ele era torneiro mecânico.

WL: Você consegue algum material adaptado aqui em Maceió? E continuando com o questionário DS, eu acho que você nem precisa de tanto material adaptado, né? Você não precisa, na verdade eu acho que só livros em áudio.

DS: É, só os livros em áudio. E tem o seguinte, eu tenho muito livros em casa de literatura, mas eu não leio, né? Eu só, Embora eu também tenha cds. Aí o cd é bom que eu ouço, mas quando eu preciso de alguma coisa, minha companheira é que lê pra mim. Algum trecho que eu preciso.

WL: O DS não utiliza bengala, só utiliza telefone, computador, como ele falou. Que aqui pergunta. Também não se aplica a ele. Quando você cita dizendo assim, você não aparenta ser deficiente visual, mas quando você confirma para uma pessoa. Que a sua realidade, você é um baixa visão, que você sofre de uma deficiência visual. Aí você falou que o povo fica com aquele sentimento de pena que você fez: bichinho, coitadinho. O que você acharia que deveria ser feito pra acabar com essa imagem da sociedade que o deficiente é um bichinho, coitadinho? Ou se você se acha?

DS: É, coitadinho. Sorriu. Eu não me acho, inclusive eu falo: coitadinho eu seria se fosse, eu fosse deficiente mental, mas a minha mente é igual a sua. Eu penso, raciocínio, eu falo, eu ajo, tenho as minhas ações de cidadão. Então, eu não me acho inferior a você e nem acho que você seja inferior a mim só, porque você tenha um campo visual maior do que o meu, com isso eu tenho a audição melhor, o tato

melhor, o paladar melhor. É que a gente desenvolve. A gente perde um dos sentidos e os outros são mais aguçados. Então, eu acho que minha qualidade de vida ela é fantástica. Agora em relação à visão, é que faz muito tempo que eu já perdi, que quando eu realmente perdi a visão. Eu tive muita dificuldade eu não conseguia andar sozinho sabe? E hoje não. Eu viajo sozinho, vou para vários lugares, conheço todas as capitais da região nordeste. Conheço Minas, Rio, né? São Paulo, Paraná. E hoje, eu vou para todo lugar sozinho. Naquela época eu não conseguia ir nem pegar o ônibus.

WL: Mas você acha que tem alguma coisa que você possa fazer para acabar com essa imagem de bichinho, coitadinho?

DS: Tem é muito importante, mas teria que educar as crianças de todos os níveis sabe? Desde à pré-escola, mostrar que tem que haver inclusão de todos, que não é só, do deficiente visual, deficiente físico. Nós temos várias esferas mentais como mongoloide de vários níveis. Então, são todos seres humanos. Então, se a gente conseguir educar ter um projeto de educação que haja a maior inclusão de todos seria fantástico.

WL: Você conhece a bengala verde?

DS: não conheço.

WL: Então, explico para ele o que é a bengala verde. Aí no caso, eu acabo aqui a entrevista. Agradeço a você DS, e foi um prazer ter você como meu primeiro entrevistado. Sorriram ambos.

DS: Em relação a bengala, eu quando comecei a fazer o Cyro Accioly no ano 2000 já tinha dois tipos de bengalas; tinha a bengala de ponta preta que era para cego e para baixa visão a vermelha. Então, já tinha isso. Agora com uma qualidade superior, né? E eu tenho uma bengala, mas não uso. A minha é de ponta preta que eu adquiri naquela época de 2000. Eu não a uso.

WL: Ok. DS.

DS: Obrigado Willians.

WL: Nada, aqui encerro a entrevista.

## APÊNDICE B – ENTREVISTA COM SS

Entrevistador: Willer Bertoldo Lins Sigla: WL

Entrevistado: SS

Data: 6 de maio de 2017 Hora: 14:00 h

### Questões do banco de dados

WL: Quando e onde nasceu?

SS: Eu nasci em Porto Calvo Alagoas. Dia 30 de dezembro de 1981.

WL: Formação educacional?

SS: Ensino superior incompleto.

WL: Você é deficiente visual?

SS: Sim, sou deficiente visual. Eu tenho, mas sou baixa visão. Eu enxergo 5% do olho esquerdo e 30% do olho direito.

WL: Qual foi o motivo da sua doença se ela foi hereditária ou adquirida?

E o nome da sua doença?

SS: Bom, eu já nasci com ela foi congênita, foi má formação. Desde quando eu estava no útero da minha mãe. E através dos médicos uma luta danada para chegar essa conclusão, eles disseram que eu tenho síndrome de Peters.

WL: Seus olhos, fisicamente, aparentam ser normais ou eles tem alguma anomalia ou eles são anormais e pronto?

SS: Eles são diferentes, eles tem a córnea menor e é ao redor, o globo ocular é bastante claro, meio acinzentado .

WL: Mais você enxerga e se locomove bem sem o uso da bengala, não é isso?

SS: Sim, eu me locomovo bem sem o uso da bengala.

WL: Você já ouviu falar da bengala verde?

SS: Não.

WL: Você acha que precisa usar bengala?

SS: Sim eu acho, até porque, por questão de identificação e em relações aos desníveis nas ruas, que isso nos atrapalha muito principalmente a noite eu sinto essa necessidade. Eu estou com um plano de comprar, a minha bengala sim, para usar e ser mais respeitada em relação a isso, a minha deficiência.

WL: Por que você não usa bengala na atualidade?

SS: Comodismo na verdade e por enxergar ainda, e achar que não precise. Eu fui empurrando com a barriga. Eu tinha uma bengala, tinha um amigo que precisou eu dei e não comprei mais.

WL: Ok. Como foi que você fazia no ensino regular, superior para acompanhar as outras pessoas que enxergam?

SS: Bom, no ensino regular eu não tinha nenhum método. Assim, em relação a tecnologia para me auxiliar, então foi bastante difícil. Os únicos recursos que eu usava nos anos iniciais do meu ensino regular era a prova oral com os meus professores e auxílios com os meus amigos, né? E às vezes, eu ia, também, pegar reforço na escola de cegos. Eu pegava o caderno com os meninos e tinha uns assuntos, como eu não enxergava a letra, chegava lá para eles transcreverem os assuntos para mim. Aí, eu ficava rodando a escola inteira pra vê se conseguia alguém que transcrevesse e nem sempre eu conseguia. E assim eu fui driblando essas dificuldades.

WL: Quando você fala transcrever, você quer dizer assim, eles ditarem e você escrever com a pauta maior?

SS: Sim. Para eles ditarem e eu escrever com a pauta maior para poder ter acesso ao assunto. Só que nem sempre tinha alguém da minha família para ajudar, então eu ia para a Cyro, porque era o papel deles me auxiliar. Mas, só que nem sempre tinha alguém. Assim, eles não tinham uma pessoa específica para se responsabilizar por esse cargo, e na maioria das vezes eu não conseguia êxito algum.

WL: OK. E no ensino superior como é que você faz agora?

SS: Bem, no ensino superior a coisa melhorou porque eu tenho computador com o leitor de tela e tenho o celular também com o leitor de tela que me auxilia muito nas pesquisas, e também peço para um amigo meu acessar o SIA para que eu possa pegar os assuntos através do sistema da faculdade. Mas é como eu estava comentando com esse meu amigo um dia desses, que a gente roda, roda, e os anos vão passando e a gente esbarra com as mesmas dificuldades que é a falta de material adaptado.

WL: OK. E agora qual a sua visão sobre o ensino da escola de cegos, especial aqui de Alagoas?

SS: Péssimo. Era melhor mais agora está cada vez pior, no meu ponto de vista, porque, em relação às dificuldades que já passei e amigas minhas também já passaram. É a mesma coisa, tipo: o deficiente está no ensino regular e precisa de reforço e não tem o reforço. Vamos supor: a gente pega um livro, eu estou no ensino regular e pego um livro de ciência, geografia o que seja, precisa de mapas adaptados alguma coisa, aí chego lá no núcleo de apoio e deixo lá. E não tem

nenhuma pessoa específica para realizar esse processo. Olha, fulano tal data, eu venho pegar e eles nem protocolam e nem nada. Aí eu chego na escola regular, aí meu professor de Geografia diz: SS já está com o assunto em mãos? Eu não. Aí eu fico tipo, vou lá ninguém me dá uma resposta. Aí vou na escola, o que o professor vai achar de mim? Poxa! que aluna preguiçosa, né? Então, poxa! Isso é complicado. Muito complicado e eu me deparei muito com isso. E nossa! cheguei ao ponto de pagar alguém para fazer um trabalho para mim, em relação a isso, para não ficar prejudicada. Mais na maioria das vezes eu me sentia lesada em relação ao meu aprendizado.

WL: Ok, Como você começou a sua vida escolar?

SS: Bom, eu comecei no Baltazar de Mendonça através do método Braille, porque antigamente Willer, não sei se você sabe, os professores iam à casa dos deficientes visuais para poder recolher os alunos pra estudar, conversar com os familiares . Eles tinham um diálogo, eles conversavam sobre as coisas que os alunos poderiam aprender. Além dele ser deficiente, ele não estava incluso da sociedade, entendeu? Então, a família deixava e o aluno ia estudar, e comigo aconteceu a mesma coisa. Eu tinha 14 anos, só que eu fui a culpada, que eu não aceitava o Braille. Na minha adolescência percebi que tinha algo diferente comigo, né? Porque eu não estudava igual as minhas amigas. Então o que aconteceu, aí eu fui estudar através do braille, chegando lá eu não aceitei. Aí foi quando a escola de cegos entrou na minha vida, eu fui pra lá, para mim era um sonho. Nossa! Eu queria muito entrar ali naquela escola e estudar, porque eu pensava: tem pessoas capacitadas ali, vou, vai ser melhor. Minha mãe não queria deixar, eu conheci amigos de lá, eles me deram força e eu fugi de casa e fiz a minha matrícula lá e consegui estudar na escola de cegos até o quarto ano. Até aí era maravilhoso, eu era aluna de lá, eu estudava lá, eu não percebia nenhuma rejeição. Aí quando eu fui para escola regular o bicho começou a pegar, né? Os professores não davam atenção. Tinha professor de reforço de Português, ele não dava, ele ia conversar na sala dos professores e não dava aula. Isso deixa o aluno meio é, como eu vou te dizer: deixa o aluno acreditando que ele não é capaz, entendeu? Porque ninguém é nada sozinho. Então, a escola de cegos está ali para cumprir o papel dela, o qual ela não cumpri, entendeu?

WL: Entendi.

SS: Para você ter uma ideia, hoje era para ter um professor de informática para ensinar aos alunos. Não tem professor capacitado para ensinar.

WL: Ok. Você já trabalhou?

SS: Sim. Eu já trabalhei na Pestalozzi como recepcionista e na academia SESI também, como recepcionista, Mas o meu primeiro trabalho foi em uma pequena lanchonete auxiliando a mexer molho, lavar louça essas coisas.

WL: No caso para você praticar essas tarefas, você utilizava algum material, adaptado ou ferramenta de acessibilidade? No seu caso se você precisava, porque você é baixa visão.

SS: Bom, por ser baixa visão eu não necessitava nesta época, para executar as tarefas mais simples. Eu não precisava de nada adaptado não. Só reconhecer o lugar direitinho, né? E enfim, e executar as tarefas até porque eu já fazia na minha casa. Na lanchonete, eu me refiro tá? Mas na Pestalozzi eu já precisava das letras ampliadas, porque eu ficava responsável de entregar os exames de eletrocardiograma, de eletroencefalograma. Eu ficava incumbida de ah! ligar para as pessoas, informar as consultas que estavam abertas. Então, eu precisava de uma letra mais ampliada, agora já. E eu tinha esse auxílio lá que as meninas faziam para mim. Já no SESI, eu ia usar o computador, tudo direitinho que eu ia ficar na área da saúde marcando consultas, só, que isso não foi possível porque o leitor de tela deu conflito com o sistema do SESI, e eu fiquei na academia, dando outras informações.

WL: Ok! O ano que você trabalhou, que você começou a utilizar leitor de tela que foi no SESI, foi quando, o ano você lembra?

SS: Em 2014, mas eu já tinha computador em casa desde 2010.

WL: Ok! Você, o que faz para adquirir essas ferramentas como: leitor de tela, de celular que você utiliza no seu trabalho? O que você faz para conseguir?

SS: Bom, como eu antes de 2010, eu não tinha muita, só tinha o celular acessível, mas não tinha computador não tinha nada, eu ficava ouvindo os meninos falarem. Eu participo de grupo que amigos meus, do Rio de São Paulo, que postam lá, informam a gente. A partir de quando eu comprei o meu computador aí eu conhecia pessoas em Maceió que participavam dessas listas de informática, e eles me davam leitor de telas que é o NVDA, que é gratuito e leitores de telas para celulares também. Então, isso me auxiliou muito.

WL: É, Você já sentiu preconceito da sociedade por ser deficiente visual.

SS: Sim, na sociedade e no dia a dia, a gente sente direto. Quando eu ando sozinha, as pessoas parecem que tem um pouco de receio de se aproximarem de mim, sei lá! Mais eu me aproximo, porque por eu enxergar pouco e por ter uma visão reduzida, eu preciso de alguém que leia o ônibus para mim. Então eu vou até a pessoa, e pergunto. Uns às vezes dizem que não, mas na maioria das vezes graças a Deus, eles leem para mim e falam. E agora tem o CittaMobi, que facilita muito a vida da gente. Então, aí, no dia a dia, eu sempre saio sozinha. Mas, na maioria das vezes, é, na maioria das vezes não. Eu também saio com a minha família. Então, quando eu saio com pessoas da minha família, as pessoas vão até, que é isso que eu não gosto das pessoas nas ruas, é me veem. Às vezes, eu fico sem os óculos e a minha deficiência, né? Eu aparento de cara ser deficiente. Então, as pessoas falam: Nossa! O que aconteceu com ela? E a minha mãe diz: não, mais ela enxerga, ela estuda, ela tem uma vida normal. “Ela tem uma vida normal?” Minha mãe diz: sim. Aí ela diz: misericórdia! Eu já ouvi diversas vezes, “misericórdia meu Deus! A senhora deixa ela andar sozinha? Ave Maria! É melhor morrer do que ficar cego.” Aí a minha

mãe ficou meio triste. Se a minha mãe, que estava comigo, ficou triste imagine eu. As pessoas falam que muitas vezes eu já ouvi, que preferem morrer do que ser cego. Aí eu fico pensando: “meu Deus! eu sou a pior pessoa do mundo.” O meu psicológico fica muito abalado. Então, isso não é bom. Você às vezes sai de casa bem e na rua sofre preconceito desse, te põe para baixo de um jeito que se você não tiver um psicológico mais ou menos forte, você fica muito mal.

WL: Na escola você já sentiu preconceito no ensino regular, faculdade ou escola especial?

SS: Sim, sim, sim. No ensino superior não muito, mas no ensino regular quase ninguém quer fazer trabalho com você, porque acha que você é burro. Desculpa a palavra Willer, mas é isso. A maioria das pessoas não acham que você é cego, é burro. E não existe ninguém burro, mas pra ele poxa! Não enxerga, não vê nada é burro. Ninguém quer fazer trabalho com você e ninguém quer interagir com você. Tá, que depende muito da gente, né? A gente se abrir para eles, também não é só eles com a gente, há uma interação aí de ambos, há uma troca, mas na maioria das vezes, são assim eles não querem. Às vezes, por mais que te conheçam, elas não querem, porque elas acham que você não é capaz. Você tem que provar que é capaz o tempo todo. Seja na escola, trabalho, seja até na tua casa, no dia a dia com a tua família, você sofre preconceito. Então, isso vira uma coisa corriqueira na vida do deficiente visual.

WL: No caso do ensino superior você não percebeu isso?

SS: Percebi isso, só com uma frequência menor. Não sei se, porque a maioria deles é adulto enfim. Mas eu não percebi tanto, mais no ensino médio.

WL: Na escola especial também não? Você não sentiu preconceito e nem discriminação?

SS: Na escola especial, eu senti discriminação, porque tem professores que passam por mim me conhece desde que estou lá, e não falam comigo. Tá, é como se eu fosse um lixo. E também, nas maioria das vezes, eu que sou baixa visão, sentia essa dificuldade porque assim, como é que uma escola de cegos é, é... como é que uma escola de cegos age dessa forma, tipo os motoristas das vans colocam bem no meio do corredor, para que o aluno possa tropeçar. Eu não tropecei, porque tenho um resíduo visual e quem não tem? Então, eu acho isso um absurdo. Então, eu acho que isso é uma forma de preconceito também.

WL: Que atrapalha o caminho eu já passei por isso. Aí a pessoa acaba se chocando contra a Van, né?

SS: Porque a van é grande ela toma a maioria do corredor.

WL: É da entrada.

SS: Dá entrada da escola todinha.

WL: Para você um modelo de escola especial, desculpa! E pra você, qual seria um modelo perfeito de escola especial?

SS: Modelo perfeito da escola especial: querer, gostar de fazer o que faz. Fazer o possível e o impossível para tentar integrar aquele aluno na sociedade, capacitarmos realmente. Que é, eu não vejo na escola de cegos. Tipo assim, cada um tendo a sua função e exercendo-a plenamente, né? O que eu vejo ali é uma mistura. Professores dão aula do que não estão capacitados, dão reforços de matérias que não dominam. Eu acho que isso não está muito certo, não está correto. Acho que primeiramente, é o amor ao deficiente realmente e não, você está ali por, por trabalhar menos, por indicação de fulaninho. Ou seja, a escola de cego para mim, ao meu ver, é um cabide de emprego. Aí você me pergunta, por que você diz isso? É o que eu vejo. Eu já passei por isso no começo do ensino superior que eu levei uma cartilha, e um livro pra o professor "X" scanear, me desculpa o nome (o nome foi reduzido a uma letra, por questões éticas), mas ele não scaneou o meu livro e ficou 3 meses afastado da escola por dor de barriga. Como é que alguém fica afastado do colégio por dor de barriga? Então, eu digo cadê o amor desse professor para ensinar aos alunos a dedicação? Então, é isso que eu vejo. Falta amor, dedicação de profissionalismo, entendeu?

WL: E neste tempo, ele também estava dando aula para o ENEM. Aula preparatória para o ENEM me lembro que eu fui gravar a aula. Inclusive, para você que você estava trabalhando e o Claudevan, que agora é universitário da UFAL, participou dessas aulas e outro aluno Sérgio. E eles são provas que a justificativa foi que o cara estava com dor de barriga por três meses. A gente para não arrumar confusão, a gente deixou para lá, até porque a gente sabe que ele tem a costas quente, protegidas. Porque ele na escola, e lá é como é, aquele ponto antigo você pode faltar o mês todinho e o cara vai só uma vez e assina como estivesse comparecido nestes outros dias que ele faltou.

SS: Tem a frequência atualizada.

WL: É.

SS: Verdade.

WL: Verdade. No máximo eles levam uma, duas ou até três faltas.

SS: A gente só pode expor isso nas reuniões que tinha, e os professores diziam que a gente estava mentindo. Nós éramos desmentindo o tempo todo. Não, isso não aconteceu! Isso não é verdade. É outra falha da escola.

WL: Vamos deixar esse assunto para lá. Mudando de assunto, e o modelo para o ensino regular e superior?

SS: Bom, eles estão intrinsicamente ligados, só muda o nível. Eu acho que um precisa o outro, precisa também, precisa sendo fundamental, superior, né? médio. Então, a gente bate na mesma tecla que eu acho Willer que tinha que ter, no exemplo: no ensino superior no qual eu estou. Os meus amigos precisam de um livro da biblioteca e tem. Tem o livro físico ali e eu nem tenho os livros em fonte ampliada e nem digitalizado. Se eu quiser, tenho que pedir para alguém scanear. Então é o

que eu digo: a gente anda, anda e sempre se depara com a mesma situação. Há falta de material adaptado. Então, para ser modelo mais ou menos igualitário que me deixasse no mesmo nível que um vidente, vamos supor, vidente é a pessoa que enxerga, tinha que ter biblioteca, ter livro adaptado, computador adaptados para mim, que lá a gente já tem, graças a Deus. Mas tem essa falha, material adaptado, não tem. Ah! que eu queria muito que tivesse nas faculdades um núcleo de apoio pro deficiente. Um Núcleo para ele, que disponibilizasse materiais adaptados pra ele. Que mais meu Deus? Que necessitaria que, necessitaria ter é... isso mesmo! Material adaptado para que ele pudesse executar as tarefas sem precisar muito de alguém.

WL: E infraestrutura, parte física da escola da faculdade?

SS: A acessibilidade da Estácio é ótima, a gente tem a rampa. A gente tem o elevador, a gente tem o piso tátil, a gente tem as portas numeradas com letras ampliadas e em auto relevo em Braille. Então, no bloco mais novo eles se preocuparam mais com essa infraestrutura toda. As portas colocaram maior mais largas, porque lá também tem deficiente físico, de cadeira de rodas, tem outro que usa muleta e tem eu. Então, eles se preocupam muito em relação a isso. Eles só não se preocupam com material adaptado e o núcleo de apoio que tinha que ter. E, olhe Willer, que lá tem professores que trabalham na educação inclusiva (*os nomes dos professores foram citados, mas por questões éticas foram suprimidos aqui*).

WL: Pelo que eu entendi você não encontra esses materiais adaptados como bengala, leitor de tela. Você não encontra aqui em Maceió?

SS: Aqui em Maceió não, não. Se a gente quiser, tem que comprar em São Paulo, Rio em Recife, em Maceió infelizmente não.

WL: No caso através da internet, telefone essas coisas?

SS: Eu falo neste sentido da bengala, o que mais você falou?

WL: É, bengala, leitores de telas, essas coisas assim.

SS: Esses não. Esses a gente não encontra. Os únicos materiais adaptados que encontramos são os celulares que a gente já compra, que já vem do próprio sistema mesmo nas lojas, e que a gente pode comprar nas lojas físicas de Maceió mesmo. E, tem uma Secretaria Estadual que nos fornecem livros adaptados. Que tem um acervo atualizado ir lá e ler em letras ampliadas, Braille.

WL: Você encontrava livros com a fonte ampliada na escola de Cegos?

SS: Não, não, encontrava livros em tamanho normais. Livros de Matemática, Português e em Braille. Eles não se preocupam com o baixa visão. É um ponto que que eu senti, a Cyro Acciolly deve muito aos alunos que tem baixa visão. Por isso, eu dizia: Meu Deus, eu prefiro logo ser cega do que ser baixa visão, porque pelo menos eu tinha alguma coisa para ler, porque o deficiente visual sendo baixa visão parece que para nós não tem muito material adaptado para a gente. Parece não, não tem.

WL: Só neste lugar que você encontra?

SS: Só na Secretaria que eu encontro. Lá na escola de cegos, não encontro. Tem os livros infantis que vem tanto em braille como em letras ampliadas, mas é livros infantis e são pouquíssimos.

WL: Lembro sim desses livros e são curtíssimos.

SS: Curtíssimos.

WL: É, na sua visão você falou de preconceito, discriminação. Para você o que poderia ser feito para acabar ou diminuir esse preconceito da sociedade?

SS: Bom, é porque essa visão da sociedade já está enraizada. Ela já é de muito tempo, que o cego é burro, que o cego não presta para nada, que o cego não é capaz de nada e até a própria família. Por que você acha que a família esconde os deficientes visuais dentro de casa? Porque eles acham que os deficientes visuais não são capazes. Eles não acreditam neles. Então, a gente tem que se unir mais, a gente tem que se mostrar mais, temos que ocupar mais cargos na sociedade para quebrar esse tabu mesmo, já passou da hora de quebrar esse tabu e a gente se mostra nas ruas, mas não somos muitos. A gente tem que ser mais. Temos que sair mais, tem que se mostrar mais para que elas convivam mais conosco, e aos poucos a gente ir quebrando esse preconceito. É isso que eu acho.

WL: E por v acha que são poucos?

SS: Porque a maioria dos deficientes visuais fica presos dentro de casa e não saem, as famílias aprisionam e deixam ele lá, pegam o dinheiro dele para usar em outras coisas e não deixam o deficiente crescer e, às vezes, o próprio deficiente visual não quer crescer. Como tem um rapaz ali no comércio, fica pedindo dinheiro tocando pandeiro e pedindo dinheiro. E isso então, já denigre a nossa imagem, ao meu ver. Então, eu acho que por isso vai prolongando essa visão arcaica da sociedade em relação a gente. Que a gente não é capaz de nada, a gente é bichinho, coitadinho. Ou seja, até quando a gente pede para atravessar, na maneira de auxiliar a gente eles não sabem e acham que somos, porque não convivem conosco. Eu acho que isso iria ajudar um bocado, quebrar com o preconceito totalmente não. Eu acho que não, mas acho que ajudaria sim isto.

WL: Mais alguma coisa SS que você deseje acrescentar sobre o assunto?

SS: Não, não Willer, não. Eu acho que falei tudo. Com certeza, no calor da entrevista a gente não lembra de muita coisa e acha que falou tudo, mas com certeza ficou alguma coisa para eu falar, mas agora não me recordo.

WL: Ok. Então, estou encerrando a entrevista e agradecendo a SS, por ter passado esse relato.

SS: Eu que agradeço Willer. Por participar do seu TCC.

WL: Obrigado e aqui eu encerro a entrevista.

**APÊNDICE C – ENTREVISTA COM SM.S**

Entrevistador Willer Bertoldo Lins Sigla: WL

Entrevistada: SM.S

Data: 27/05/2017

Boa tarde! Estou aqui entrevistando SM.S deficiente visual e ela vai relatar um pouco sobre a sua vida como deficiente visual.

Questões do banco de dados

WL: Quando e onde nasceu?

SM.S: Eu nasci em penedo no ano de 1967. e em 31 do sete de 1967 em Penedo Alagoas.

WL: Qual a tua idade?

SM.S: 50 anos.

WL: Formação educacional?

SM.S: Tenho o segundo, o nível médio completo.

WL: Atividade profissional?

SM.S: Hoje em dia eu sou funcionária de apoio em um órgão administrativo do município de Maceió/ Alagoas.

WL: Você é deficiente visual?

SM.S: Sim.

WL: Qual foi a causa da deficiência?

SM.S: Já nasci com glaucoma, foi congênita.

WL: Conte algo da sua infância que você se percebeu diferente das outras crianças?

SM.S: Olha quando eu nasci, assim, eu já enxergava mal. No caso, eu era subnormal assim que chamava. Eu enxergava pelo olho esquerdo só, não para longe só pra perto. Então, não me sentia tão diferente, porque eu ainda brincava, né? Tive algumas colegas que brincavam comigo aqui em Maceió, aí não me sentia tão diferente não, é que eu ainda enxergava um pouco.

WL: Mais isso foi com qual idade? Você foi baixa visão até que idade?

SM.S: Até os 21 anos.

WL: Por que você começou a trabalhar?

SM.S: Eu comecei a trabalhar aos 15 anos de idade, que foi através da Escola Cyro Accioly, né? Que era escola de cegos. aí na época a diretora conseguiu para mim, que foi na empresa Centro Metalúrgico . No caso, eu era telefonista e recepcionista.

WL: Essa foi a sua primeira experiência profissional?

SM.S: Foi, atualmente eu trabalho numa escola do município de Maceió, Alagoas, é... José Bandeira.

WL: Os instrumentos que você utiliza para exercer a sua profissão?

SM.S: Hoje eu confesso que não faço nada. E não faço nada mais não tenho culpa certo? Infelizmente, é culpa do órgão público, porque lá computador praticamente não funciona não tem programa de voz isso seria muito bom para mim. Então, a diretora já tentou, já tentou tanto para conseguir e até agora nada. Então, infelizmente eu não tenho culpa e é órgão público.

WL: Como você pode adquirir esses instrumentos que proporcione a sua inclusão?

SM.S: Como eu posso adquirir isso é como eu disse: através do órgão público. Como eu disse a diretora vem tentando. Que a secretaria municipal SEMED.

A diretora vem tentando justamente, e eles ficam dizendo que vai conseguir e até agora nada. que primeiro tem que ter o computador novo que o de lá é antigo. Tem que ter o programa de voz, que também , até agora nada. E a declaração mesma .as minhas colegas fazem a mão. Escrevem a mão ainda as declarações. Então, isso depende muito do órgão público da força de vontade deles.

WL: Você usa bengala?

SM.S: Sim.

WL: Você conhece a bengala verde?

SM.S: Não. Nunca vi falar.

WL: Você já sentiu algum preconceito ou discriminação na sociedade?

SM.S: Há já e muito. Por exemplo: quando eu saio nas ruas até hoje, né? Aí as pessoas mesmo quando me vêm andando sozinha nas ruas, aí ficam: oh! porque deixam você andar sozinha; ficam: oh, bichinha! A bichinha anda sozinha, pois se fosse comigo eu não deixava. Só que aí, ninguém sabe se tivesse no lugar da pessoa, aí me chamam de ceguinha. Essas coisas eu fico assim, não gosto.

WL: Você estudou, né? Terminou o ensino médio?

SM.S: Foi.

WL: Qual o método que você utilizava na escola para acompanhar as pessoas que enxergam?

SM.S: Olha, que na época eu enxergava, terminei ainda o ensino médio enxergando. Então, o método era: escrevia normal como as pessoas que enxergam. Só, que enxergava bem de perto, pelo quadro não. Os meus amigos que ditavam pra mim.

WL: Você encontrava material adaptado quando era baixa visão?

SM.S: Não, não eu escrevia no caderno normal. Certo. E dava até para enxergar na época as linhas separadinhas no caderno, só, que como eu falei, tinha que ser bem de pertinho.

WL: Você tem mais algum problema além da deficiência visual?

SM.S: Não.

WL: Você precisou da escola ou de especialista na área para se aceitar como pessoa com deficiência?

SS: Eu iniciei na escola de cegos foi do início. A primeira escola que eu estudei.

WL: Mas eu estou falando assim. Você se aceita como pessoa com deficiência?

SM.S: Eu me aceito.eu não me sinto diferente e como antes eu enxergava. Então, não me sentia tão indiferente. O único problema que eu acho em mim é a timidez, eu sou muito tímida. Mas com a minha deficiência não, eu não tenho preconceito.

WL: Qual o papel da sua família na sua reabilitação? Nos seus estudos?

SM.S: Bom no meus estudos o papel da minha família, né? Foi assim, me deram muita força para ir para escola de cegos Cyro Accioly foi a primeira escola que estudei. No caso foi o meu pai né? e até mesmo a minha mãe. Agora, assim mais o meu pai que me deu força. E como eu falei, eu enxergava aí fui para Cyro Acioly.

WL Qual o papel dos professores no seu desenvolvimento como aluna, como cidadã e o que você esperava deles e o que poderia ser feito para melhorara sua educação? Tanto no ensino médio e especial.

SM.S: Olha na especial, na Cyro Acioly, é, realmente foi ótimo. Agora quando eu fui para o ensino regular, não tenho o que dizer da escola regular teve ajuda dos professores dos alunos. Só, que faltou na escola especial foi o apoio que não me deram, porque eu precisava de reforço e nunca teve, entende? Principalmente na disciplina da matemática, que eu tive muita dificuldade. Que os professores, né? Que os professores estão ali explicando no quadro e copiando e eu não tinha como,. meus colegas ditavam para mim . Os cálculos eu copiava e não estava entendendo, eu tive a maior dificuldade na Matemática. Confesso, até hoje, não sou boa na Matemática. Aí precisava muito desse apoio da Cyro Accioly e faltou para mim este apoio, a escola especial não me deu. Precisava muito de reforço e não tive.

WL Você já pensou em um modelo especial para uma escola para os deficientes visuais, tanto na escola especial quanto a regular?

SM.S: Olha, hoje em dia na escola especial.eu acho que precisa muito de reforço ao aluno que está no ensino regular. Que hoje nem tem, mas antes tinha mais nem era para todos. Como eu mesmo não tive, mais precisa muito. Certo disso, aí para o aluno principalmente na escola regular, encontra muita dificuldade. Então, a escola especial precisa dar apoio ao aluno. E na mobilidade também, um pouco mais, certo?

WL: Você já sentiu preconceito no ensino regular ou especial?

SM.S: Na escola especial não, no caso. Na escola regular não da turma não sentia, às vezes, os de fora que vinham colocavam o pé para poder eu cair, me derrubar, estudava na mesma escola, só que não era da minha turma. Aí eu via o preconceito de cada um, no caso alunos dessas escolas que eu estudei. Mas na sala de aula não, eles me tratavam muito bem eram amigos, né? Ditavam para mim direitinho e não tinham preconceito.

WL: Segundo a sua visão de mundo o que poderia ser feito para acabar com o preconceito da sociedade com os deficientes visuais?

SM.S: Olha teria que ter assim, mais divulgações em relação a pessoa deficiente, até mesmo em rede de TV precisava, certo? Até estandes também, porque o preconceito ainda existe muito, mas eu acho que não vai acabar tão cedo, a discriminação. Então, precisa a sociedade como um todo ver isso, né? E transmitir aqueles que têm mais conhecimento, transmitir para os leigos que não tem, em relação a deficiência: pessoas que tratam a gente como coitadinho, bichinho. Então, precisava no caso, os que sabem ir as fontes de TV fazer isso, divulgar mais para poder, aqueles que não têm esse conhecimento. Certos deficientes podem começar já, né? A ter um conhecimento melhor em relação a deficiência.

WL: Qual foi a sua maior dificuldade nos estudos?

SM.S: A maior dificuldade. Olhe eu não tive reforço, e essa foi a dificuldade que encontrei muito, porque não enxergava o quadro. E foi na questão da Matemática. Como eu disse, na Matemática tive muita dificuldade que não enxergava no quadro a explicação do professor. Que a gente tem que ficar vendo a explicação do professor ali no quadro, no caso que tem explicação e ele está ali copiando fazendo, os cálculos. E como eu não via, não dava para ver no quadro. Eu não enxergava para longe. Eu sentia muita dificuldade mesmo na Matemática, muita mesmo.

WL: Você consegue material adaptado aqui no caso se você precise?

SM.S: Não, não.

WL: Você consegue comprar esses instrumentos de inclusão aqui em Maceió como bengala?

SM.S: Não.

WL: Você utiliza algum instrumento de acessibilidade para lhe dar mais autonomia no seu cotidiano?

SM.S: Hoje eu tenho o celular, tenho o programa de voz muito importante. Celular, computador também tem o programa de voz, no hoje é muito importante.

WL: Você quer acrescentar mais alguma coisa sobre o assunto?

SM.S: Hoje em dia o preconceito. Com relação ao preconceito, né? Precisa muito do apoio das pessoas para com a gente como lá fora mesmo, onde a gente anda. E muitos ainda tratam a gente, como coitadinhos, certo? Isso me deixa assim, me deixa muito triste. Precisa muita melhora e conscientização das pessoas com relação com a pessoa deficiente. Que das vezes que trabalhei também quando eu trabalhei que eu dava palestra nas escolas. Então, quando eu ia dar estas palestras né? Tinha uns que tratavam bem já outros, né? Parece que não queria aceitar. Entende, isso aí precisa de muita melhora para a conscientização das pessoas nas ruas, né? Onde houver deficiente até para ajudar atravessar uma rua, eles não tem a informação correta e puxam a gente de repente. Outros a gente pede informação e eles falam mais uns 5, 10 metros e como é que vamos ter essa visão? Então, eu acho que é preciso melhorar as pessoas, entende? Precisa de um trabalho como um todo da sociedade, e espero que isso melhore um dia.

WL: Então vamos ficar esperando, torcendo por isso. Agora encerro a entrevista com SM.S.

**APÊNDICE D – ENTREVISTA COM IL**

Entrevistador: Willer Bertoldo Lins sigla: WL

Entrevistada: IL

Data: 27 de agosto de 2016

**Questões do banco de dados**

WL: Onde você nasceu?

IL: Maceió, 27 de maio de 1981.

WL: Qual a sua idade atual?

IL: 36 anos.

WL: Formação educacional?

IL: Ensino médio completo.

WL: Atividade profissional?

IL: Operador de call center.

WL: Você é deficiente visual baixa visão. Como você se enquadra?

IL: Deficiente visual.

WL: Vou repetir a pergunta que eu fiz acima. Você é deficiente visual baixa visão ou cega e se a doença é hereditária e qual o motivo?

IL: No meu caso foi um acidente no banheiro que ocasionou a atrofia no nervo ótico. Aí, fiquei sem enxergar.

WL: No caso você é deficiente visual total não enxerga nada, não é baixa visão?

IL: Não, não sou baixa visão.

WL: Quando começou a trabalhar?

IL: 2013 com aprendizagem industrial para pessoas com deficiências, passei um ano no curso, um ano na parte do estágio. Já fazem dois anos que trabalho na empresa.

WL: Por que você começou a trabalhar?

IL: Porque, acredito que a deficiência, ela não é um empecilho para que você seja normal como os outros. Eu acho que é apenas uma limitação, isso não impede que eu possa seguir minha vida normalmente. E, eu sempre, acredito que trabalhando e mostrando a sociedade que você tem capacidade para chegar em qualquer lugar. E isso, é muito motivador.

WL: A sua família foi fundamental para a escolha da sua profissão?

IL: Sim, sempre eles deram apoio . Eles nunca me deixaram desistir. E sempre que eu tentei e que eu desanimei em algum momento, mais, eu sempre tive o apoio deles. Eles foram fundamentais para que eu chegasse onde eu cheguei.

WL: Você acabou de responder o por quê? Que seria a próxima pergunta.

WL: Você já trabalhou sem deficiência, ou seja, você trabalhou antes?

IL: Antes. Trabalhei antes de adquirir a deficiência.

WL: Onde você trabalha atualmente?

IL: Casa da indústria.

WL: Quais instrumentos necessários para você executar suas tarefas com autonomia no seu trabalho?

IL: Um computador com leitor de tela, no caso lá eu uso o NVDA com headset, tenho um fone.

WL: Explica o que é headset?

IL: Headset é o que eu utilizo para poder atender os telefones, porque eu trabalho atendendo tanto na parte receptiva quanto ativa. Eu recebo as ligações e ligo para os clientes informando os cursos que estão em aberto, aí eu uso o headset e o fone de ouvido que é para poder ter o auxílio do Leitor de tela através do computador.

WL: Como você pode adquirir esses instrumentos que facilitam a sua inclusão?

IL: Dentro do meu trabalho?

WL: Sim, até mesmo na sua vida. Caso você precisar de algo você fala com quem?

O que é que você faz para conseguir?

IL: Eu Entro naqueles site que existe hoje, né? Tem o bengala branca, tem o próprio. Tenho um colega em BH que ele tem, acho que é aparelho acessíveis, então tem vários sites que é que tem o nosso equipamento, né? Que a gente precisa tanto do programa para voz como o próprio NVDA, a bengala, pulsão, gravadores, relógios, diversas coisas. Então, fica bem mais fácil hoje.

WL: Você utiliza bengala?

IL: Sim.

WL: Você conhece a bengala verde?

IL: Eu já ouvi falar sim, da bengala verde mas nunca comprei nada lá.

*WL: Ela não tinha noção do que é a bengala verde, e eu, posteriormente, expliquei para ela o que era e o seu significado na atualidade. E, também, servia de identificação dos baixas visões.*

WL: Você já sentiu preconceito ou discriminação por ser uma pessoa com deficiência na sociedade, escola ou ambiente?

IL: Sim, já senti sim.

WL: Você poderia comentar como foi, onde foi?

IL: Na escola quando eu já tinha ingressado para o ensino médio, com determinado professor na matéria de Matemática. Ele entrou na sala deu a aula e tudo, e no meu caso eu pensei, né? Que no caso, a diretora por saber que a escola trata com acessibilidade, ela já teria passado para os professores sobre a minha limitação, mas não. Então, ele chegou na sala e começou a dar aula e tudo. Não se apresentou, e quando ele pediu para que eu fosse a até o quadro para responder eu expliquei que eu não enxergava. Aí, ele foi e me perguntou o que era que eu estava fazendo dentro da sala de aula, que não era para eu está dentro da sala de aula, que não tinha condições nenhuma de me ensinar e nem a escola estava apta a me receber.

WL: E isso era no ensino regular que você estava falando?

IL: Isso, no ensino regular.

WL: No caso só foi essa situação ou você teve outras que você queira relatar tipo, na rua?

IL: Na rua a gente encontra sempre. As pessoas que acham que a gente tem que estar em casa, como eu já discuti no ônibus que uma senhora falou que lugar de cego é em casa, não era na rua. Aí eu perguntei o que ela estava fazendo na rua, já que se o lugar de cego é em casa, por que uma senhora estava andando na rua. Aí ela falou que ela é livre. Eu disse então, tenho a liberdade de ir e vir, para onde eu quiser, independentemente de eu ser cega, surda ou cadeirante. Na rua a gente encontra bastante, mas graças a Deus, ao longo do tempo o pessoal está se conscientizando mais, né? Que somos pessoas normais.

WL: Qual o método que você utilizava quando você estudava, para acompanhar as pessoas que enxergam?

IL: É o notebook que era disponibilizado pelo MEC, e os professores mandavam muito por e-mail. Às vezes, eu pegava o meu pendrive e passava o conteúdo, e sempre tinha alunos que sentava do meu lado para que eu pudesse acompanhar junto com os outros.

WL: Você sentiu necessidade de mais material adaptado para você estudar?

IL: Senti muita necessidade, principalmente se tivessem livro em áudio ia facilitar bastante, porque como tinha um notebook tinha professores que nem sempre disponibilizava ao mesmo tempo as coisas por pendrive ou e-mail. Então, eu dependia muito de alguém que anotasse no caderno para que eu tivesse ajuda na escola de cegos, mas se tivesse livros em áudio, realmente facilitava bastante .

WL: Você conseguia passar em todas as matérias na escola de cegos?

IL: Alguns materiais sim, outros ficavam pendentes. Mas uma boa parte sim.

WL: Para você se aceitar como pessoa com deficiência precisou você frequentar a escola de cegos ou psicólogos?

IL: No início eu fui diretamente pra escola. Quando a necessidade realmente apertou, foi onde eu procurei a escola de cegos. Pra psicóloga eu tive mais pra poder tentar assim, não vou dizer que me aceitar, mas conviver com essa limitação já que, no meu caso foi adquirida. Mas eu tive sim apoio de psicólogo na escola de cegos, eu tive apoio do pessoal da escola de cegos e foi bem tranquilo. Depois que a gente realmente se aceita, que a gente passa ter mais confiança, aí tudo melhora os caminhos abrem mais.

WL: Qual o papel da sua família na sua reabilitação e no seu estudo?

IL: Eles foram os principais nessa minha reabilitação porque os meus irmãos me apoiavam, os meus irmãos me ajudavam, me incentivavam a ir para a rua. Foi um período muito difícil me aceitar a ir para a rua sem enxergar. Eu tinha medo de ir pra rua e, a minha mãe. A minha mãe, foi tudo na minha vida né? Aliás, ainda é. Mesmo que ela não esteja viva, mas onde ela estiver ela sempre me passa força, ela que sempre foi meu tudo, meu pedestal, meu esteio, foi tudo para mim. Digamos que eu possa dizer que foi a atriz principal dessa minha novela, ela que me deu apoio de tudo. Pra andar na rua me incentivou bastante, tanto para voltar a estudar, cada conquista minha ela vibrava comigo, cada obstáculo ela chorava junto comigo. Foi a família toda, tudo que você precisa é um suporte, que você tem que ter para seguir em frente.

WL: Qual seria o modelo de educação especial tanto no ensino regular quanto na escola especial? O que você acha que tem que melhorar?

IL: Não, tem que melhorar muito. Um fato muito interessante foi quando eu fiz um curso de massoterapia na Estácio, ali na Jatiúca. E lá não tinha nada acessível, era muito complicado para a gente ir no ginásio mesmo onde tínhamos as aulas práticas. Então, quando a gente solicitou eu achei bonito a atitude da instituição, porque eles colocaram piso tátil no ginásio, plaquetas em Braille nas portas. Na própria Estácio também, botaram elevador, botaram tudo. Fizeram o máximo para que a gente se sentisse confortável, lá, eu sei que está bem tranquilo. Não sei em outras faculdades que eu nunca frequentei, mas nas escolas regulares precisam melhorar e muito! Além, do deficiente visual tem deles que tem diabetes e não consegue ler o Braille. Então, ele necessita desse material em áudio, né? Tem pessoas que não lê o Braille não é por preguiça nem por nada é, porque realmente ele tem dificuldade em termo de sensibilidade nos dedos. Então, os livros em áudio facilitariam bastante e ajudaria muito para que a gente pudesse acompanhar em tempo real com os outros alunos sem depender tanto de alguém para ler para você, ou seja, está do seu lado. Se os exercícios fossem diretamente no computador

você respondia e imediatamente enviava para o professor e ficaria bem mais fácil. O aluno teria mais independência, mas precisa melhorar muito ainda, bastante.

WL: Você falou que nas ruas tem muito preconceito. Para você, o que poderia ser feito para acabar com esse preconceito?

IL: Deveria ter uma reeducação social, entendeu? Mostrar mais o deficiente visual que ele pode trabalhar, ele pode ir para escola, ele pode construir família ter filho, ele pode fazer uma faculdade, ele pode crescer futuramente. No caso profissionalmente quanto no pessoal. Ele é uma pessoa normal só, tem uma limitação, que impede de algumas coisas, mas nada que não possa ser resolvido. Somos pessoas iguais às outras: choramos, rimos, sentimos dores. A gente sai, se diverte, vai para qualquer lugar que a gente quiser né? A sociedade precisa saber que somos seres humanos como qualquer outro, não é necessário tratar a gente como um et, robô ou um coitadinho. Somos normais, a gente pode fazer tudo não tem limitação tem sim, os obstáculos. Tem lugares que realmente que não dá para você ir, mas não é uma pessoa que tipo assim: nossa! não pode andar sozinho. Você precisa ter alguém porque é necessário ter sempre alguém para andar comigo, né? É como no caso das ruas . Elas deveriam ser mais acessíveis, mas é uma questão que temos que lutar ainda muito para isso, mas em termo da sociedade precisa ter uma reeducação sim! Mostrar a vida, o dia a dia da pessoa com deficiência que pode ir e vir como qualquer outra pessoa.

WL: Você encontra muito material acessível para você em Maceió?

IL: Não.

WL Você encontra manutenção dos seus equipamentos aqui em Maceió e como você faz?

IL: Não, Não! Eu sempre peço mais em Salvador e São Paulo. Geralmente mais em São Paulo. Aqui em Maceió não encontro.

WL Tem mais alguma coisa que você queira adicionar que não falamos aqui?

IL: Ficou pensativa em silêncio.

WL: Você não falou das melhorias para o ensino regular e nem para escola de cegos? Você só comentou sobre a faculdade.

IL: Da escola de cegos realmente precisa melhorar e muito, porque as aulas dos atendimentos são curtas e às vezes você, porque depende de aluno para aluno, tem uns que já pegam o assunto mais rápido, outros precisam de uma atenção maior. Então, o horário é curto para que você aprenda o assunto. O colégio mesmo ele tem lugares dentro do colégio que não é tão acessível assim, e professores realmente adaptados para trabalhar para o deficiente. Pessoas que, realmente, queiram ensinar você, não estar ali só para dizer assim: eu estou aqui ajudando um deficiente, mais que saiba lidar com ele.

Ali na escola de cegos eu aprendi muito, me ajudou bastante, não vou negar que não aprendi muito. Aprendi, mas melhorar ali precisa e muito. Não sei como está hoje faz oito ou nove anos que não frequento mais então, eu não sei nem te dizer como está hoje mas, até aonde eu participei, ele precisaria de muita mudança.

WI: Se você tivesse o poder de criar um modelo especial de escola de cegos é fundamental ter...

IL: Há se eu pudesse criar . Eu criaria uma escola aonde o cego tivesse como chegasse encontrasse uma segunda casa. Ele tivesse o apoio psicológico, ele tivesse realmente um suporte para os estudos onde ele pudesse aprender ser independente, onde ele pudesse ter acesso a informática liberal. Como no caso da gente, eu no meu caso não tive, entendeu? Tipo acesso. Eu tenho determinado trabalho de escola para fazer, não tinha aquela sala de recurso para fazer onde eu pudesse ter acesso ao computador. Então, hoje deve ter sim, uma escola aonde você possa fazer os trabalhos de faculdades, escolas, professores adaptados para te ensinar. É como eu já expliquei, pessoas que não lê o Braille como eu. No meu caso eu não leio o Braille, eu sei. Eu fui alfabetizada no braile, sei o braile todinho, mais para ler eu tenho dificuldade por causa da sensibilidade. Então, eu precisaria de muito material em áudio tem muitas pessoas assim, que precisa desse material em áudio pra ter uma melhor aprendizagem, então essa escola deveria ser assim. Ser totalmente acessível em termos de material didático, psicológico, de recreação, de atividade da vida diária, onde ele se sentisse realmente independente não tivesse sempre alguém dizendo: não você vai fazer assim; isso aqui é isso. Onde tivesse tudo que ele pudesse se movimentar sem depender de alguém para guiar seria uma escola totalmente autônoma onde ele saísse de lá preparado realmente para vida, além do apoio familiar que é o principal, né? Seria uma escola assim, totalmente independente pra que ele saísse de lá pronto e pudesse dizer assim: hoje eu vou para rua sem medo. Sair de lá autoconfiante de tudo, que ele precisasse mais a frente futuramente.

WL: Você quer fazer algum comentário sobre o ensino regular?

IL: O ensino regular são os professores que acho que, outros cegos também passaram por isso. Tem professores realmente que sejam e tenham um curso onde ele possa trabalhar com o deficiente Que eles possam saber que aquele aluno que tá ali não é só, porque a escola trabalha com inclusão, mais porque ele tem sede de aprender. E de ter um grande futuro isso seria muito bom lá na escola regular.

WL: Quer acrescentar mais alguma coisa ou eu posso finalizar a entrevista por aqui?

IL: Pode finalizar.

**APÊNDICE E – ENTREVISTA COM AS**

Entrevistador: Willer Bertoldo Lins - Sigla: WL

Entrevistado: AS

**Questões do banco de dados**

WL: Quando e onde nasceu?

AS: Eu nasci em Penedo em 1963.

WL: Qual a tua idade atual?

AS: 53 anos.

WL: Formação educacional?

AS: Terceiro ano científico

WL: Atividade profissional?

AS: Eu componho, eu sou compositora faço umas composições .

WL: Você é deficiente visual?

AS: Sou deficiente visual total.

WL: Qual a doença que causou a sua deficiência?

AS: Quando eu nasci e minha mãe cuidava de 5 filhos, 5 irmãos meus com sarampo. Então, a doença passou para meus olhos. Que veio surgir o glaucoma após a doença.

WL: Então você é de nascença?

AS: Isso.

WL: Tem algum acontecimento na sua infância que você queira relatar de quando você se percebeu como uma pessoa diferente, ou seja, uma pessoa com deficiência?

AS: A exclusão que as pessoas, a minha família mesmo, me impedia de sair. Eu tinha uma certa dificuldade de sair de ir para qualquer lugar, até para andar tinha que olhar bem pros lugares que eu ainda enxergava um pouco. E muitos lugares que eu gostaria de passear, ir ao parque, a minha família não levava. E as pessoas

que chegavam perto de mim ficavam me observando muito com um certo tratamento penoso, assim como: coitadinho, pobrezinho foi quando eu vim me dar conta, mas aí eu me sentia muito rejeitada, não me sentia bem com essas coisas.

WL: Quando você começou a compor?

AS: A minha mestra foi a saudosa professora Maria José, porque quando criança gostava muito de que eu e minhas irmãs liam muitas revistas, livros. Aí eu tomei um pouco de conhecimento de poesia, mas eu não ligava muito. Aí quando comecei a estudar aí a professora, saudosa Maria José, me ensinou que ela escrevia livros de cordéis. Aí ela me ensinou a fazer redação, a criar mensagens, versos, poemas. Aí eu me apaixonei pelas poesias, pelos versos, criar textos e uma serie de coisas, crônicas.

WL: Sua família foi fundamental na escolha da sua atividade profissional?

AS: Não, infelizmente não. Minha família teve pouca participação. Só, a minha irmã me ajudava algumas vezes na atividade escolar, que ela quase não tinha tempo e também, faltou muito interesse.

WL: Você precisa de algumas ferramentas ou instrumentos especiais para exercer a sua função? O instrumento que eu preciso é um notebook, que é o meu.

AS: Sonho para fazer um Blog, facebook e o maior sonho da minha vida que eu ainda vou realizar, com o poder de Deus acima de tudo, é um canal no Youtube, para colocar lá as minhas composições, para que as pessoas passem para outras acessem tomem conhecimento Que eu tenho também, orações eu escrevo também eu pretendo evangelizar as pessoas através das minhas composições. Que eu escrevo.

WL: Como você faz para adquirir esses instrumentos que possibilitam a sua inclusão?

AS: Bem o meu sonho, eu pretendo, porque eu não tenho recursos, não tenho condições. Eu pretendo recorrer à televisão, um canal de televisão, e participar de algum programa para pedir ajuda.

WL: Você conhece a bengala verde?

AS: Não.

WL: Você já sentiu alguma forma de preconceito, discriminação por parte da sociedade por ser deficiente visual?

AS: Já, principalmente quando eu estava tendo aula de mobilidade, as pessoas não respeitavam, ficavam na frente punham o pé no meio do caminho e sem querer batia com a bengala. Enquanto eu me preocupava em não machucar os outros, os outros faziam o contrário.

WL: Você quer acrescentar mais alguma coisa?

AS: Eu quero acrescentar com relação também com esse mesmo assunto, que as pessoas quando vão atravessar, elas deveriam procurar pedir assim, perguntar ao deficiente como podem ajudar a atravessar. As pessoas levantava o braço da pessoa e botava a bengala pra cima. Quando não botava a bengala para frente, que poderia vir um carro de repente, e ao atravessar tinha delas que quando iam atravessar o carro já vinha perto e elas não olhavam não prestavam atenção. Outras não deixam a gente, não esperam nem que agente pegue no braço dela, põe a mão no ombro, que não é o correto.

WL: Como você fazia para acompanhar as pessoas que enxergam na sala de aula?

AS: Eu tinha que ficar atenta, atentamente prestar bastante atenção, pois qualquer desvio poderia ficar alheio algum assunto. Que interessava principalmente na escola regular tinha que tá bem atenta, prestar atenção: o professor escrevendo, o amigo quando estava ditando o que estava escrito no quadro.

WL: Então, no caso você precisava de um aluno para ditar o assunto do quadro, porque você não conseguia acompanhar a aula em sala.

AS: Não, não conseguia. Tinha que esperar o professor explicar primeiro o assunto e o colega que estava do lado, no caso a colega ditava para mim o quadro. E ainda, tinha dificuldade de escrever, porque às vezes ela era muito rápida.

WL: Você tem mais alguma deficiência que não seja a visual?

AS: Não.

WL: Você precisou da escola ou de algum especialista para se aceitar como pessoa com deficiência?

AS: Quando criança não, eu me sentia indiferente das outras pessoas. Teve algum tempo até a minha adolescência, até os 17 anos, eu me trancava no quarto, porque eu acreditava que quando eu fosse sair do quarto as pessoas iriam sorrir de mim, zombar. E eu me sentia insegura, porque sempre, às vezes acontecia. Minha mãe sempre dizia uma frase que eu guardo até hoje, minha saudosa mãe. Ela dizia: onde ela achou deixou. E as pessoas sempre ficavam olhando e me chamavam de pobrezinha, coitadinha, coisa que eu não gostava. Então, houve um tempo que eu me isolei, que a minha irmã me chamava para brincar lá fora, até na sala para assistir tv. Eu achava que as pessoas poderiam passar na rua e olhar e nem gostava de ficar na sala com a porta aberta. Então, eu gostava mais de ficar no quarto, trancada. Teve um longo tempo de isolamento.

WL: Por que neste caso do jeito que você está falando parece começo de depressão. Você com medo de ser jugada, discriminada pelas pessoas.

AS: É exatamente isso. Mas logo depois, eu comecei aceitar, a minha mente abriu mais. Houve pessoas deficientes visuais que começaram a conversar comigo, principalmente quando eu fui para escola. Tive orientação dos professores, orientadores e amigos também, aí foi quando aprendi mobilidade.

WL: Qual o papel da sua família na sua reabilitação?

AS: Bom quando, no início que, eu queria ir para escola ninguém: minha mãe, irmã não queriam. Meu pai era a favor, meus irmãos eram neutros, mas só era a minha irmã mais velha e a minha mãe que não queria. Mas quando eu entrei na escola, minha irmã me levava, depois o meu sobrinho. E quando eu fui para aprender, ter aula de mobilidade eu falei, quando cheguei em casa comentando. Não concordaram minha mãe e irmã, não concordaram. Disseram que eu podia cair na rua, me machucar. Então eu dizia: mas eu estarei acompanhada de uma professora, e a professora já é apta já para esse tipo de ensino. Ela diz: mas mesmo assim você pode desviar de repente cair ou se machucar. Elas tinham aquela insegurança e em casa também tinha a mesma coisa. Quando eu ia para um canto, às vezes tropeçava quando eles avisavam bem quando não avisava, eu tropeçava. Eu tenho uma mania, eu tinha que procurar por mim mesmo desviar, andando devagarzinho,

botando um pé na frente ou alguma coisa na frente para ver o que tinha no caminho. Caso contrário o jeito era assim ou se machucar.

WL: Qual o papel dos professores na sua educação? Eles te ajudaram e o que você esperava deles? Tanto no ensino regular como no especial?

AS: Na escola especial foi onde eu tive mais apoio, onde eu tive mais apoio, apesar que teve algumas falhas também. Mas foi só de uma professora que eu não gostei do tratamento, ela obrigava a gente ler um livro e gritava, mas quanto ao resto todos era um bom tratamento. Já na escola regular, já tinha mais dificuldade, e eu tinha mais dificuldade porque os professores não tinham tempo ou também, tinha professor que não tinha tempo e outros, porque tinham má vontade de dar aula oral, como já havia tendo. Como na escola, eu tinha certa dificuldade de escrever que eu aprendi o Braille logo cedo, mais tinha certa dificuldade, tinha uma certa questão. Eu respondia oral, agora na escola regular eles não queriam dá aula oral, só teve uns dois que teve força de vontade, boa vontade. E ele viu a minha força de vontade, ter aula oral comigo o resto era em grupo, porque eles não conseguia me acompanhar e nem eu acompanhar eles, já que era muito rápido e eu escrevia em braile, errava muito e tinha dificuldade de corrigir. Então, eu tinha que fazer prova oral em grupo ou dupla.

WL: Qual seria o modelo ideal para você tanto na escola regular quanto na escola especial?

AS: Bom na escola especial tinha que ter todos os professores, tem que ter toda atenção voltada para o aluno que tem mais dificuldade. Então, tem que ter paciência tanto na especial quanto na regular, porque tem professores que tem paciência que dá mais atenção e outros não tinham. E na escola regular é que não tem mesmo, já que lá geralmente, tem alunos que fazem barulho o professor que tem que ficar chamando a atenção de alunos que bagunçam, conversam e o professor tem que ficar chamando a atenção a todo instante. E tem professores que quando estavam me dando um pouco de atenção, aí outros alunos já desviavam. Então, na escola regular tinha que ter um professor especial somente para aqueles deficientes principalmente aqueles que tem mais dificuldades.

WL: Você, no ensino regular ou especial percebeu algum preconceito, discriminação?

AS: Bom pelo menos não. Eles tinham, sentiam, não preconceito, discriminação, eles tinham dificuldade que eu ouvia eles cochichando com colegas assim, assim perguntas tipo como é que eu faço com ela; eu não sei como fazer com ela, a minha colega dizia a professora. Ela respondia, professor você passa o assunto e eu dito para ela e ela escreve, mas com relação a prova oral, a prova pode ser oral ou pode ser escrita ou sendo em dupla ou em grupo. Só que ela tem que responder algumas perguntas. Eu até me chateei, porque eu estava ao lado dele, ele em vez de me perguntar, ele perguntava a colega do lado. Eu cheguei até dizer: professor eu estou aqui, porque o senhor não pergunta diretamente a mim? Teve um deles que ficou até meio sem jeito, acanhado, porque eu acho o seguinte se a pessoa estiver do lado, ele tem que falar com a pessoa não com o colega. Foi aí que ele se sentiu à vontade, aí ele começou a conversar comigo. E esse professor que eu falo, um de biologia, era esse que sentia mais dificuldade. Foi aí que ele se chegou mais e sentiu à vontade, qualquer coisa ele perguntava a mim, ele se sentiu mais aberto.

WL: Qual foi a sua maior dificuldade nos estudos?

AS: É porque ele escrevia muito rápido no quadro, e a colega não dava pra ler rápido para que eu pudesse copiar. Quando ela ditava para mim, eu começava a copiar e tem que ser ligeiro. Por ser ligeiro eu errava muito o braile, quando erra tem coisas que não dá para voltar.

WL: Você consegue algum material adaptado para estudar?

AS: Até agora não.

WL: Você usa bengala?

AS: Antes eu usava, mas no momento estou sem bengala. E, porque comecei com a mobilidade aí parei, senti uma certa dificuldade, insegura, medo. Aí parei com a mobilidade, mas eu ia para alguns lugares mais pertos, mas próximo da minha casa. Eu ia para escola, aí eu andava só, andava sozinha, a maioria das vezes, acompanhada.

WL: Você consegue comprar esses materiais tipo bengala que você precisa aqui em alagoas?

AS: Não.

WL: Quais materiais você utiliza no seu cotidiano para ter mais autonomia?

AS: Materiais que eu uso sempre, os materiais que eu uso sempre é tipo assim, quando eu vou assim, para um lugar eu tenho mania de segurar alguma coisa, quando dá para isso, quando não dá para andar só aí, eu geralmente pego algum objeto, pego alguma coisa para poder procurar, tipo quando uma coisa caí no chão. Eu saio procurando eu já vou com um objeto que ache que vai identificar o local onde está.

WL: Você não usa celular que tem leitor de tela?

AS: Não.

WL: Tem alguma coisa que você quer acrescentar mais?

AS: O que eu quero falar é que andam dizendo por aí que o deficiente está entregue a sociedade. Mas eu digo, não totalmente, porque há ainda preconceito, discriminação e isso tem que acabar, porque a gente é gente igual como eles. É uma pena que as pessoas não vejam assim. Na escola, a gente sofre preconceito em qualquer lugar que a gente esteja, na rua sofre preconceito, chega no posto médico aí tem a prioridade, eu acho bom, por um lado não concordo não, porque quando eu vou para o médico minha irmã diz que eu sou prioridade. Eu penso assim, somos todos iguais. Esse negócio de prioridade é bom, mas ao mesmo tempo não é, porque trata o deficiente como fosse o diferente e estamos todos aqui com o mesmo propósito. Então, o certo é cada um ter o seu direito de igualdade. Não tem essa não, de ele tem prioridade porque ele é deficiente, muita gente vê o contrário: ah, porque é coitadinho! Então, vamos logo deixar o coitadinho entrar, logo como muita gente. Como eu já ouvi em outro médico, no consultório médico, gente que chega dizer vamos deixar logo, porque ele é deficiente. Até as pessoas ficam de mau humor, aborrecida. Aí eu penso assim, poderia se ter prioridade, deve ter que é um direito que nós temos, mas que as pessoas deveriam respeitar mais, porque tem muita gente que tem prioridades, mais muitos não ver isso. Ficam tratando o deficiente como fosse coitadinho, ele tem prioridade, porque ele é um coitado! Quem já foi no posto médico já viu.

WL: Para acabar com essa visão para você o que é necessário?

AS: As pessoas deveriam se informar mais, tomar conhecimento do deficiente, ver a capacidade deles, ver o quanto ele é capaz. O próprio “Profissão Repórter”, na Rede Globo, exibido essa semana, passou deficientes visuais que estavam mostrando toda a sua capacidade. Pessoa com a síndrome de Usher, uma doença que a criança nasce com deficiência visual auditiva. Então, estavam mostrando as capacidades das pessoas. Eles deveriam tomar conhecimento das pessoas.

WL: AS estou encerrando a entrevista por aqui. Obrigado pela entrevista.

**APÊNDICE F – ENTREVISTA COM OS**

Entrevistador: Willer Bertoldo Lins Sigla: WL

Entrevistado: PS

Questões do banco de dados

WL: Quando e onde nasceu?

PS: 10 de Maço em 69, em Joaquim Gomes.

WL: Formação educacional?

PS: Universitário incompleto.

WL: Atividade profissional?

PS: Por motivo de deficiência visual eu fiquei de benefício, e trabalhava como programador de computador.

WL: Você é deficiente visual?

PS: Sim, eu sou considerado cego legal, eu sou baixa visão baixíssima visão.

WL: qual o motivo da sua deficiência?

PS: É de nascença, eu tenho problema visual e foi agravando, e principalmente com a minha atividade de frente ao computador é que acelerou o processo.

WL: Quando você se percebeu uma pessoa com deficiência, na sua infância?

PS: Isso me instigou a ser mais responsável e esmerado nas coisas que eu fazia, já que eu acreditava que tão logo eu não poderia fazer muita coisa.

WL: Ah! Então, você já sabia que iria ficar assim?

PS: Foi que eu me lascara, iria perder a visão.

WL: Quando você começou a trabalhar?

PS: Eu comecei a trabalhar desde pequeno, criança 9 anos. Meus pais deram atividade aí fui crescendo, e com 14 anos fui trabalhar de office-boy em uma empresa.

WL: Por que começou?

PS: Por questão financeira, meus pais muito pobres. A gente era nove irmãos em uma casa. Inicialmente eram doze, mas três morreram e eram nove. Meu pai sem letras, sem alfabetização, trabalhador informal e aí os filhos tinham que ajudar.

WL: Sua família foi fundamental para escolha da sua profissão?

PS: Família, família não foi fundamental para escolha da profissão. O que ocorreu para mim trilhar por essa área de computador, foi uma empresa que a gente, eu,

trabalhava, moderna que utilizava muito de computador aí eu fiquei muito fascinado com aquilo. Eu já era menino muito humilde e quase o único eletrodoméstico sofisticado que eu tinha em casa era o televisor naquela época, aí quando eu fui trabalhar em uma empresa que tinha telefone várias teclas aquilo me fascinou e eu fiquei apaixonado por tecnologia me aproximei, e eu peguei a primeira oportunidade que ocorreu.

WL: Quando foi a sua primeira experiência profissional?

PS: Profissional em desenvolver alguma tarefa por dinheiro?

WL: É assim, trabalho atividade econômica

PS: Trabalho, atividade econômica foi aos 9 anos, eu pegava frete no mercado da produção. Aqueles menininhos que pegam carregos na feira. Ali foi as minhas primeiras atividades aos 8, 9 anos. É, 9 anos. Aí fui desenvolvendo, crescendo caminhando a partir daí.

WL: Onde você trabalha atualmente?

PS: Estou de benefício pelo INSS.

WL: Neste tempo você não utilizava de instrumentos para auxiliar você com a sua deficiência?

PS: Não, porque meu grau de deficiência ainda era funcional. Consegui desenvolver com ajuda de óculos, lente de contato, a maioria das minhas atividades.

WL: Você utiliza Bengala?

PS: De teimoso. Meu médico já me provocou várias vezes para enfrentar esse desafio e eu não estou, não tive coragem de enfrentar, mas tem indicação médica para isso.

WL: Você conhece a bengala verde?

PS: Conheço. Um amigo meu me indicou.

WL: Você já sentiu preconceito, discriminação por ser deficiente visual? E você poderia comentar como foi?

PS: É, o preconceito existe em todos os cantos em todas as pessoas, essa é a minha visão. Mesmo que as pessoas não queiram enxergar isso, eventualmente a gente percebe. Por exemplo, o preconceito não existe quando você é auto suficiente, a partir de quando você precise das pessoas uma vez, duas vezes pela sua deficiência você vai ver um certo preconceito, uma certa resistência e isso ocorre sempre. Sempre que eu for, a gente não está lutando aqui, porque é bonito porque é legal é, porque a gente precisa e nessa necessidade, a gente precisa de apoio e aí você percebe que não é tão simples, tem uma resistência.

WL: No caso para ficar mais claro. Aqui vou voltar agora às perguntas mais voltadas para educação.

Você estudou o ensino fundamental, e médio sem ter auxílio de nada?

PS: De nada. Eu terminei o meu ensino médio pela caridade, como diz Cazuza, pela caridade de quem me detesta. “Como assim?” Eu, de tanto pedir o caderno aos colegas. Os colegas não gostavam de mim, eles diziam assim: “rapaz você não trabalha e por quê? Você quando chega na sala de aula, você vem pedir o caderno.” Porque eu não enxergo o quadro. Mas ficavam às vezes, davam às vezes, não davam e eu ia sobrevivendo assim até terminar o segundo grau. Por isso, que eu passei 21 anos depois que eu terminei o segundo grau. Eu passei 21 anos fora da sala de aula, aí eu voltei quando que eu conhecia que existia alguns recursos de inclusão escolar, mas até naquele momento no final, quando terminei o ensino médio, não existia nada disso, era pela caridade dos outros mesmos. Aí tinha esses problemas.

WL: O método que você utilizava para acompanhar as pessoas que enxergam na sala de aula do ensino fundamental, médio?

PS: Pedia o caderno aos amigos e transcrevia os assuntos.

WL: Você tem mais algum problema além da deficiência visual?

PS: Não, que eu jogue não. Pode ser algum, algum eu acho que não tenho nenhuma outra deficiência além da visual. Chato! Eu acho que não seja, deficiência.

WL: Você para se aceitar como uma pessoa com deficiência, você precisou passar pela escola de cegos ou um profissional da área, como um psicólogo?

PS: Não, eu passei pela por uma escola aqui em Maceió que atende a deficientes visuais. É, foi é chamada de nome Cyro Aciolly. O meu objetivo lá foi adquirir mais um preparo, já que naquele momento, que eu fui à Cyro Aciolly, eu não tinha condições de estudar por conta própria, com os recursos que existiam. E aí sendo a escola de cegos, eu fui a procura para poder, me chegar ao nível necessário para que eu passasse no vestibular.

WL: Qual foi o papel da sua família na sua reabilitação e nos seus estudos?

PS: Certo. É, o papel da minha família, a minha família é um pouco grande eu vou dizer tenho uns 9 irmãos, todos eles com baixo nível de escolaridade. Então, a visão dessas pessoas é resumida, né? Então, o que ocorre se eu fosse deixar e passar pela análise, pelo ponto de vista deles, me enquadrar ao ponto de vista da minha família, vivia do LOUAS. Eu seria um coitadinho, eu não podia fazer nada aqui, mesmo a gente corre risco, todo mundo corre risco quando sai de casa mais o deficiente, a pessoa deficiente corre muito mais e aí, pelo gostos deles era para ficar dentro de casa não era para sair, para estudar não, era para mim se lançar neste a sorte, né? No meio da rua, pelo mundo me atropelando, trombando nas pessoas.

WL: Muito cuidado?

PS: É, muito cuidado. Eles têm cuidado, mas no final eles não vão cuidar da gente. Se você não tiver estrutura, adquirir, formar sua própria estrutura, ninguém vai fazer por você.

WL: O que você esperava dos professores do ensino médio ou faculdade?

PS: No ensino médio eu não esperava nada, porque eu não tinha conhecimento, não tinha noção que isso poderia vir existir. Agora, muito jovem terminei o ensino médio, com 21 anos atrasado, mais terminei neste tempo aí eu não tinha, eu não posso, eu não esperava nada de ninguém. E era eu e Deus, minha coragem e Deus. Agora você fala sobre a universidade?

WL: Pode ser também.

PS: O agora já na universidade a partir de 2010, quando eu entrei aqui eu já achei, eu já tinha uma assim, eu já era muito crítico. Eu achava que a universidade tinha que ter mais cumplicidade com todas as leis de inclusão e recurso de inclusão. Eu, eu vejo assim que a faculdade deveria ter tudo isso comprometimento, com tudo isso.

WL: O modelo de escola especial para você tanto pode ser no ensino fundamental, médio e na faculdade?

PS: De baixo do início. É muito importante o Brasil adotar essa política educacional de inclusão onde é, coloca todo mundo junto e misturado, né? É aluno especial com aluno normal, porque daí a sociedade vai tendo uma convivência mais orgânica com as pessoas com as pluralidades. As pessoas vão tendo àquela relação íntima, não vou dizer íntima, mas bem próxima do deficiente. E aquilo vai propiciar um nível de aprendizagem e de respeito ao diferente. Isso, é claro que depois da escola regular você teria que ter um núcleo que desse o reforço, mas inicialmente as pessoas devem conviver, as pessoas devem conviver com a pessoa diferente para humanizar aquelas limitações, ver de forma humanizada aquelas limitações que é passivo de todos, que todos somos passivos de ter de um momento para o outro passar a ser uma pessoa com dificuldade, com mobilidade reduzida, deficiência e diversas.... Então, esse tipo de pedagogia da pessoa estudar todo mundo junto é muito importante para a formação de uma sociedade mais humanizada mais compreensiva.

WL: Você já percebeu algum preconceito no ensino regular ou faculdade?

PS: Preconceito existia, sim. É visível como naquele tempo, naquela época eu usava um óculos de grau muito forte, as lentes dos meus óculos eram chamadas de fundo de garrafa era realmente um fundo de garrafa. Então, as pessoas faziam gozação daquilo, não era culpa delas aquilo, a tecnologia até naquela época era muito atrasada, atrasada também o conhecimento, relacionamento humano com aquele tipo de tecnologia arcaica, né? Então, eu não vou julgar, naquela época se uma pessoa me chamasse de fundo de garrafa, “ei, quatro olhos”, “ei, fundo de garrafa”,

eu não vou julgar que aquela pessoa é totalmente mau, mas ela estava descrevendo o que ela estava vendo, era um fundo de garrafa mesmo entendeu? Agora, e aí cabe a sociedade avançar, evoluir e chegar ao ponto que chegou. Então, quando eu passei a usar lente de contato eu tive outro tratamento, a pessoa foi desaparecendo aquele tipo de estigma de tratamento: fundo de garrafa, quatro olhos.

WL: Sei sim, até fizeram música como a dos Paralamas do Sucesso. Por que você não olha para mim, e aí vai.

PS: Né verdade. Então, a gente não culpa. Eu não vou culpar, na verdade se eu fosse uma criança naquela época sem muito esclarecimento, a educação não era e não existia essa relação que nós temos com a tecnologia hoje, né? Naquela época era tudo atrasado. Então, se as pessoas me chamavam de fundo de garrafa, ela estava descrevendo o que estava vendo, né?

WL: E na faculdade?

PS: Na faculdade não existe preconceito assim que eu diga sim, como estético a pessoa não ver assim.

WL: Entendi.

PS: Mas, existe preconceito da pessoa não entender as suas dificuldades. Tem pessoa que diz por quê? Você não fez a tarefa? Porque você não quis. Tão simples assim para um deficiente visual, né? Tudo na sociedade e no mundo, todo tipo de informação vem por meio do visual, né? Nada é adaptado nada é adaptado para tato. Em áudio você tem que lutar, brigar para poder conseguir, para conseguir seu material em áudio e para poder ter acesso aos seus estudos. Adaptado em tempo atrasado, atrasadíssimo. E aí a pessoa diz, o colega de curso, você fez eu digo não, mas o pouco que eu fiz mais que você, porque você fez você tá com os material em mãos a dois meses e eu estou com o material em uma semana e fiz 50%.

WL: Não será porque você é subnormal e não aparenta? Você tem alguma deformidade nos olhos?

PS: Oh, não! Não tenho deformidade nos olhos.

WL: E nem usa bengala?

PS: E nem uso bengala. É! Mais se eu não uso bengala, repetindo, é por teimosia e aí eu corro o risco de pagar muito caro por isso, eu ando acompanhado pela minha filha, minha mulher, e eu estou aqui agora, mas a minha mulher vem daqui a pouco me pegar e me acompanhar até em casa.

WL Mas na sua visão de mundo, o que poderia ser feito para acabar com esse preconceito da sociedade?

PS: Mais tecnologia, mais tecnologia, só isso. Exclusivo na educação. No Brasil, os governos e as instituições de ensino tem que ampliar, aprofundasse nesta inclusão, nos diversos níveis de ensino para que isso crie-se uma cultura, uma relação orgânica com a pessoa com deficiência, e o respeito seja uma coisa normal. O

respeito ao diferente seja uma coisa normal e tecnologia. É isso que eu vejo como solução para os problemas.

WL: Vou ser um pouco repetitivo, mas para você qual foi a maior dificuldade nos estudos? Isso além da deficiência, para você qual foi a maior barreira?

PS: Em diversos níveis, quando na educação básica eu usava os meus óculos, e aí eu era um menino muito peralta, muito danado e às vezes eu quebrava e aí eu ficava, naquela época os óculos demoravam dois meses e mais meses para chegar. Os óculos eram tão caros que os meus pais tinham ganhar do Estado. Raramente, era difícil, mas às vezes meu pai comprava, mas era difícil geralmente era o governo do estado que dava. No ensino fundamental eu já era adolescente e aí eu comecei a trabalhar, custear as próprias despesas mas assim, quando quebrava, quando perdia uma lente de contato jogando bola, quando perdia uma lente de contato na praia tinha um prejuízo muito grande e demorava muito para fazer, era coisa de um mês também. Para fazer a lente de contato e fazer o óculos era uns 20 dias e agora não, essa lente de contato é dentro do olho por meio de facectomia, por meio de facectomia, e os recursos de tecnologia inclusiva digital chegaram. A minha vista está sumindo, está apagando e conseqüentemente as tecnologias inclusivas estão chegando para dar o apoio, né? É necessário que essa tecnologia continue avançando, evoluindo mais a doença não, é bom que a doença regrida.

WL: Qual foi o método necessário que você utilizou para burlar essas dificuldades nos estudos?

PS: Quando eu era menino, quando eu fazia a educação básica eu tive de desenvolver uma boa memória. Eu dizia: Professora, a senhora pode ditar o que a senhora escreve? a maioria das professoras ditavam. Ela escrevia no quadro eu lia. O que é que acontecia, eu decorava toda aquela leitura que aquela professora fazia uma página do quadro, uma lousa. Ela escrevia tá, tá. Ela ia escrevendo e lendo e eu decorava, quando ela terminava que começava a apagar, eu ia, tum, tum. Eu escrevia quando ela começava a outra. Ela tinha uma certa cumplicidade, ela apagava, me dava um tempo, ficava comentando alguma coisa, ia no birô pegava uma coisa, pegava outra e ali já era o tempo de eu tam, tam, entendeu? Eu sempre acompanhava ela escrevendo e digitando, perdão! Escrevendo e lendo. Eu acompanhava era assim, quando ela ia escrevendo e lendo e eu ia digitando, quando ela terminava eu terminava junto com ela. Não era bem assim como eu disse inicialmente que ela fazia tudo depois ia lê e eu ia escrever. Não, o tempo que ela conseguia escrever no quadro e lê, eu acompanhava na escrita no caderno. Esse foi o método que eu usei quando eu era educação básica. Assim que eu lembro claramente na educação secundária, eu pegava os cadernos dos colegas, às vezes, eu levava para a casa, poucas vezes que eles deixavam, né? Cada colega tem interesse em seu caderno não pode entregar a outro né? Eu levava para a casa mais na maioria das vezes eu resolvia ali mesmo na sala de aula, ia lá para um

cantinho tam, tam. Por isso, que eu não tinha tempo para fazer amizades, não tinha tempo para sair da sala, não tinha tempo para brincar. Ficava ali na sala tá, tá, escrevendo, entendeu? Isso o ano todinho, você enche o saco. Aí você pula para outro colega, quando você enche o saco de um colega, aí você pula para outro. Fulano me empresta o caderno? quando você diz assim: aí você pula para uma menina, não sei o que, e assim ia. Assim, todos os anos, o ano todinho, todas as matérias.

E na UFAL, universidade eu utilizo fontes ampliadas na tela do computador, porque não adianta eu usar fontes ampliadas no papel, porque a minha capacidade de leitura é ruim mesmo, eu não vou ler uma fonte ampliada eu vou ficar montando, lendo com muita dificuldade. Então, no computador eu leio com fontes ampliadas e uso mais as gravações. AH, perdão! O sintetizador de voz.

WL: Vamos mudar de assunto um pouco vamos voltar a falar sobre a escola de cego de Alagoas. Qual a sua visão sobre a escola de cegos e o que seria necessário para melhorar ?

PS: A escola de Cego.

WL: De cegos.

PS: Se eu não me engano está escrito escola de cego.

WL: De cegos.

PS: Escola de cegos mais é verdade ali é escola de cegos, não é escola para cegos, por quê? Porque, lá existe pouco recurso pra ajudar realmente, melhorar realmente a capacidade do aluno com deficiência visual, né? Ali é mais, na minha visão, é mais um local aonde os deficientes tem um lugar para ficar, um lugar para interagir, um lugar para conhecer outros, interagir entre os coleguinhas fazer amizade, né? Estudar alguma matéria que eventualmente estejam com mais dificuldade, mas ampliar mesmo seu ensino, melhorar, evoluir, avançar, reforçar seu estudo, eu não vi assim não. Eu tive que... Eu não encontrei reforço no ensino lá na Cyro.

WL: Você acha legal a separação do CAP da escola de cegos?

PS: É como eu disse: o Brasil está em sintonia com os principais países do mundo, em termo de educação inclusiva. Ele junta todos os alunos todos os tipos de alunos, agora esses alunos especiais deveriam ter um reforço no chamado CAPS, né? Qual o significado mesmo?

WL: O nome eu vou ficar devendo, mas agora esqueci. É Centro de Apoio Pedagógico.

PS: Sim, sim, isso mesmo Centro de Apoio Pedagógico. Então, esse deveria existir para todas as deficiências. Você vai estudar em escola regular e aí, você vai ter um reforço especializado no seu CAPS. Aí então, a escola Cyro Acciolly ficaria desfocada. Ela teria que ser escola, uma escola qualquer inclusiva, né? E o CAP ser o reforço desse seguimento de deficiência, aí todas as escolas deveriam ser um

CAP com apoio para várias deficiências. É aí todas as escolas deveriam ser inclusivas. Mais investimento para o professor para ter noção do Braille e mais investimento no professor para ter noção de Libras e etc...

WL: Mobilidade!

PS: É! Algum profissional lá com instrução para dá apoio de mobilidade, mas não existe uma escola de cegos, porque é fica como se fosse uma clínica. Só os meninos ali, um monte de menino ali. Eu acho que ali deveria ser um CAP mesmo.

WL: Você consegue material adaptado aqui em Maceió?

PS: Oh, Não! Não, porque é o seguinte: para o aluno com baixa visão, ele não ler, né? Por si só ele não consegue ler. Então, ele vai depender do computador para ler. O computador tem uma limitação, ele não lê PDF. A maioria dos textos acadêmicos, científicos e de livros, eles estão em PDF, e aí, quando você transfere ele, quando você adapta ele para editável, para padrão Word, por exemplo: que é um padrão que o sintetizador ler, e aí ele gera alguns caracteres com erros. E aí, você vai precisar do apoio de uma pessoa para corrigir aqueles erros que você não vai conseguir fazer, né? Então, aqui na universidade mesmo, todo o meu curso eu estou dobrando o tempo do meu curso. Por exemplo: o meu curso é de 4 anos eu vou fazer 8. Sob força de lei, eu já era para ser jubilado, por quê? Porque, diante de todos os problemas ainda tenho esse, de fonte de material do meu curso, para material inclusivo não existe. Então, todo o material chega agora, agora que ele vai entrar numa fila para ser adaptado. E aí, demanda tempo e nesse meio o seu computador pega vírus, nesse meio você tem problema de saúde, nesse meio, você tem isso, tem aquilo, você chega atrasado, você perde aula, e são um monte de possibilidade de coisas, né?

WL: Eu estou entendendo. Você por chegar atrasado por causa da limitação visual. Então, você requer mais tempo do que uma pessoa normal para fazer alguma coisa que uma pessoa normal faz em menos tempo.

PS: É. As pessoas aqui em Alagoas, né? No Brasil, no Brasil não sei, mais as pessoas aqui em Alagoas acham que deficiente tem muito recurso. Agora, na minha cabeça, pura ignorância. Eles não sabem como são tratados os deficientes dos países de primeiro mundo, né? Aqui na universidade se você fizer uma pesquisa, universidade federal brasileira, ela está no patamar quase de um país do primeiro mundo. A universidade brasileira compete, ela está em níveis como países, alguns países da Europa em termos de investimento, entendeu? De investimento, eu não sei se de retorno, mas de investimento é. Agora, para o aluno especial não. Ah! isso é coisa de país de primeiro mundo, aqui não é o primeiro mundo, não é um país de primeiro mundo! Preconceito isso, né? Porque, o investimento na educação federal é a nível de alguns países de primeiro mundo, porque a educação especial tem um déficit é tão grande, né? E aí cada qual quer investimento para o seu seguimento e as minorias que sobrevivem de qualquer jeito aí.

WL: Beleza PS! E Você utiliza de quais ferramentas de acessibilidade para melhorar a sua vida e ter mais autonomia?

PS: Ah! Apaixonado por tecnologia desde menino. Menino não, desde jovem. Eu tenho uma ligação profissional com informática, computador e aí eu utilizo o celular adaptado, computador adaptado e gravador, né? Gravador. Até na minha TV eu faço pesquisa por voz na TV, no Google.

WL: Ok. E onde você consegue encontrar esses materiais adaptados?

PS: Os Americanos, o capitalismo maravilhoso tudo pela Google, pelo Android, pela internet, pelo android, pelo Office, pelo Word pela Microsoft.

WL: Mais alguma coisa que você queira acrescentar? Algum relato de preconceito que você sofreu na sociedade. É para terminar a entrevista.

PS: Não, eu acho que não. Eu fico satisfeito em ver que sempre existe algum acadêmico aqui na universidade, em ser tocado de alguma forma a desenvolver algum trabalho acadêmico voltado para o aluno com deficiência, e eu acho que o acúmulo desse conhecimento deve gerar uma ação e até fico feliz por isso. Pelo seu trabalho agora e de outros alunos que eu já fui entrevistado que desenvolvia um projeto que incluía o aluno com deficiência. E aí fico feliz porque existe alguma coisa acontecendo. Pelo menos, em nível de trabalho acadêmico.

WL: Você quer comentar sobre o NAC ou quer me mandar por e-mail ou digitado depois?

PS: Posso falar aqui posso complementar no próprio NAC. Agora o NAC. eu acho.

WL: É por que assim, a gente está na universidade federal, no dia 26, no próprio Nac. PS pode continuar.

PS: O NAC ele é pequeno. Ele nasceu bem minúsculo, agora está um pouquinho maior, ainda assim é pequeno para as questões. a gente está aqui fazendo essa entrevista na recepção só, tem duas salas no NAC. O NAC parece que é uma sala de 3m x 7m. Então, com uma divisória de 2m x 2m dentro desse 3m x 7m. Tem uma salinha de 2m x 2m. Então, para a grandeza da inclusão do aluno especial na universidade precisa crescer, né? Precisa ampliar e mais investimento nesse sentido. Pelo menos, duas salas dessas, é melhoraria, né? Aquela coisa, é melhoraria o atendimento profissional assim, mais com formação específica, né? Que a maioria 99% dos atendimentos são feitos por estagiários de diversos cursos, né? Acadêmicos eles não tem formação pra dirimir, compreender pra entender todas as demandas. Não toda, mas as principais demandas do aluno com deficiência, né? Eles ajudam, ajudam e ficam aí sem entender com profundidade para poder dar resposta.

WL: Você quer acrescentar mais alguma coisa? Se não encerro a entrevista por aqui.

PS: Não, eu me dou por satisfeito.

WL: Então, eu agradeço e a entrevista encerra por aqui.